

# JOGOS MACABROS

O único jeito de vencer o jogo  
é ser o último a permanecer vivo...

AUTOR DA SÉRIE **GOOSEBUMPS**

# R. L. STINE

GOBO **ALÉ**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

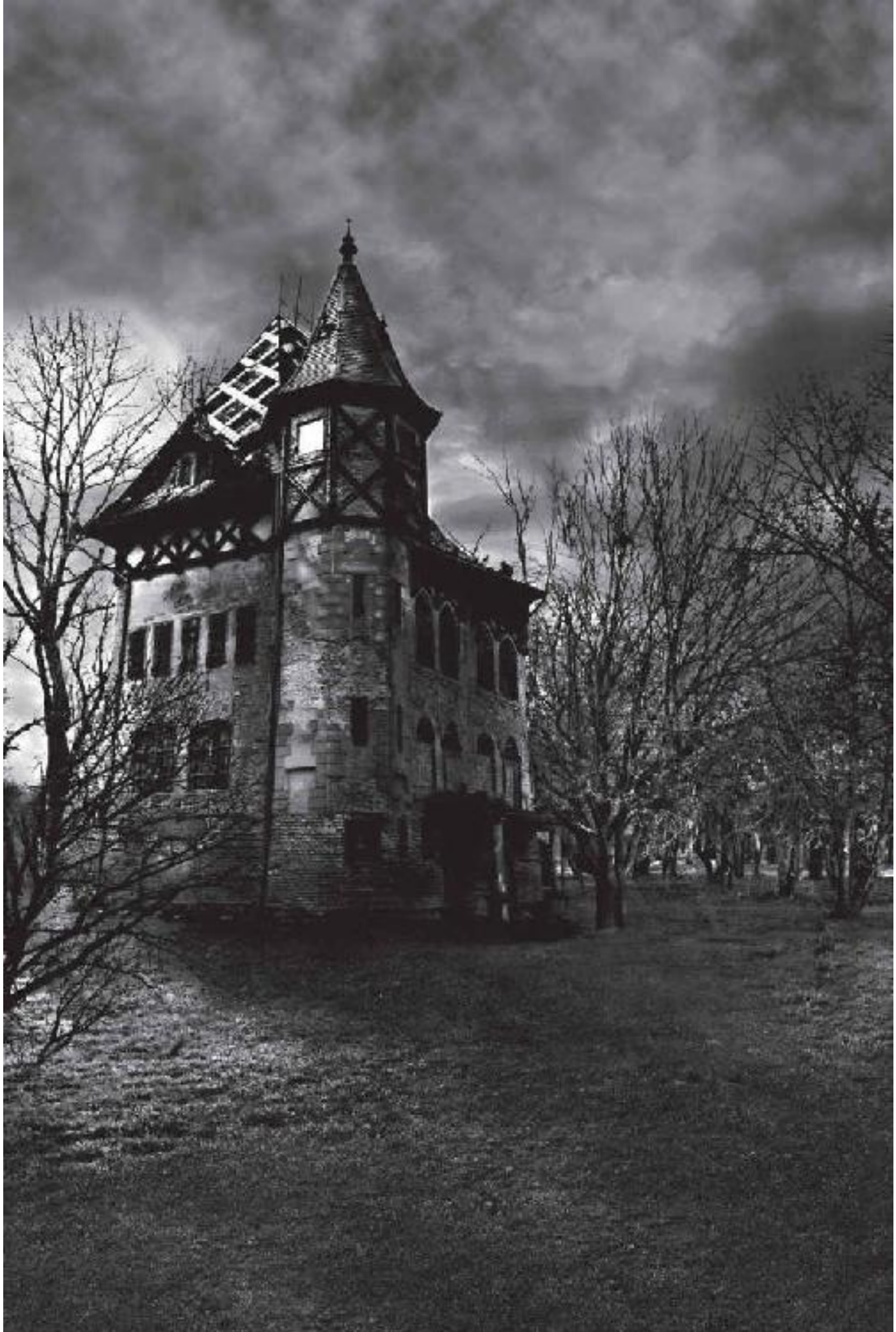
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***





# Jogos macabros

R. L. Stine

Tradução  
Alice Klesck

**GZOBO Alt**



# **Estrada dos livros**

**Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho**

Copyright © 2014 by Parachute Publishing, llc  
Publicado em acordo com St. Martin's Press, llc. Todos os direitos reservados.  
Copyright da tradução © 2016 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos copyrights.

**Título original:** *Party Games*

Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**  
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**  
Editor digital **Erick Santos Cardoso**  
Capa **Diego de Souza Lima**  
Tratamento de imagem **Roberto de Souza Bezerra**  
Diagramação **Eduardo Amaral**  
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**  
Preparação **A Florista Editorial**  
Revisão **Erika Nogueira e Jane Pessoa**

**Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S876p

Stine, R. L.  
Jogos macabros / R. L. Stine ; tradução Alice Klesck. - 1. ed. - São Paulo : Globo, 2016.

Tradução de: *Party Games*

ISBN 978-85-250-1512-9

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Klesck, Alice. II. Título.

15-28688 CDD: 028.5  
CDU: 087.5

1ª edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos por Editora Globo S.A.  
Av. Nove de Julho, 5.229 – 01407-200 – São Paulo – SP  
www.globolivros.com.br

# Sumário

[Capa](#)

[Ilustração](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[Primeira parte](#)

[capítulo 1 - O convite](#)

[capítulo 2 - O aviso](#)

[capítulo 3 - O mistério da porta aberta](#)

[capítulo 4 - Mac é um psicopata?](#)

[capítulo 5 - O jogo](#)

[capítulo 6 - "Ouvi coisas que não deveria."](#)

[capítulo 7 - "Sinta medo, Rachel."](#)

[Segunda parte](#)

[capítulo 8 - Um calafrio](#)

[capítulo 9 - Sangue na água](#)

[capítulo 10 - Animais atropelados](#)

[capítulo 11 - Uma festa incrível](#)

[capítulo 12 - Histórias de espíritos](#)

[capítulo 13 - "Você não está se preocupando demais?"](#)

[capítulo 14 - Pendurado](#)

[capítulo 15 - "Alguém está me ameaçando."](#)

[capítulo 16 - Outro bilhete](#)

[Terceira parte](#)

[capítulo 17 - Tem um assassino na casa?](#)

[capítulo 18 - No escuro](#)

[capítulo 19 - "O assassino está brincando com a gente."](#)

[capítulo 20 - Penetras](#)

[capítulo 21 - Um amigo desaparece](#)

[capítulo 22 - Outro jogo](#)

[capítulo 23 - Um convite fantasmagórico](#)

[capítulo 24 - Outro intruso](#)

[capítulo 25 - Mais gritos](#)

[capítulo 26 - A próxima vítima](#)

[capítulo 27 - A última vez que a cortina vai se abrir](#)

[capítulo 28 - Acabou a festa](#)

[capítulo 29 - O jogo muda](#)

[Quarta parte](#)

[capítulo 30 - "Seu pai é um cretino nojento."](#)

[capítulo 31 - O rifle dispara](#)

[capítulo 32 - Uma má ideia](#)

[capítulo 33 - Floresta adentro](#)

[capítulo 34 - Perdida e sozinha](#)

[capítulo 35 - O buraco da morte](#)

[capítulo 36 - Sem saída](#)

[capítulo 37 - Molhada](#)

[capítulo 38 - Socorro](#)

[capítulo 39 - Traída](#)

[capítulo 40 - “Ninguém vai me culpar.”](#)

[capítulo 41 - “Seu mimado nojento.”](#)

[capítulo 42 - Corte](#)

[capítulo 43 - Mais terror?](#)



*Para Kat Brzowski e todos os meus amigos do Twitter que me convenceram a regressar a esta rua de horrores.*

# Introdução

A mata da rua do Medo se estende por centenas de hectares na ponta leste da cidade de Shadyside. Bordos e figueiras centenárias, altas e frondosas, deixam essa floresta sombreada e fresca, mesmo nos dias mais ensolarados.

A floresta é linda, perfumada e tranquila. Mas poucos residentes de Shadyside fariam uma caminhada ou um piquenique por ali.

Talvez eles saibam da história de duas meninas que foram encontradas na floresta... *sem nenhum osso no corpo*.

Ou pode ser que saibam do estranho fato de que os pássaros jamais se aventuram nessa mata, nem pousam em suas árvores. A maioria das pessoas interpreta isso como um *aviso*.

Ou, quem sabe, seja porque todos da cidade já ouviram os uivos e gritos não humanos que ecoam dessas árvores imensas, tarde da noite.

Todos na agradável e suburbana Shadyside conhecem a família Fear, primeiros colonizadores da cidade, que praticavam magia negra e foram amaldiçoados por uma história de males inconfessáveis. A mata — e a rua sinuosa que tem o nome inspirado no sobrenome deles — são lugares a serem evitados por todos.

Rachel Martin, aluna do último ano do ensino médio da Shadyside High, morou na cidade a vida inteira. Ela não deveria ser ingênua em se aventurar com Brendan Fear indo a uma festa que vai varar a noite, na casa de veraneio da família dele, na ilha do Medo. Ela sabe que está correndo um risco ao se envolver com um Fear. Mas, às vezes, o romantismo atrapalha o bom senso.

Além disso, todas aquelas histórias da família Fear são antiquíssimas, não são?

Não são?

Rachel espera por um fim de semana perfeito. Mas ela está prestes a descobrir que a rua do Medo é onde moram seus piores pesadelos.

R. L. Stine

# Primeira parte

# capítulo 1

## O convite

Vi Brendan Fear entrar com alguns de seus amigos no restaurante onde eu trabalhava, mas não fazia ideia de como minha vida mudaria naquela noite. Enquanto eu limpava uma mesa, o acompanhei com os olhos conforme ele seguia com três amigos pelo corredor estreito até uma mesa com sofás, num canto, nos fundos.

Como uma cena tão normal poderia levar a tanto horror e até... assassinato?

Eu conhecia os garotos que estavam com Brendan. Não sou da mesma turma, mas todos somos do último ano da Shadyside High. *Rá. Mesma turma.* Essa é boa. Melhor encarar os fatos. Tenho alguns bons amigos, mas certamente não tenho uma *turma*.

Meu nome é Rachel Martin e tenho dezessete anos. Trabalho meio período, depois do colégio, como garçoneiro no Lefty's, um lugar a algumas quadras da escola que serve como ponto de encontro. E, sim, é ligeiramente estranho servir o pessoal que vejo na escola o dia todo.

Mas tenho certeza de que isso é encanação minha. Ninguém nunca fez nenhum comentário ou piada sobre isso. Mas, às vezes, fico meio constrangida.

Acho que não sou a pessoa mais relax do planeta. Minha mãe diz que sou mais tensa do que um elástico esticado. Minha irmã, Beth, insiste que isso não é verdade. Ela sempre diz que eu sou simplesmente *sensível*.

Sinto mesmo falta de Beth. Ela foi para Oberlin em setembro. Beth ganhou uma bolsa de estudos por sua habilidade como flautista. Ela é a inteligente e a talentosa da família.

Sempre fomos muito próximas. Ela falou que ia me ligar pelo Skype toda noite, mas faz semanas que não tenho notícias dela.

A campainha da cozinha tocou, sinal de que a comida de alguém estava pronta. Recolhi alguns pratos sujos de uma mesa e me espremi pelo amontoado de gente junto ao balcão para chegar à cozinha.

Seja qual for o clima lá fora, o Lefty's é um lugar pequeno e está sempre quente e enfumaçado. Quando chego em casa, depois do trabalho, preciso tomar um banho bem longo para tirar o cheiro de fritura de hambúrguer e batata da minha pele e do meu cabelo.

Mas esse lugar é decididamente o preferido do pessoal da Shadyside High. Em parte, porque é bem perto da escola. Além disso, é a Casa do Cheeseburger Duplo de Dois Dólares.

Não sei quem pensou nisso, mas foi genial.

Vi minha amiga Amy O'Brien entrando. Ela acenou, mas não tive tempo de ir cumprimentá-la. Ellen, a outra garçoneiro, ligou avisando que está doente, e estou atendendo o restaurante inteiro.

Levei alguns hambúrgueres até uma mesa perto da entrada. Depois, peguei alguns cardápios para levar até a mesa de Brendan Fear. Ele e seus amigos estavam falando ao mesmo tempo, debruçados na mesa e olhando em volta, como se não quisessem ser ouvidos. Intenso.

Todos pararam de falar quando me aproximei.

Avistei Kerry Reacher, o nosso candidato ao time estadual de basquete. Estava usando a jaqueta

marrom e branca do time. Ele é bem magricela e desengonçado e suas pernas estavam entendidas para fora da mesa. Seus tênis brancos deviam ser tamanho 44 ou 45.

Patti Berger estava sentada ao lado dele. Patti é uma menina de jeito meigo, baixa e de cabelo escuro, parece uma bonequinha com sua voz quase sussurrada e covinhas lindas de morrer. Ela é tão gracinha que dá vontade de matar. Só que é a pessoa mais legal do mundo, amistosa e gentil.

Patti e eu crescemos juntas porque nossas mães são melhores amigas. Não somos da mesma turma na escola, mas ficamos felizes em nos ver sempre que nossas famílias se reúnem.

Patti tem a altura de uma aluna do quarto ano. Sério. Quer dizer, ela deve ser sessenta centímetros mais baixa que Kerry. Mas estão sempre juntos. Eles dizem que são apenas bons amigos. Mas todo mundo vê os dois de mãos dadas e se beijando pelos corredores. Acho que o negócio de apenas amigos é só uma piada entre eles.

Ao lado de Brendan, Eric Finn estava tamborilando no tampo da mesa. Ele é um cara grandalhão, do tipo urso de pelúcia, com cabelo louro ondulado, rosto redondo e sardento, voz retumbante e uma risada alta e espalhafatosa. Ele é um daqueles caras que simplesmente gostam de rir e zoar.

Sempre achei superestranho que ele e Brendan Fear fossem tão amigos. Os dois são tipos totalmente opostos, mas são amigos desde o ensino fundamental.

Brendan tem cabelo preto ondulado. Sua pele é clara e ele tem uma expressão séria, um sorriso tímido, que se vê raramente, e fala bem baixinho. Gosto dos olhos dele. São castanhos e ternos, meio enrugados, e quando se fixam em você é como se ele estivesse lendo seus pensamentos.

O.k. Tenho que admitir que sou meio a fim do Brendan Fear desde o nono ano.

Ele usa jeans preto e camiseta preta com estampas de jogos de videogames. É o gênio da escola, mas curte games.

Ele e Eric e alguns de seus outros amigos passam horas jogando World of Warcraft e gta e todo tipo de jogo de fantasia e corrida de carros. É só disso que eles falam na escola. E alguém me disse que Brendan programa seus próprios jogos e está trabalhando com uns caras no desenvolvimento de um site para jogar on-line.

Fui até a mesa de Brendan com meu uniforme xadrez e os cardápios embaixo do braço.

— Êpa! — Tropecei no pé enorme de Kerry e desabei sobre a mesa.

Belo começo.

Brendan agarrou meus braços e me ajudou a ficar de pé.

— Rachel, você está bem? — Seus olhos escuros se fixaram nos meus.

Deu para sentir meu rosto esquentar. Gostei do jeito como ele disse meu nome.

— Eu posso chegar pra lá, se quiser se sentar com a gente — disse Eric. — Ou você pode se sentar no meu colo, que tal?

Kerry e Patti riram.

— Seria emocionante — respondi. — Mas você me daria outro emprego quando eu fosse despedida?

Ele deu um sorriso endiabrado.

— Posso pensar em *alguma coisa*.

— Deixe a Rachel em paz — Patti disse ao Eric. — Não está vendo que ela está ocupada?

— Ela e eu podemos ficar ocupados — Eric devolveu.

Patti lhe deu um tapa de brincadeira.

— Eric, você nunca para de zoar?

— Quem está zoando?

Eric e eu sempre nos provocamos, desde o primeiro ano. Ele vive me cantando, mas faz o mesmo com toda garota que vê. Ninguém nunca o leva a sério, porque ele nunca fala sério.

Entreguei os cardápios.

— Você trabalha aqui todo dia depois da escola? — Brendan perguntou.

— A-hã — assenti.

Afastei o cabelo do rosto com uma das mãos. Deu pra sentir o suor na minha testa. Eu sabia que minha aparência não era das melhores.

— Até que horas? — Brendan continuou. Ele me observava.

— Até as dez.

— Nossa. Dia longo. Quando você faz o dever de casa?

Dei de ombros.

— Quando dá.

— O que é dever de casa? — Eric se intrometeu na conversa. — Devo experimentar?

— Você não ia gostar — Patti disse a ele.

Brendan continuou me observando, como se estivesse pensando em alguma coisa.

— Garçonete? Pode nos trazer a conta? — Uma mulher na mesa de trás deu um tapinha em meu ombro. Levei um susto e dei um pulo.

— Claro. Só um segundo — respondi.

A porta bateu com a entrada de um bando de garotos da Shadyside. O restaurante estava ficando bem lotado.

Virei de volta para o Brendan.

— Vocês sabem o que querem pedir? — perguntei.

— Vocês têm cheeseburger aqui? — Eric quis saber, novamente sorrindo para mim.

Piada totalmente imbecil.

— Ninguém nunca pediu isso — devolvi. — Vou precisar verificar.

Kerry e Patti riram.

— Volto em alguns minutos — completei. Dei uma olhada para trás e vi que Brendan me seguia com os olhos conforme eu me afastava.

Rabisquei a conta da mesa 4. Tive de rasgar a primeira e começar de novo, porque eu estava pensando em Brendan Fear e minha mão estava tremendo um pouquinho. Não precisa muito pra me deixar empolgada.

Quer dizer, os olhares que ele estava lançando para mim eram mesmo bem expressivos.

*Rachel, ele estava tentando te consolar, considerando que você quase caiu no colo dele.*

Será que eu estava imaginando os olhares? Cá pra nós, não sou a pessoa mais confiante do mundo. Até que não sou feia, mas não sou linda de parar o trânsito, nada disso. Tenho cabelo loiro, liso, que geralmente uso num rabo de cavalo, olhos azul-claros e um sorriso legal. Acho meu nariz torto e tenho um queixo meio quadrado, que eu detesto. Quando estou me sentindo bem baixo astral, acho que meu rosto

parece um machado com olhos.

Mas Beth diz que sou bem bonita. Diz que pareço com a Reese Witherspoon. Ela sempre sabe como me animar.

Fiquei olhando Brendan e seus amigos conversarem, concentrados. Até o Eric estava com uma expressão séria no rosto. Do que eles poderiam estar falando?

A campainha tocou. Eu me apressei até a janela para pegar a comida. Lefty me olhou de dentro da cozinha, apertando os olhos. Seu rosto estreito está sempre vermelho como um pimentão e banhado de suor. E seu boné de beisebol branco nunca sai da mesma posição: virado para trás.

— Você está bem, Rachel?

— Noite movimentada — respondi. — Mas estou dando conta. Eu...

Lefty nem esperou para ouvir o restante. Já tinha virado de volta para a chapa.

Voltei ao trabalho. Até agora, eu estava conseguindo levar, apenas confundindo alguns pedidos.

O restaurante tinha esvaziado um pouquinho quando Brendan e seus amigos se levantaram pra sair. A caminho da porta, eles sorriram e acenaram para mim.

— Posso deixar alguma gorjeta? — disse Eric.

— Claro — respondi.

— Então vou deixar uma dica: olhe para os dois lados antes de atravessar a rua. — Ele riu da piada sem graça.

Eu me surpreendi quando Brendan ficou para trás e me puxou para um canto. Ele fixou o olhar em mim de novo, como se tentasse ler a minha mente.

*Talvez ele olhe para todo mundo assim. Provavelmente nem percebe.*

Senti a respiração vacilar.

— Estava tudo certo com a comida? — perguntei.

— Claro. — Ele mudou o peso de uma perna pra outra e, de repente, pareceu estar sem jeito. — Então... você trabalha aqui todas as noites?

— Nem sempre. Depende de quem mais pode trabalhar. Às vezes também venho aos sábados. Preciso ganhar algum dinheiro pra ajudar minha família. As coisas têm sido difíceis pra eles e eu queria... sabe como é... ajudar.

*Você está falando demais, Rachel.*

Ele assentiu e coçou o cabelo escuro.

— Você está na minha turma de história, certo?

— Sim, a da sra. Rigby. Ela é engraçada. Gosto dela.

— Alguns caras acham que ela é bonitona — ele comentou, dando um sorriso tímido.

Alguém derrubou uma Coca numa mesa perto do balcão. Ouvi o barulho do vidro quebrando ao cair. Alguns garotos riram.

— Eu queria perguntar uma coisa — Brendan continuou. Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans. — Vou dar uma festa, sabe. Meu aniversário de dezoito anos. No sábado.

— Feliz aniversário — cumprimentei. *Sem graça.*

— Minha família tem um casarão antigo de veraneio, na ilha do Medo. Sabe, no meio do lago? Vamos abri-lo para a festa. Vai rolar a noite toda, até amanhecer.

A campainha da cozinha tocou. Mais sanduíches para pegar.

Brendan se inclinou para a frente.

— Você acha que pode ir?

*Será que este é o melhor dia da minha vida?*

— *Este sábado?* — Minha voz saiu um pouquinho mais alta do que o normal.

Ele assentiu.

— Vou mandar um barco buscar todo mundo no cais do lago, no fim da rua do Medo, às duas horas.

— Sim — confirmei. — Posso ir. Ei, obrigada por me convidar.

— Vai ser uma festa incrível — ele completou. — Muitos jogos.

Lefty tocou mais algumas vezes a campainha.

— Preciso voltar ao trabalho — avisei.

Brendan concordou.

— Te vejo no sábado.

Então ele estendeu a mão e limpou uma gota de suor da ponta do meu nariz.

Meu queixo caiu enquanto ele virava e seguia para a porta.

Eu ainda sentia o toque de seus dedos. Olhei a comida na janela. *Brendan Fear acabou de me convidar para sua festa de aniversário.*

Fui até o balcão, mas uma mão me agarrou pela cintura e me puxou.

Uma voz sussurrou no meu ouvido:

— Rachel... não vá.



## capítulo 2

# O aviso

Virei e puxei o braço, para me soltar.

— Não vá — repetiu Amy O'Brien.

Tinha me esquecido de que ela ainda estava no restaurante. Amy é minha melhor amiga. Somos amigas desde o segundo ano, quando nos perdemos na mata e precisamos ser resgatadas pelo sr. Singletary, nosso professor responsável pela turma.

Coitado do cara. Quase lhe causamos um enfarto naquela noite. Ele não parou de tremer por uma semana. Acho que pensou que tivéssemos sido devoradas por lobos ou algo assim.

Ficar totalmente perdida à noite numa floresta é um jeito incrível de começar uma amizade. Porque uma coisa vocês logo descobrem: que são totalmente idiotas. Desde então, Amy e eu somos melhores amigas.

Amy é baixinha e meio rechonchuda, com fartos cabelos ruivos, olhos verdes de gato e uma pele clara, linda de morrer. Adora vermelho e sempre está com uma echarpe dessa cor no pescoço, ou uma blusa ou um colete. Ela usa um batom vermelho-vivo, chamado Fogo Selvagem, que, segundo sua mãe, faz com que ela fique parecendo uma piranha. Mas Amy diz que a cor é sua marca registrada.

Ela apertou novamente o meu braço.

— Eu ouvi tudo, Rach. Por favor, não vá.

— Amy, preciso buscar aqueles pratos — eu disse. Peguei a comida do balcão. Dava para ver o Lefty me olhando de dentro da cozinha. Dei meia-volta e fui servir a mesa 8.

Amy me seguiu, abrindo caminho em meio a um grupo de homens de uniformes azuis que esperavam uma mesa.

— Rachel, o que disse a ele? Você disse a ele que ia?

Pousei os pratos e peguei ketchup e mostarda da mesa de serviço, atrás da mesa dos clientes. Eu me virei para Amy, que estava impacientemente remexendo os botões de seu casaco de lã.

— Claro que eu disse que ia, Amy.

— Ah, não, para. Você aceitou passar a noite na casa do Brendan Fear?

— Não é passar a noite. É uma festa de aniversário.

— Uma festa de aniversário que dura *a noite toda*, certo?

Suspirei.

— Amy, não posso conversar agora. Hoje estou atendendo sozinha. Preciso ajudar o Lefty a fechar, às dez. Quer ir lá em casa depois que eu sair?

— Vou terminar meu cheeseburger e esperar você. Temos que conversar. Não posso acreditar que você disse que ia. — Sacudindo a cabeça, ela voltou à sua banquetta junto ao balcão.

Eu sabia que Amy não gostava de Brendan, mas não tinha certeza do motivo. Se havia alguma razão para que eu não fosse à festa dele, mais tarde eu saberia. Amy não é do tipo que guarda suas opiniões. Ela meio que gosta de julgar. Mas é inteligente e geralmente está certa.

Só faltava trinta minutos para fechar, mas o tempo pareceu se arrastar durante horas. Finalmente, todos tinham pedido a conta e ido embora. Silêncio. Exceto pelo som de Lefty raspando a chapa na cozinha. Limpei as mesas e levei o restante da louça suja para a pia. Quando saí do restaurante, conferi o horário no meu celular. Passava um pouquinho das dez e meia.

Era uma noite fria de outubro. O ar gélido batendo no meu rosto era gostoso. Respirei fundo algumas vezes, feliz por estar fora daquele lugar enfumaçado. Uma meia-lua clara flutuava no alto do céu, acima das nuvens cinzentas e sinuosas.

Amy estava me esperando na esquina, com seu casaco vermelho abotoado até o pescoço. Ela estava com um gorro vermelho e luvas de lã.

— Nossa, você deve estar cansada. Parece que foi atropelada — disse, apertando os olhos.

— Pode falar. Pode dizer o que acha de verdade.

Ela estava certa. Eu estava bem cansada. O tipo de cansaço que, de tão exausta, até o seu cabelo dói. Eu estava com uma camada de suor seco na pele e dava pra sentir o cheiro de fritura no meu cabelo.

Mudei a mochila de ombro. Eu ainda tinha que estudar dois capítulos do meu livro de ciências, mas, agora, já era. A Amy provavelmente só iria para casa por volta de meia-noite.

Nós atravessamos a rua Division vazia, exceto por um caminhão de entregas que circulava já bem tarde. Era uma pequena caminhada até minha casa, só três quadras. Minhas pernas doíam e minhas costas estavam contraídas. Eu estava de pé desde as quatro da manhã.

*Não reclame, Rachel. Você ganhou mais de cem dólares de gorjeta hoje.*

Eu pretendia dar a maior parte aos meus pais. Eles estavam passando por um momento difícil. No ano anterior, meu pai tinha sido demitido do emprego de diretor de uma grande empresa de investimentos. Ele levou um tempão para encontrar outro. Agora está trabalhando como gerente no Walmart, em Waynesbridge.

Minha mãe ainda não se recuperou da doença de Lyme. Está em casa há três meses e continua se sentindo fraca e exausta o tempo todo.

Assim que Amy e eu começamos a atravessar a rua Front, uma rajada forte de vento nos empurrou para trás. Folhas mortas dançavam em um círculo perfeito ao redor de nossos pés.

— Vá em frente — continuei. — Pode despejar seu sermão sobre por que eu não devo ir à festa do Brendan Fear, mesmo sabendo que ela vai ser incrível.

— Incrível? — Ela bufou. — Você já procurou no Google a palavra nerd? Você vai achar coisas sobre Brendan.

— Eu acho ele... um gato. Sério.

Amy piscou.

— Gato? Ele é totalmente estranho. Passa o tempo todo jogando com aquele babaca do Eric Finn.

Sacudi a cabeça.

— Amy, você simplesmente não entende. Tipo, *alôôu!*, estamos no século xxi. Os nerds é que mandam.

— Mas, Rachel...

— O Brendan não fica só jogando. Ele cria seus próprios games e faz toda a programação. Ele é tipo um gênio. E... você não gosta do jeito como os olhos dele enrugam, quando ele sorri?

— Esqueça os olhos dele — respondeu Amy, arrumando o gorro. — Qual é o assunto principal aqui? Não me interessa se você acha ou não ele um gato. Ele é um Fear.

Passei a mão no cabelo para tirar uma folha e protegi os olhos dos faróis de um carro que passou em alta velocidade.

— Ai, minha nossa. Não acredito que você vai começar de novo com o negócio dos Fear. Você gosta tanto assim de histórias do passado?

— Não é história do passado, Rach. — Seus olhos verdes cintilaram. — Tem uma maldição na família Fear.

Eu ri. Dei um empurrãozinho nela, fazendo-a cambalear na calçada.

— Você também acredita em vampiros? Ei, olha só, dois zumbis passaram naquele carro.

— Isso não tem a menor graça, Rachel. Todo mundo da cidade sabe sobre os Fear. E todos sabem que as histórias são verdadeiras. A rua inspirada no nome deles, a Medo, onde todos eles moraram.. Você ouviu as coisas horríveis que aconteceram lá.

— Sim, todos sabem dessas velhas histórias. — Revirei os olhos.

Ela ergueu a gola do casaco.

— Rachel, me ouça. Os antepassados de Brendan Fear eram bruxas e feiticeiros, ou algo assim. Eles têm poderes malignos.

Ri novamente.

— Amy, dá um tempo. Eu realmente não acho que Brendan Fear seja um feiticeiro.

Seus lábios vermelhos fizeram um bico.

— Você só quer rir de mim. Estou tentando ser sua amiga. Estou sendo idiota? É isso que você acha? Vá em frente, pode dizer que sou uma idiota.

— Não, você não é idiota — retruquei. — Só que...

— Não ficamos sabendo de todas aquelas histórias assustadoras sobre os Fear na escola? — ela me interrompeu enquanto atravessávamos a rua, chegando à minha quadra. — Lembra, no sexto ano?

— Amy, o sr. Gruder nos contou todas aquelas histórias porque era Halloween. Ele estava tentando nos assustar.

— Bem, ele *me* assustou. E eu acreditei no que ele disse.

Eu não sabia o que dizer. Só queria que Amy parasse. Sabia que ela gostava de romances de fantasia e estava sempre me arrastando para assistir filmes de terror, mas nunca achei que ela acreditasse em todo aquele negócio de assombração.

Todos na cidade conhecem as histórias sobre a família Fear. Mas tudo aquilo aconteceu há muito tempo. Quer dizer, o pai de Brendan, Oliver Fear, trabalha num banco de investimentos, não é um feiticeiro maligno. Ele é um bilionário.

Construiu uma mansão imensa, totalmente linda, com janelas que sobem por toda a lateral da casa, com cascatas e fontes por todo lado. É uma atração turística. Sério. As pessoas dirigem longas distâncias para estacionar na frente da casa e tirar fotos.

A lua foi encoberta pelas nuvens enquanto atravessávamos a rua. A escuridão caiu sobre nós. Senti um arrepio descer por minhas costas.

— Realmente acho que você está exagerando sobre os Fear, Amy. Tudo bem, Brendan é tímido e fica

mais na dele, e realmente gosta de games. Isso não é motivo...

— Eu simplesmente tenho um pressentimento — disse ela. — Tenho uma sensação muito ruim sobre isso. Rachel, você quer mesmo ficar com Brendan Fear e seus amigos esquisitos, a noite inteira, sozinha, naquela ilha?

Dei de ombros.

— Sério, o que poderia acontecer?

Ela deu de ombros.

— Vamos mudar de assunto. Você finalmente terminou com o Mac?

Suspirei. Pensar em Mac Garland me dava um aperto no peito. Durante semanas achei que realmente gostava dele. Agora, só sinto pavor quando alguém diz seu nome.

— Eu... já dei muitas indiretas.

Amy franziu a testa.

— Indiretas? Tipo?

— Bem... mudei meu perfil no Facebook, de “Em um relacionamento sério” pra “Em um relacionamento complicado”.

— Que sutil.

— E não respondo as mensagens de texto ou atendo as ligações.

Ela estendeu um braço para bloquear meu caminho.

— Mas você não disse a ele? Não disse “eu não quero mais ficar com você”?

— Bom..

— Você não disse “dá o fora”? “Vai passear”? “Até nunca mais”?

— Hã? Não. *Claro* que não — respondi. — Nossa, Amy, você está realmente bem ríspida esta noite.

— Você precisa dizer a ele. Precisa enfrentá-lo.

Sacudi a cabeça.

— Eu até tentei, mas ele... ele ficou bem assustador. Começou a bater os punhos na parede e a xingar e... eu realmente achei que ele poderia me machucar.

— O Mac é um nojento. Eu sei que já te perguntei isso, mas por que você começou a sair com ele?

Dei de ombros.

— Porque ele me convidou?

Amy balançou a cabeça.

— Você simplesmente gostou da ideia de andar com um bad boy. Alguém perigoso.

— É. Talvez eu estivesse entediada. Admito.

— Bem, depois do Johnny Gruen, não posso culpá-la.

— Agora você vai falar mal do Johnny?

— Ele é chato demais, até pra se discutir sobre.

Ri.

— Só porque ele coleciona moedas? Isso não faz dele um chato.

— Colecionar moedas não faz dele um chato. *Falar* sobre colecionar moedas faz dele um cara tedioso.

Amy franziu o cenho.

— Achei que estivéssemos falando do Mac. Você realmente tem medo de dizer a ele que está terminando?

— Bem... um pouquinho, talvez. Você conhece o Mac. Quando fica zangado... às vezes ele perde a cabeça.

Amy revirou os olhos.

— Bem, não posso falar com ele por você. Eu acho...

Não deixei que ela terminasse. Agarrei o braço de Amy e soltei um grito agudo.

— Olha! — apontei.

Amy estreitou os olhos na escuridão.

— O que foi? O que houve?

— Minha casa. A porta da frente. Amy, tem alguma coisa muito errada. A porta da frente... está escancarada.

## capítulo 3

# O mistério da porta aberta

— Relaxa, Rach. Talvez o vento...

— Não! — cortei. — Você sabe que meu pai é paranoico com essa coisa de trancar as portas à noite. Ele olha até se as janelas estão trancadas.

Percebi que ainda estava agarrada ao braço dela. Soltei-a e saí correndo para casa. Meus sapatos deslizavam na grama molhada à medida que avançava pelo jardim.

Parei no degrau da frente e vasculhei o corredor de entrada. Escuridão total. Conforme meus olhos foram se acostumando, consegui ver uma luz fraca vindo da cozinha, nos fundos. Meu pai sempre deixava uma luz acesa para mim, porque eu geralmente entrava pelos fundos.

Agarrei o corrimão e fiquei observando. Minha respiração rápida formava nuvens de vapor diante do meu rosto. Será que alguém tinha arrombado a nossa casa?

Ouvi Amy chegar atrás de mim.

— Rachel, você está vendo alguma coisa?

Sacudi a cabeça e entrei na casa. Estava aquecida e cheirava a frango assado que minha mãe tinha feito para o jantar.

— Mãe? Pai? — Minha voz saiu num sussurro rouco.

Eles não estavam acordados. Costumam ir para a cama mais cedo, desde que minha mãe contraiu a doença de Lyme.

Meus sapatos raspavam no chão de madeira. Dei um passo, depois outro. Parei e Amy trombou em mim.

— Ah. Desculpe. Rachel, eu não estou ouvindo nada. Talvez...

Acendi um abajur na sala. Acho que eu esperava que tudo estivesse revirado. Esperava um ladrão. Por que outro motivo deixaram a porta escancarada?

Mas tudo parecia no lugar. Vi duas tigelas de sorvete na mesinha de canto, ao lado do sofá. Meus pais adoram sorvete. Eles estão sempre experimentando novos sabores. Falam de sorvete como se fosse algum tipo exótico de guloseima gourmet.

Os óculos da minha mãe estavam na almofada do sofá, ao lado de algumas revistas.

— Parece que está tudo bem — sussurrei.

Um zunido subitamente me assustou. Levei alguns segundos para perceber que era só o motor da geladeira na cozinha.

Caminhei pelo corredor na ponta do pé. Parei no banheiro. Será que o intruso estaria ali, à espreita? Acendi a luz. Estava vazio. Também não tinha ninguém na cozinha.

*Tem alguma coisa errada. Estou sentindo. Aconteceu alguma coisa aqui.*

— Amy, espera na sala — pedi, sussurando. — Vou acordar meus pais.

Ela concordou.

— Acho que foi o vento, Rach. Mesmo. Seus pais estão bem.

As palavras dela não me acalmaram. Continuei caminhando para os fundos. Nossa casa é térrea. O quarto deles fica ao lado do meu, no fim de um corredor. Eu ofegava quando cheguei à porta deles. Uma luz no teto lançou um facho amarelo sobre mim.

Será que eles estavam acordados? Colei o ouvido na porta e fiquei escutando. Silêncio.

— Ei, mãe? Pai? — chamei, baixinho. Bati com dois dedos.

Silêncio.

Alguma coisa horrível aconteceu com meus pais.

— Mãe? Pai? — chamei de novo, dessa vez, mais alto. Bati com mais força e não esperei. Peguei a maçaneta, empurrei a porta e entrei.

O quarto estava escuro. Uma luz cinzenta entrava pelas frestas das janelas altas, na parede dos fundos. Ouvi alguém se mexer. Um gemido.

— Rachel? É você? — Era a voz da minha mãe, rouca de sono.

Uma luminária na lateral da cama se acendeu. Meu pai estava deitado de lado. Ele virou e se sentou, piscando. Minha mãe ficou me olhando, com as cobertas até o queixo.

— Rachel, o que houve? — meu pai perguntou.

— Eu... é... — hesitei por um momento. Senti uma onda de alívio ao ver que eles estavam bem. — A porta da frente... — comecei a dizer, gaguejando — estava aberta.

Meu pai coçou a cabeça que estava ficando careca, então se virou e foi saindo da cama. Ele é grande. Parece um urso, com seu peito peludo. Dorme só com a calça do pijama.

— Eu sei — disse ele. — Deixei destrancada pra você. Caso você quisesse entrar pela frente.

— Você... você não está entendendo — retruquei. — Estava escancarada. A porta estava escancarada.

— O quê? — Meu pai pulou da cama. Ele me olhou, estreitando os olhos. — Sem chance. Eu fechei, com cuidado. Eu me lembro. Ia trancar. Depois mudei de ideia.

— Você ouviu alguma coisa? — perguntei. — Escutou alguma coisa entrando?

— Nós viemos deitar cedo — minha mãe comentou. — Eu não estava me sentindo muito bem e...

— Não ouvi nada — meu pai respondeu. — Mas, claro, eu tenho um sono pesado. Sua mãe e eu tomamos um pouquinho de vinho no jantar e...

— Rachel? Está tudo bem? — Amy perguntou, lá da frente.

Meu pai piscou.

— Você não nos disse que havia alguém aqui.

— É só a Amy — avisei. Fui até o corredor e gritei para ela que estava tudo bem.

Meu pai sacudiu a cabeça.

— Não há como aquela porta ter simplesmente aberto sozinha. Deixe-me vestir o robe e vou lá ver.

Segui pelo corredor até meu quarto. Acendi a luz. Tudo estava exatamente como eu havia deixado.

Será que tinha alguém escondido no armário? Hesitei por alguns segundos, depois abri a porta. Meus olhos percorreram a pilha de roupa suja que eu tinha jogado no chão do armário. Não. Não tinha ninguém ali.

Voltei até a Amy, na sala.

— Alarme falso — informei. — Não tem intruso nenhum.

— Estava ventando muito — ela lembrou. — Aposto que o vento abriu a porta.

Meu pai veio e passou direto por mim, amarrando o cinto do robe de flanela listrado. Ele cumprimentou Amy com um movimento de cabeça e passou direto por ela.

Eu o segui até a porta da frente. Ele a abriu e fechou várias vezes. Então, coçou o rosto com a barba por fazer.

— O trinco está funcionando normalmente. Não entendo.

— Bem, pelo menos, ninguém arrombou — Amy observou.

Meu pai testou o trinco algumas vezes.

— Parece normal.

— É melhor eu ir. Está tarde — disse Amy.

Eu concordei.

— Tudo bem. Você pretende continuar seu sermão sobre Brendan Fear amanhã na escola?

— Não foi um sermão, Rachel. Só estou tentando poupá-la de um fim de semana terrível.

— Amy, você não está com inveja, está? Não sei por que eu fui convidada e você não foi.

Ela suspirou.

— Pode acreditar, Rachel. Não estou com inveja. Só estou sendo inteligente. Mesmo que as histórias sobre os Fear sejam só folclore... folclore é baseado em algo real... algo que realmente aconteceu.

Meu pai estava remexendo no trinco da porta. Seu robe tinha aberto, revelando o peito peludo. Amy passou por ele e parou no degrau da frente.

— Boa noite. A gente se vê amanhã. — Ela se virou e saiu correndo pelo jardim.

Meu pai fechou a porta. E trancou.

— Está funcionando normalmente. — Ele coçou mais uma vez o queixo. — Acho que é um mistério.

— Ele se virou pra mim. — Como foi no restaurante?

— Movimentado — respondi. — Estou um caco. E cheirando a gordura de batata frita. Preciso de um banho bem demorado e de xampu. Boa noite.

Mas quando entrei no quarto desmoronei na beirada da cama, bocejando. Minhas pernas doíam por passar tantas horas de pé. Minhas costas também. Concluí que, se eu tomasse um banho agora, isso talvez me despertasse. E eu queria dormir direto.

Joguei minha roupa no chão e vesti uma camiseta comprida que servia como camisola. Então apaguei a luz e segui pelo escuro até minha cama.

Eu não conseguia parar de bocejar. Nunca tinha me sentido tão exausta. Puxei as cobertas e deitei na cama. Os lençóis estavam aconchegantes e aquecidos, então, eu me acomodei.

Meu pé direito bateu em alguma coisa embaixo das cobertas. Meus dedos do pé roçaram em alguma coisa dura e de formato irregular. Um pelo espetado fez cócegas na sola do meu pé.

Primeiro, achei que fosse só uma dobra no cobertor. Mas pressionei o pé e me pareceu algo peludo.

O ar ficou preso na minha garganta. Sentei como um raio e acendi o abajur da mesinha. Tirei o pé da cama. Tinha um pouco de pelo grudado nos meus dedos.

— Hã? — Pulei para fora da cama e arranquei as cobertas.

Abri a boca e soltei um grito de terror enquanto olhava o rato morto e podre nos lençóis.



## capítulo 4

# Mac é um psicopata?

Eu sabia que tinha sido coisa do Mac. Tinha de ser o Mac.

Que jeito mais infantil e detestável de se vingar do término. Ele entrou sorrateiramente pela porta da frente e colocou um rato na minha cama. Que psicopata. Que sociopata.

Mac tinha sido transferido para Shadyside High no ano anterior. Eu sabia que ele tinha má fama. Tinha ouvido dizer que ele havia sido suspenso na escola antiga por briga. Tinha visto seu temperamento violento.

Mas também achei que tivesse bom coração. Às vezes era gentil, de fala mansa, tímido até. Tinha um lado meigo que não deixava muita gente ver. Sim, ele era muito possessivo, embora nós estivéssemos nos vendo havia só algumas semanas. E ele não gostava que eu andasse com Amy e meus outros amigos.

Mas eu meio que achei que isso fosse por ele gostar de mim.

Como sou imbecil.

Logo de cara a Amy me alertou sobre ele. Disse que eu só estava procurando alguém que fosse o oposto do meu antigo namorado. Ela não gostava das explosões de raiva de Mac, do jeito que ele xingava sem parar por qualquer coisa que o contrariasse. Do jeito que ele sempre agia como se fosse mais durão que todo mundo.

Agora Mac obviamente estava provando que Amy tinha razão.

Tudo bem. Ele estava zangado por eu ter parado de atender suas ligações e responder suas mensagens de texto. Por ignorá-lo quando ele tentou falar comigo na escola. Por ter mudado minha página no Facebook e ter dito a todo mundo que nós tínhamos terminado.

Zangado o suficiente para entrar escondido na minha casa e enfiar um rato morto na minha cama.

Doente. Totalmente doente.

O quarto foi ficando embaçado. Foquei na escuridão do lado de fora da janela. Fixei o olhar, tentando desacelerar meus batimentos cardíacos.

Meus pais deviam ter ouvido meu grito porque entraram correndo no quarto. Minha mãe estava toda despenteada, como se o cabelo tivesse sido revirado por uma onda do mar. Os dois entraram piscando e murmurando. Mas arregalaram os olhos quando viram a criatura morta esticada de lado no lençol.

— Ohhh. — Minha mãe cobriu a boca e fez um som de ânsia de vômito.

Meu pai se aproximou da cama e olhou paralisado, como se nunca tivesse visto um rato.

— Como... como isso veio parar aqui? — Ele se virou para mim. — Você acha que a porta aberta...? — A voz dele foi sumindo. Ele sabia que isso era loucura.

— Não sei — respondi. Eu não queria acusar o Mac. Não queria entrar naquele assunto.

Meus pais são pessoas boas, compreensivas. Mas, desde pequenininha, sempre preferi guardar as coisas para mim e lidar sozinha com elas. Mesmo quando era garotinha, eu não queria contar como tinha sido meu dia na escola. Acho que sou meio esquisita nesse sentido. E, claro, sempre tive a Beth como confidente. Sempre me senti mais à vontade contando as coisas a minha irmã.

Minha mãe virou para o lado, para não ter de olhar o rato. Ela é a sensível da família.

— Provavelmente veio do seu armário — ela comentou. — Venho lhe dizendo que isso está um ninho de rato.

— Isso é uma piada? — devolvi.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, estou falando sério. Essa montanha de roupa suja...

— Vou ligar pro dedetizador amanhã — meu pai avisou.

— Preciso sair daqui — minha mãe falou. Seu corpo todo estremeceu. Ela cruzou os braços sobre a camisola. — O cheiro... está me deixando enjoada. Rachel, você quer vir até a cozinha e tomar um chá, ou alguma coisa?

— Não — respondi, suspirando. — Só quero dormir. Estou tão cansada que dá vontade de chorar.

— Vou pegar umas luvas pra levar o rato pro lixo — disse meu pai. — Depois podemos trocar os lençóis. — Ele sacudiu a cabeça. — Ainda não entendo...

— Nem eu — comentei, baixinho.

Mas pensei: *Mac, você não vai me assustar. Não vai conseguir destruir minha vida. Vou à festa de aniversário do Brendan Fear. Será a melhor festa de todos os tempos. Brendan me convidou e eu vou. Você já era, Mac. Só fico contente por ter descoberto o psicopata que você é. De verdade. Estou contente.*

## capítulo 5

# O jogo

Na sexta-feira de manhã cheguei cedo à escola, torcendo para pegar o Mac antes da orientação pedagógica. Mas ele não apareceu. Não apareceu na escola o dia inteiro. E não atendeu ao telefone, nem respondeu minhas mensagens.

Eu só queria dizer que grande babaca ele é. Queria dizer que ele teve sorte por eu não ter chamado a polícia, nem contado aos meus pais.

Eu não queria fazer um estardalhaço. Só queria que ele soubesse o quanto é doente. Fiquei com medo de enfrentá-lo, de dizer que tudo tinha terminado entre nós, achei que seria difícil. Mas agora ele tinha facilitado muito as coisas.

Mac não estava por perto, então, eu o tirei da cabeça. Pensei em Brendan e na festa. *O que eu deveria vestir? Por que Brendan tinha me convidado? Será que ele sentia algo por mim? Quem mais iria?*

Talvez eu estivesse pensando *demais* em Brendan porque Amy me cutucou durante a aula de escrita criativa, depois do almoço, e comentou:

— Pare de ficar com essa cara de quem está sonhando acordada. Você pode até ser presa por essa cara de felicidade.

Não sou muito de basquete, mas Amy e eu tínhamos passado a semana inteira planejando nos encontrar no ginásio para assistir ao Shadyside Tigers jogando contra o St. Ignatius Sharks.

Ela disse que deveríamos ir, pois era o último jogo em casa do time de basquete da escola. E, embora não fôssemos grandes fãs de basquete, seria meio que um marco, talvez algo de que nos lembraríamos anos depois.

Amy é muito estranha. É como se ela sempre vivesse a vida no futuro. Ela pensa muito no que vamos nos lembrar daqui a vinte anos.

Então, pouco depois de sete e meia, abri as portas duplas e entrei no ginásio. Apesar das vozes rugindo e das batidas das bolas de basquete no piso durante o aquecimento dos times, dos gritos e das risadas que ecoavam nas paredes ladrilhadas e do som estridente de um trompetista da banda que fazia palhaçada na quadra, subitamente me peguei pensando em Mac... Mac e seu rato morto nojento.

Eu não queria, mas de repente fiquei muito zangada outra vez.

A imagem da Beth surgiu num lampejo em minha cabeça. Se ao menos Beth estivesse por aqui. Ela é tão inteligente e tem tanto bom senso. Saberria como me ajudar a me acalmar. Beth diria algo como: “Supera isso, Rachel. Você já terminou com aquele asqueroso. Simplesmente apague-o de sua mente”.

Suspirei e olhei em volta, para o ginásio lotado. Estava quase na hora do jogo e as arquibancadas já estavam abarrotadas até o alto. Fiquei perto dos degraus laterais, olhando fileira por fileira, à procura de Amy. Então me lembrei de que tinha recebido uma mensagem dela, dizendo que estava com alguns problemas com os pais e que talvez fosse se atrasar.

Entrei na penúltima fileira do alto e me sentei. Tirei meu moletom com capuz e coloquei ao meu lado, para guardar o lugar de Amy. Lá embaixo, na quadra, os aros das cestas balançavam com os arremessos. Os Sharks estavam aquecendo na outra ponta. Eles usavam um uniforme cinza e preto. Cores de um tubarão, imagino.

Do nosso lado, avistei Kerry Reacher alongando os músculos da perna. Kerry era cerca de trinta centímetros mais alto que todos os outros dos Tigers. Nosso time tinha um histórico de 3-6. Mega fracasso. Mas todos sabiam que este ano Kerry seria novamente indicado como estrela estadual.

Observei as arquibancadas, à procura de Mac. Mas eu sabia que ele não estaria ali. Ele nunca ia a jogo algum.

Virei e vi Eric Finn se jogar no banco ao meu lado. Eu o empurrei.

— Ei, você está sentando no meu moletom.

— Eu sei — ele disse, com seu sorriso dentuço, bem junto ao meu rosto. — O banco de madeira é duro demais.

— Mas estou guardando esse lugar pra uma pessoa — retruquei, puxando a manga do moletom. Sem chance de eu conseguir puxá-lo de debaixo desse grandalhão.

— Está guardando pra mim? — ele perguntou. — Valeu. Não sabia que você gostava de mim.

— Sou louca por você — soltei —, mas estou guardando o lugar pra Amy.

— Se ela vier, você pode sentar aqui. — E deu um tapinha no próprio colo.

Ele até que é bonitinho, com esse monte de sardas no rosto redondo de bebê. Ele deu um pulo e gritou para um pessoal mais abaixo, perto da quadra. Avistei Patti Berger na segunda fileira. Ela estava com April Conklin. As duas estavam focadas em Kerry enquanto ele treinava lances livres.

Eric me deu um cutucão nas costelas com o cotovelo.

— Aposto que você está morrendo de vontade de ficar comigo na festa do Brendan. Talvez eu deixe, se você implorar.

Ele estava apoiando seu ombro pesado em mim. Eu o empurrei para que mudasse de posição.

— Você já foi a alguma das festas de aniversário dele? Já, não é?

— A-hã. São incríveis — ele respondeu, afastando o cabelo louro ondulado. — Uma doideira total, tipo fora de controle.

Eu ri.

— O *que* você quer dizer?

Ele recostou em mim novamente.

— Ah, você sabe. Você sabe o que acontece quando um monte de adolescentes passa a noite junto sem os pais por perto.

— Você quer dizer que é *esse* tipo de festa?

— Nunca dá pra prever com o Brendan. Ele sempre tem algumas surpresas. Sabe como é, ele é o mestre dos jogos. Todos nós nos curvamos diante de sua inteligência. — Ele se curvou e quase caiu no banco à nossa frente.

Eu ri de novo.

— Você sabe qual é o seu problema. Você é sério demais. Você devia relaxar mais.

— Todo mundo me diz isso.

A pergunta seguinte simplesmente escapou da minha boca.

— Por que você acha que o Brendan me convidou pra festa? Eu sempre o vi na escola, mas nós nunca fomos realmente amigos.

Eric beliscou meu nariz.

— Acho que ele gosta de você.

— Hã? — Afastei a mão dele. — O que você quer dizer? Como você sabe?

Ele deu de ombros.

— Ele me disse.

— Ele *disse* isso? O que ele falou? — Por que meu coração estava aos pulos?

Um sorriso malicioso se abriu no rosto gorducho de Eric.

— Por que quer tanto saber?

— Não seja nojento, Eric. Diga o que ele falou.

— Nós passamos por você no corredor, depois da aula de ciências. Brendan disse que queria te dar uns beijos ali mesmo. Ele disse que você era a garota mais gostosa da escola.

Eu o empurrei novamente.

— Seu idiota.

— Tá bom, ele não disse exatamente isso. Disse que gostava de você. Pelo menos *acho* que era você. Tinha um monte de garotas no corredor. Agora que estou pensando nisso, provavelmente foi outra pessoa.

Sacudi a cabeça.

— Você está inventando tudo isso. Você é tão mentiroso, Eric.

— Eu sei. Mas não deixo de ser incrível, não é?

Virei para o outro lado, pensando em Brendan. Talvez ele tenha simplesmente me convidado por impulso, porque me viu no Lefty's. Ou talvez tenha realmente gostado de mim. Sem chance de eu conseguir uma resposta honesta de Eric.

Um apito tocou ecoando pelas paredes do ginásio. Os times pararam o aquecimento e correram até os bancos. Dois juízes de camisas listradas em preto e branco foram para o centro da quadra.

Ouvi notas musicais. Levei alguns segundos para perceber que meu celular estava tocando. Tirei do bolso do moletom e olhei.

Era a Amy.

— Amy? Oi. Onde você está? O jogo está começando.

— Esquece o jogo — Amy respondeu. — Não posso ir. Fiquei de castigo. Os imbecis dos meus pais estão novamente agindo como imbecis.

— Por quê? O que aconteceu?

A multidão de repente ficou de pé, saudando ruidosamente. Os Tigers entraram correndo, seguindo até o meio da quadra. Não consegui ouvir a resposta de Amy.

— Posso ir até aí? — gritei, apertando o celular junto ao ouvido. — Tudo bem se eu for aí?

— Você vai perder o jogo.

— Não ligo pro jogo. Te vejo em alguns minutos.

Eu me levantei e tentei me espremer para passar pelo Eric. Mas ele me agarrou pela cintura e me puxou para o seu colo.

— Rachel, você sabe que é louca por mim. Por que está lutando contra isso?

Dei uns tapinhas no rosto dele.

— Quer ir comigo na festa do Brendan?

Ele riu.

— Na verdade, não. — Levantei e segui pelo corredor. — Eu te vejo amanhã — gritei para Eric. Mas ele já estava falando com a garota ao lado.

O apito soou e o jogo começou. Fui seguindo pela margem da quadra, empurrei as portas duplas e saí. O som abafado sumiu atrás de mim quando as portas do ginásio se fecharam.

Estava pensando em Amy enquanto seguia até os fundos da escola. O corredor estava vazio. Todos estavam no ginásio assistindo ao jogo. Os pais de Amy estavam sempre no pé dela. Ela nunca queria contar o motivo. Sempre dizia que eles eram imbecis. Eu sabia que eles brigavam o tempo todo. E nunca parecia ser por algo importante.

Numa tarde, eu estava lá quando a mãe de Amy disse que ela precisava mudar totalmente de comportamento. Amy apenas a encarou e disse: “Você é que tem mau comportamento. Não eu”.

Isso rendeu a ela um castigo de uma semana.

Que imbecilidade.

Saí para o estacionamento de alunos atrás da escola. A noite estava limpa e fria. Dava para ver o vapor da minha respiração à minha frente. O estacionamento estava apinhado de carros. As luzes da rua faziam com que os automóveis reluzissem quase como o dia.

Vi meu Camry branco duas fileiras adiante. Tremendo pelo frio úmido, puxei e ajustei mais o meu capuz. Tirei a chave da bolsa. Estava a alguns palmos da porta do carro quando ouvi alguém correndo atrás de mim no asfalto.

Antes que eu pudesse me virar, mãos fortes agarraram meus ombros por trás.

Fiquei sem ar por um instante e tentei me soltar.

Mas o agressor continuou segurando e, com um grunhido, me girou.

— Mac! — Eu ofegava. — Mac... o que você está fazendo? Me solta! Mac... o que você está fazendo? *Solta!*

## capítulo 6

# "Ouvi coisas que não deveria."

— Só quero conversar — ele disse, me apertando contra o carro. — Podemos apenas conversar?

— Conversar? Você está maluco? — gritei. — Tire as mãos de mim. Agora.

Ele baixou as mãos, mas não recuou. Seus olhos cinzentos frios se fixaram nos meus. Seus cabelos alourados brilhavam sob a luz.

Eu me sacudi como um cachorro tentando se livrar das pulgas. Ainda sentia a pegada dele em meus ombros.

— Você quase me mata de susto e quer conversar? E depois do que você fez ontem à noite?

Ele balançou as mãos no ar.

— Escuta, Rachel. Só escuta.

Meu coração estava disparado. Já tinha visto Mac passar de calmo a furioso em dois segundos. Era aterrorizante. O que eu poderia fazer para evitar que ele explodisse?

Eu o encarava, alerta a qualquer movimento que ele pudesse fazer, encarava-o como se eu nunca o tivesse visto. Mac é bonito. Amy diz que ele se parece com um jovem Brad Pitt, e eu também acho.

Ele não sorri muito. Tem um tique estranho de ficar piscando três ou quatro vezes em poucos segundos, como um espasmo. Não acontece com muita frequência, mas eu acho que isso mostra o quanto ele é tenso.

Ele estava vestindo uma jaqueta verde-militar sobre uma camiseta preta e um jeans justo, com os dois joelhos rasgados, e botas pretas. Dei uma olhada no maço de cigarros amassado no bolso da jaqueta.

— Mac — sussurrei. — Vá embora. Nunca mais quero falar com você. Depois de ontem à noite...

— Ontem à noite foi uma maluquice. Eu estava fora de mim — ele disse. — Rachel, eu passei a noite toda, a noite inteira, no meu carro. Fiquei muito mal por sua causa. Não consegui vir à escola hoje. Eu achei... achei... que você e eu... nós...

— Não, Mac — interrompi. — Nós terminamos. Desculpa, mas você vai ter que lidar com isso. Nós terminamos. Como você sequer pode achar que eu vou falar com você? Depois... depois do rato morto.

Ele piscou.

— O quê?

— O rato morto.

— Rachel, do que você está falando?

— Ah, não tente mentir pra mim. Você é um péssimo mentiroso, Mac. Por que ainda tenta?

Sempre que Mac conta uma mentira aparecem umas manchas rosadas em suas bochechas. E elas certamente estavam ali agora. Dava para ver, mesmo com a luz fraca do estacionamento.

Fui para a porta do carro.

— Por favor... me deixe ir. Vamos simplesmente nos despedir, está bem? Só chega pra trás e me deixe ir.

— Eu... não posso — ele disse. Ele não se mexeu. Novamente, aqueles olhos prateados fulminavam

os meus. — Eu preciso te dizer uma coisa, Rachel. Outra coisa. Não é sobre mim e você. Você tem que me ouvir.

— Se eu ouvir sem falar nada, você me deixa ir? Você promete?

Ele assentiu.

— A-hã, claro. Mas você tem que ouvir. Eu... vi você conversando com o Brendan Fear.

— E daí? Você estava me espionando?

— Você precisa ficar longe dele.

— Como é? Acho que não, Mac. Eu posso falar com quem eu quiser. — Minha voz falhou. Eu não queria provocá-lo. Não queria provocar sua fúria.

Ele chutou um dos meus pneus.

— Escuta. Estou falando sério. Rachel, não vá para a ilha do Medo. Não vá àquela festa.

— Como você sabe que eu fui convidada? Como sabe das minhas conversas particulares? Escuta aqui, Mac. Você e eu... terminamos. Está entendendo? Acabou. Você tem que parar de ficar me espionando. E você não pode me dizer com quem eu posso ou não falar.

Ele sacudiu a cabeça.

— Apenas não vá, Rachel. Eu... eu ouvi coisas.

— Ouviu coisas? Você está maluco? — Minha voz saiu alta e aguda.

Ele agarrou os meus braços de novo. Apertou com tanta força que eu gritei.

— Mac, me solta! Você está me machucando.

— Eu ouvi coisas, Rachel. Ouvi coisas que não deveria ter ouvido.

— Mac... me solta. Estou avisando. Mac, você precisa procurar ajuda. Você está fora de controle.

Precisa arranjar ajuda antes que faça algo terrível.

— Não vá. Está me ouvindo? É pelo seu próprio bem. — Ele começou a me sacudir.

— Para! — gritei. Girei e soltei meus braços. Empurrei Mac com força e o fiz cambalear para trás.

Ele perdeu o equilíbrio e caiu de bunda no asfalto.

Ofegante, agi rápido. Abri o carro e entrei. Bati a porta e travei tudo.

Ainda dava para ouvir Mac gritando quando liguei o motor do carro e dei a ré para sair da vaga. Pelo retrovisor, eu o vi ainda no chão, sacudindo o punho fechado para mim.

— Eu estou avisando — ele gritava. — Estou avisando, Rachel. Fica longe do Brendan Fear.

Saí acelerando, quase batendo nos outros carros. Fiz a curva cantando pneu e peguei a rua.

— Tchau, Mac — eu disse, em voz alta. — Tchau, Mac. — Pisei no acelerador e o deixei para trás, me distanciando de toda a sua maluquice. — Tchau, Mac. E bem feito.

Mas será que isso seria o fim dos meus problemas com Mac?

Quem me dera.



## capítulo 7

# “Sinta medo, Rachel.”

Meus sonhos sempre foram muito comuns e *nunca* tenho pesadelos. Um tempo atrás, tive o sonho mais assustador do mundo. Beth e eu estávamos comprando roupas, me perdi e não conseguia encontrá-la.

Grande coisa, não é?

Mas a verdade é que nunca me lembro dos meus sonhos na manhã seguinte. Acho que é porque eles não têm graça.

Mas, na véspera da festa de aniversário de Brendan Fear, tive o sonho mais estranho e aterrorizante da minha vida. Foi um sonho tão esquisito e inquietante que acordei com ele nítido na cabeça.

O sonho acontecia numa mata fechada. Feixes de raios de sol penetravam por entre as árvores, dificultando a visão. Eu me via perambulando pela mata, sem rumo. Até que avistei um pássaro ferido no chão.

Era marrom-escuro, com penas irregulares. Ele estava piando baixinho, encolhido de dor. Eu o peguei com as duas mãos e tentei confortá-lo. Enquanto eu afagava suas costas, o pássaro lentamente começou a se transformar.

Eu o segurava nas mãos em concha. Olhava enquanto ele ia mudando de forma, esticando, criando um focinho comprido e peludo. O pássaro da minha mão tinha se transformado num *rato*. Tentei soltá-lo, mas ele grudou nas minhas mãos. Tentei arremessá-lo, mas o rato não soltava.

Então, gritei de pavor quando o rato passou a ter um rosto humano. Um rosto de homem. Ele abriu a boca e vi dentes compridos e curvos. Eles reluziam como marfim. O rato soltou um chiado agudo e cravou os dentes no meu punho.

Gritei quando o sangue vermelho-vivo jorrou do meu braço como uma fonte. O rato sumiu numa espécie de cortina vermelha. Eu só via vermelho. Então, ele desapareceu. Eu estava em pé na floresta. Tinha uma sensação de não estar sozinha. Alguém estava me observando por trás das árvores. Mas a luz do sol era tão forte que eu não conseguia ver.

Depois disso, a claridade começou a diminuir e vi Brendan Fear. Ele estava bem próximo. Comecei a seguir em sua direção. Mas parei quando ele jogou a cabeça para trás e começou a rir. Gargalhadas horrendas, loucas. Um riso cruel.

E, enquanto ria, ele subitamente ficou com cara de rato. O rato ria sem parar. Eu queria me afastar de Brendan. Lembro que eu tentava acordar, tentava sair do sonho, mas estava presa ali. Não conseguia escapar.

Brendan, com seu rosto de rato, abria a boca. Tinha presas curvas, que pingavam sangue. Virei e corri, corri em meio às árvores escuras. Brendan veio atrás de mim. O riso frio e cruel me seguia. Eu corria, corria, mas não conseguia deixá-lo para trás.

Sem explicação, soube que todas as árvores estavam vivas. Estavam vivas me observando. Era algum tipo de armadilha. Eu sabia que jamais escaparia. As árvores escuras se retorciam, sacudiam e começaram a deslizar pelo chão em direção a mim. Um som horrendo de raízes arrancadas ecoava em

meus ouvidos conforme as árvores saíam do solo, uma por uma, se aproximando de mim.

Brendan me agarrava por trás. Ele me girava. Seu rosto humano tinha voltado, não era mais a cara de rato. Ele me puxou para perto. Suas bochechas pressionavam as minhas. Seu rosto parecia tão frio, frio como a morte.

E ele sussurrou em meu ouvido: “Sinta medo, Rachel”.

Acordei tremendo, meu travesseiro estava encharcado de suor. Repassei o sonho em minha mente. Eu me lembrava de cada segundo aterrorizante.

Pulei da cama e fui cambaleando até a janela do quarto. Queria me afastar ao máximo daquele sonho.

Eu não tinha como saber que o pesadelo havia apenas começado.

# Segunda parte

## capítulo 8

# Um calafrio

Mesmo sendo um trajeto curto de barco, eu nunca tinha ido até a ilha do Medo. Tinha ouvido o pessoal falar de lá. É uma ilha quase perfeitamente redonda de mata fechada, estradas de terra e casinhas de madeira ao longo da margem. Fica no centro do lago do Medo, distante demais para ser vista do lado que dá para a cidade.

Na tarde de sábado, meu pai me levou de carro até o píer que fica no fim da rua do Medo. Era um dia cinza e ameaçava chover, mas de jeito nenhum o clima faria minha empolgação murchar.

Eu tinha mudado de roupa três vezes antes de sair de casa, e acabei vestindo um jeans preto bem apertado, que tinha custado uma semana do meu salário, calçando meus sapatos prediletos, e usando uma blusa de alcinha e, por cima, uma jaqueta chique, cor de tangerina, que minha tia tinha me mandado de Nova York.

Dei um beijo no meu pai e desci do carro. Dava para ver alguns garotos entrando num catamarã branco de dois andares que balançava ao lado do ancoradouro.

Já estava correndo até eles quando ouvi a voz do meu pai lá do carro.

— Rachel? Não esqueceu nada? — Ele segurava minha mochila.

Acho que eu estava um pouquinho nervosa.

Peguei a mochila, pendurei no ombro e corri até o cais. Eu nem fazia ideia do que tinha separado para usar. Brendan disse que a festa ia varar a noite, então, não precisava levar pijama nem nada disso. Joguei uns batons e blush, escova de cabelo e uma garrafa de água, e nem sei mais o quê. As coisas faziam barulho, tilintando com a mochila que sacudia nas minhas costas.

O lago reluzia em tons de verde-escuro, refletindo o céu escuro acima, e as ondinhas batiam no cais curto de madeira. O catamarã tinha dois deques com janelas, em cima e embaixo, e parecia um iate de bacana. Eu estava esperando um barco a remo ou um barco a motor, mas aquele era bem mais legal.

Ele balançava levemente, dando suaves batidas no cais. Gaivotas grasnavam do alto de um poste telefônico da rua.

Na beirada do cais estava um cara de vinte e poucos anos, de rosto bronzeado, vestido de branco, com um quepe de almirante com guirlandas douradas, ajudando o pessoal a entrar no barco. Fiquei olhando ele segurar a mão de Patti Berger quando ela desceu do cais.

Ele me cumprimentou com um movimento de cabeça quando caminhei em sua direção. Tinha belos olhos azuis e um sorriso amistoso.

— Sou Randy — ele se apresentou. — Sou o capitão. Pode sentar onde quiser.

— Que bronzeado, hein? — comentei.

— Obrigado. — Ele afastou o quepe pra trás, para que eu visse melhor. — Estive velejando em Eleuthra, nas Bahamas.

— Demais.

Quando desci do cais, uma onda maior balançou o barco e eu quase caí. Ele segurou meu braço para

me manter de pé.

— Não está um dia bom pra nadar — observei. — Você mergulharia pra me tirar se eu caísse? — E dei um sorriso maroto.

— Quer ver? — Ele apontou para água. — Vá em frente. Pode pular.

O desafio pairou no ar por alguns segundos. *Será que ele está falando sério?* Claro que estava.

— Talvez na volta — respondi.

Vi sete ou oito garotos já no barco, sentados nos bancos das laterais do deque. Havia quatro fileiras de bancos no centro, de frente para a proa, mas estavam vazias, exceto por dois caras de jeans e jaquetas marrons de couro.

Eu não os reconheci. Murmuravam um com o outro e tinham uma aparência carrancuda, cabelos escuros caindo por cima da testa. As mãos estavam enfiadas nos bolsos das jaquetas e eles ignoravam os outros.

O barco balançou de novo. Dessa vez mantive o equilíbrio. Desci ao lado de Patti. Como sempre, ela parecia uma bonequinha. Estava com uma minissaia cinza brilhante por cima de um jeans preto. Seu casaco impermeável estava aberto, mostrando um colete lilás e uma camiseta azul-clara embaixo. Ela estava com um colar de miçangas amarelas e azuis que tilintavam conforme ela se mexia.

— Que saia linda — elogiei. — É seda?

— É, quase — ela respondeu. Nós duas rimos.

Dei uma olhada em volta.

— Onde está Kerry?

Patti revirou os olhos.

— Atrasado, como sempre.

Uma gaivota deu um rasante acima do barco, grasnando bem alto, à procura de comida. O céu tinha escurecido com as nuvens de tempestade que se adensavam.

Continuei observando o lugar, vendo o restante do pessoal.

April Conklin se virou e acenou para mim. Ela é baixa e magrinha e parece ter uns doze anos em vez de dezesseis. Tem cabelo preto liso e comprido, olhos escuros por trás da armação vermelha dos óculos que sempre usa e um sorriso bonito. Estava com um jeans justinho, de cintura baixa, botas marrons e uma camiseta azul-clara por cima de outra branca.

April é uma violoncelista muito séria. Toca na Sinfônica Jovem de Shadyside e ganhou uma bolsa para estudar música na Dartmouth, ano que vem. É supertalentosa, mas modesta demais para falar a respeito. Ela e minha irmã ficaram amigas, já que ambas são instrumentistas dedicadas.

Do outro lado do deque, avistei Delia Rodgers e Geena Steves. Delia é uma garota engraçada, de cabelo curto platinado, olhos azul-claros, muita maquiagem escura e pelo menos cinco brincos em cada orelha. Ela tem uma tatuagem de flor no tornozelo e outra nas costas, e diz que seus pais irão matá-la se algum dia descobrirem.

Às vezes Delia é meio durona. Ano passado, ela entrou numa briga de puxão de cabelo e unhadas com uma garota da Martin's Landing durante um jogo de basquete. Ela disse para todo mundo que valeu totalmente a pena. Desde então, as pessoas tomam cuidado quando ela está por perto.

Delia está digitando furiosamente, batendo os polegares no celular. Ela nem ergueu os olhos quando

Geena lhe disse algo.

Geena é alta, magra e bonita, com pele branquinha, olhos castanho-escuros e cabelo ondulado, cor de cobre, caindo nos ombros.

O pai dela é dono de uma concessionária da Chevrolet em Waynesville, e usa Geena em seus comerciais de tv porque ela é linda. Geena toma aulas de interpretação e diz que sempre faz testes para outros comerciais.

Ela e eu éramos boas amigas quando pequenas. Mas nos distanciamos quando entramos no ensino médio. Sem motivo. Ainda gostamos uma da outra.

Ela estava falando com Robby Webb. Robby entrou na nossa turma ano passado. Não sei onde ele estudava antes. Robby é negro, alto e bem magrinho, com olhos escuros enormes e um sorriso amistoso. Ele pediu que todo mundo o chamasse de Spider. Spider Webb.

Ele parece um cara legal, mas ninguém o conhece muito bem. Trabalha na Dairy Queen depois do colégio, e não vai a nenhum jogo, nem às festas da escola.

— Achei que viesse mais gente — comentei com a Patti.

Ela estava digitando uma mensagem de texto em seu celular. Provavelmente para o Kerry; talvez perguntando onde ele estava. Ela terminou e ergueu os olhos.

— É, é uma festa pequena. Nunca dá pra prever com o Brendan. Ele é tão estranho.

— Você acha mesmo que ele é estranho?

Ela deu de ombros.

— Na verdade, eu o acho mais inteligente que a maioria das pessoas. Ele tem uma mente... que dispara em todas as direções. Kerry anda muito mais com ele do que eu. Ele diz que Brendan é *obcecado* por todos os games que joga. Tipo, como se ele vivesse num mundo de games. — Ela conferiu o celular, depois virou de volta para mim. — Você e o Brendan... eu não sabia que vocês eram amigos.

Eu sacudi a cabeça.

— Não somos. Realmente não sei por que fui convidada.

Ela sorriu.

— Talvez o Brendan esteja a fim de você.

— Talvez. — Sorri. — E talvez eu bata os braços e vá voando pra Marte.

— Não, sério. Pode ser — ela insistiu.

Eric Finn apareceu, pulando em nossa direção, imitando a gaivota que toda hora voava acima da gente e grasnando para ela. Alguns garotos grasnaram para ele.

Eric se jogou no assento ao meu lado. Ele largou a mochila no chão do barco e virou para mim e Patti.

— Ei, desculpa fazer vocês esperarem, garotas. Estavam preocupadas comigo?

— Não — eu e Patti respondemos ao mesmo tempo.

— Bem, eu estou aqui. A festa pode começar. — Ele sorriu para mim. — Você provavelmente não deveria sentar ao meu lado, Rachel.

— Por que não?

— Eu fico muito enjoado com a maré. Sério. Mesmo num lago.

— Obrigada pelo aviso. Mas você está brincando, não é? Com você, nunca dá pra saber.

— Estou falando sério. Eu sempre vomito muito em barcos. Vou tentar não vomitar em você. Pena que comi demais no almoço. — Ele puxou a manga da minha jaqueta. — Ei, que bom que você está com uma jaqueta cor de vômito.

Puxei meu braço.

— Isso não é cor de vômito, idiota. É tangerina. E para de ficar me pegando.

— Você tomou alguma coisa pra enjoar? — Patti perguntou a ele.

Eric assentiu.

— Meu pai me deu uns comprimidos. Acho que estão me deixando tonto. Opa! — Ele imitou um gemido e caiu em cima de mim, pousando a cabeça no meu colo.

Patti riu. Spider e Geena também.

— Não fiquem incentivando — pedi. Depois o empurrei. — Você não tem *nada* de engraçado.

— Fala a verdade, você não consegue tirar as mãos de cima de mim, não é? — Eric disse. — Você me quer, não é?

— Sim. Quero você. Quero você *longe* de mim.

Ele bufou. E puxou a manga da minha jaqueta.

— Tenho meias de treino desta cor.

— Deixe a Rachel em paz — disse Patti. — É uma jaqueta linda. Acho que ela ficou ótima.

— Por que você foi embora do jogo de basquete tão rápido ontem à noite? — Eric perguntou. — Foi porque eu me esqueci de passar desodorante?

— Você sempre responde suas próprias perguntas? — retruquei. — Digamos que sentar ao seu lado me deixou emocionada demais.

— Eu causo isso nas pessoas — Eric comentou, sorrindo. — Pena que sua amiga Amy não foi convidada pra festa. — Ele olhou em volta, para os outros convidados.

— Por quê? — perguntei.

— Porque ela é uma gata.

Também queria que Amy estivesse ali. Eu estava empolgada em ir a essa festa, mas também estava nervosa. Prometi a mim mesma que ia parar de tentar descobrir por que eu tinha sido convidada e simplesmente aproveitar a festa, mas isso seria muito mais fácil se minha melhor amiga estivesse comigo...

Eric se levantou de repente.

— Ei — ele gritou —, a orgia começa no barco ou a gente tem que ficar de roupa até chegar à casa do Brendan?

Isso provocou algumas gargalhadas e uivos. Alguém jogou uma lata de coca vazia no Eric. Ela quicou no ombro dele e rolou pelo deque.

Um ronco baixo indicou que o motor do barco tinha sido ligado.

Randy apareceu e agitou seu quepe de almirante acima da cabeça, pedindo atenção.

— Certo, pessoal — ele gritou —, todo mundo sentado, por favor. Agora nós vamos sair. Hoje o lago está meio agitado, portanto...

Patti e eu o interrompemos com um grito. Avistamos Kerry Reacher correndo a toda em direção ao barco com a mochila quase voando.

— Espere o Kerry! — Patti gritou.

Kerry deu um salto e pulou do cais, abrindo as pernas compridas no ar. Ele caiu direto no deque, sacudindo os braços acima da cabeça para se equilibrar. E fez uma aterrissagem perfeita.

Todo mundo aplaudiu.

— Cesta! — disse Kerry, fazendo um gesto no alto como se tivesse feito um ponto no basquete.

Mais aplausos.

Randy tirou o quepe e coçou os cabelos castanhos.

— Certo. Acho que estão todos aqui. Vamos nessa. Se vocês precisarem de mim, estarei aqui em cima. — Ele apontou para o leme, na cabine acima.

Kerry se espremeu entre mim e Patti. Isso me colocou praticamente no colo de Eric.

— Rachel, eu sabia — Eric comentou. — Você não consegue ficar longe de mim. — Ele alisou a manga da minha jaqueta.

Eu o empurrei.

— Você ainda não está enjoado? Por que não vai recostar no alambrado? Pode se debruçar bastante.

— Rachel, não tente esconder seus verdadeiros sentimentos.

Nós dois rimos. Eric não era tão engraçado como pensava, mas era um pouco, sim.

O motor rugiu novamente. O barco balançou com força e começou a andar. Eric se virou para April, que estava sentada de seu outro lado.

— Você trouxe seu violoncelo?

Ela riu.

— O que acha?

— Lembra do aniversário de dez anos do Brendan? — Kerry perguntou. — Foi demais. Os pais dele tinham transformado todo o quintal dos fundos em um parque de diversões. Brendan Land. Sério. Tinha uma montanha-russa de verdade.

Eric sorriu.

— Eu estava lá. Eles também colocaram uns carrinhos de bate-bate. Você estava na festa na praia, dois anos atrás? Eles soltaram fogos e nós fomos nadar no lago, à meia-noite.

April assentiu.

— Foi lindo. Eles colocaram aquelas lanterninhas flutuantes iluminando a água.

Eric sorriu pra ela.

— Eu lembro que você e o Danny Goldman foram pra praia, juntos, ninguém conseguia encontrar vocês. Nós achamos que tínhamos que ligar para a Guarda Costeira.

April ficou vermelha como um pimentão.

— Cala a boca, Eric.

Todos riram.

Senti um arrepio repentino.

O ar do lago estava fresco. Mas não foi esse tipo de arrepio. Meu corpo inteiro tremeu.

Às vezes, tenho essas sensações. Pressentimentos, eu acho. Nada especial. Acho que todo mundo tem isso. Sabe, quando você simplesmente *sabe* que tem alguém te olhando. Então, acaba sendo verdade.

As gaiotas grasnaram e passaram velozes acima de nós, como se liderassem o caminho rumo à ilha.



Eram mais barulhentas do que o motor do barco.

— Ei, Rachel. — April se debruçou por cima de Eric para falar comigo. — O que há com você e o Mac?

— Nós terminamos — respondi. — Na verdade, eu terminei com ele. Por quê?

— Bem, eu acabei de vê-lo. Achei que ele talvez estivesse vindo pra festa, com você.

— Você *o quê*? — Fiquei de pé num pulo. — Você *o viu*?

Virei para a margem. O barco continuava se afastando. Mas estreitei os olhos além da água e vi alguém. Alguém meio escondido atrás do poste telefônico, na estrada. Ele estava com um braço em volta do poste, olhando o barco, me olhando.

Mac. Eu o reconheci, mesmo a essa distância.

*Mac estava me olhando.*

*Estava me espionando.*

— Rachel? Você está bem? — A voz de April irrompeu em meus pensamentos. Ela estava me encarando. — Você está com uma expressão muito estranha.

— Ah. Não é... nada de mais — respondi, com os olhos em Mac. — Só senti um calafrio.

## capítulo 9

# Sangue na água

As nuvens de tempestade se dispersaram quando nos aproximamos da ilha do Medo, e os raios de sol estavam batendo nas árvores sem folhas. Protegendo meus olhos com uma das mãos, vi algumas casinhas de veraneio já preparadas para o inverno, e seus minúsculos ancoradouros vazios.

*Vou me divertir muito, disse a mim mesma. Deixei o Mac pra trás e vou a uma festa numa mansão, vou ficar acordada a noite toda, fazer novos amigos e talvez me aproximar de Brendan Fear. Vai ser demais.*

E, de alguma forma... dessa vez, eu acreditava de verdade.

Randy guiava o barco para contornar a ilha e a casa dos Fear surgia imponente, em meio às árvores, como uma torre negra. A casa de Brendan não era uma casinha de verão. Mais parecia um castelo. Tinha pelo menos três andares, era revestida de pedras pretas que reluziam sob a luz do sol, tinha janelas altas, todas escuras, um telhado vermelho pontiagudo com chaminés apontando acima e varandas que despontavam em direção à vegetação.

*Estou realmente entrando num mundo diferente, pensei, olhando o reflexo daquela mansão inacreditável na água.*

— Casinha bonitinha — Patti brincou, tirando uma foto com o celular. — Será que tem espaço suficiente para uma festa?

— Morei em Shadyside minha vida inteira, mas nunca tinha visto este lugar — comentei. Eu sabia que os Fear eram ricos. Mas nunca imaginei...

O barco balançou na água, desacelerando ao nos aproximarmos do ancoradouro de madeira. Virei-me para Eric.

— Você e o Brendan vêm muito aqui, não é?

Ele assentiu.

— É. Acredite se quiser, este castelo gigantesco é a casa de veraneio do Brendan. Eles a fecharam em setembro. Brendan e eu temos vindo muito. É muito entediante.

— Entediante?

— Não tem internet. Nem wi-fi. Nem sinal no telefone. É tipo... bem-vindo ao tempo das cavernas.

Dei uma risada.

— Isso pode ser uma coisa boa.

Uma rajada de vento levantou o cabelo dele.

— É um bom lugar pra fazer um filme de terror — ele comentou, afastando o tufo rebelde com uma das mãos. — Salas grandes, cheias de móveis pesados, antigos. Corredores longos e escuros, virando pra cá e pra lá. É pra ser uma casa de veraneio, mas o lugar todo é sombrio e depressivo.

Ele apontou.

— Está vendo aquelas janelas imensas? Quer dizer, mesmo quando está fazendo sol, a luz parece não entrar.

— Estranho.

Ele arregalou os olhos.

— Há sombras compridas e sinistras por todo lado. E elas parecem se mexer sozinhas. E sempre ouço uivos horrendos lá do sótão.

Dei outra risada.

— Agora você só está tentando me assustar... não está?

Ele sorriu.

— O que você acha?

O barco bateu com força contra o cais de madeira. Alguns garotos gritaram, surpresos. Eric fingiu cair de seu lugar e aterrissou de bunda no deque. Ele realmente parece um garoto de cinco anos. Até que é bonitinho, mas é um bebezão. E sempre tem que ser o centro das atenções.

Kerry o ajudou a ficar de pé. Randy saltou no cais e amarrou o catamarã nas estacas. Nós nos preparamos para descer. A névoa do lago deixava meu rosto frio e úmido. Respirei fundo e inalei o aroma delicioso das árvores.

— Vejo vocês depois — Randy se despediu, ajudando April a descer do barco. — Antonio e Miguel vão levá-los até a casa.

Antonio era um jovem alto e esguio, com olhos escuros e miúdos, um nariz afilado e um diamante reluzente numa das narinas. Tinha cabelo preto puxado para trás, preso num rabo de cavalo que batia nas costas.

Miguel era mais velho, mais baixo e atarracado, um negro com a testa larga e o cabelo já bem grisalho. Ambos estavam de uniforme: camisa preta social, gravata preta e calça preta. Ambos tinham crachás nos bolsos das camisas.

— Eles devem ser novos — Eric sussurrou em meu ouvido. — Nunca vi nenhum dos dois. Os Fear têm muita gente que trabalha pra eles.

— Mas a casa estava fechada, certo? — confirmei. — Eles acabaram de abrir pra a festa do Brendan, hoje.

Eric assentiu. Ele deu uma corrida até Geena e passou o braço ao redor dela.

— Eu vi que você estava me olhando, Geena. Não consegue tirar os olhos de mim, não é? Talvez você e eu possamos dar uma fugida depois. Talvez dar uma caminhada para desbravar a natureza da ilha? Você curte a natureza como eu?

Ela riu.

— Quem sabe, Eric.

— Você quer dizer que isso é um *sim*?

Geena sacudiu a cabeça.

— *Quem sabe é não.*

— Então, é *sim* — concluiu Eric.

— Não.

— Vou encarar isso como um *sim*.

O céu escureceu novamente e o ar ficou mais fresco. Atrás de nós, o barco se desestabilizou com as fortes ondas que quebravam contra o pequeno cais.

— Certo, pessoal. Vamos até a casa antes que a chuva chegue — gritou Antonio. Ele tinha um sotaque estrangeiro. Italiano, eu acho. Ele apontou um caminho de terra que levava para uma grama alta, distante da margem. — É uma pequena caminhada pela mata. Cuidem para que se mantenham no caminho. Há muitas cobras.

— Que tipo de cobra? — perguntou Patti.

— Do tipo que vocês não vão querer conhecer — respondeu Antonio.

Todos nós seguimos em direção à trilha. Parei quando ouvi um grito agudo.

Virei-me a tempo de ver Randy cair. Um pé estava preso na corda de amarrar o barco, e ele gritou novamente ao tropeçar para trás e cambalear para fora do deque. Perdi o fôlego quando sua cabeça bateu em um dos tocos. O baque seco foi horrível de ouvir.

Seu quepe branco caiu no cais, virado para cima. Com os braços imóveis, Randy caiu na água do lago.

Gritando, chocados, nós corremos até o ancoradouro. Antonio e Miguel já estavam de joelhos olhando a água. Eles tentaram acenar para que voltássemos.

— Ele vai ficar bem — Antonio gritou. — É um bom nadador.

— Todos para trás — ordenou Miguel. — Voltem.

Ninguém se mexeu. Meu coração estava disparado. Eu me esforçava para respirar.

Então, soltei um grito sufocado quando um círculo vermelho-vivo surgiu na água escura. A mancha vermelha se espalhou rapidamente com as ondas.

— Sangue! É sangue! — Geena gritou.

— Onde está ele? Por que não sobe à superfície? — Delia gritou.

Eu estava na expectativa, o tempo todo prendendo a respiração, e me forcei a respirar. Minhas pernas de repente pareceram fracas. Nenhum sinal dele.

Antonio começou a acenar freneticamente.

— Subam até a casa! Todos vocês! Miguel, leve-os até a casa. Vou cuidar disso. Todos vocês, *vão!* — Ele tirou os sapatos e começou a se despir.

— Ele vai ficar bem. Randy vai ficar bem — Miguel ficava repetindo. Ele começou a nos tirar do cais. — Venha, pessoal. Antonio vai tirá-lo de lá. Não se preocupem. Mesmo. Não se preocupem.

Não tive escolha. Tive de seguir os outros pelo caminho que levava até a casa. Mas, assim que saí do cais, me virei para trás. E vi a água muito vermelha, toda tingida, o sangue se espalhando nas ondas e ao redor do ancoradouro. E nem sinal de Randy... só o sangue dele minando lá do fundo.

## capítulo 10

# Animais atropelados

Fechei os olhos, desviando-me daquela cena horrenda do cais.

Será mesmo possível? Será que a festa tinha sido estragada por um afogamento antes de ela começar?

De repente, pensei em Amy. Ela tinha me alertado para não vir a esta festa. Ficou dizendo que havia uma maldição na família Fear. Mac também tinha me alertado, mas ele era maluco e ciumento, e estava fora de controle.

— Continue em frente, pessoal — Miguel nos ordenou. Não se preocupem com Randy. Antonio está com tudo sob controle. — A voz dele vacilou. Ficou óbvio que Miguel estava mentindo.

— Randy está bem? — perguntei de novo. — O Antonio conseguiu tirá-lo da água?

— Está tudo sob controle — Miguel repetiu. — Agora, vamos, todos em frente.

Eu estava me sentindo mal. Decidi mandar uma mensagem para Amy e dizer que ela talvez estivesse certa sobre a festa. Peguei meu celular. Sem sinal. Claro. Eric tinha me avisado que os telefones não funcionariam na ilha.

O caminho se transformou numa subida conforme nos aproximamos da casa. Ouvi um pássaro estranho cantar no galho de uma árvore. Um longo *ru-ruuuuu*. Muito triste e humano. Como alguém chorando. Meu pesadelo surgiu em minha cabeça, num lampejo. O pequeno pássaro marrom na grama que se transformou em rato nas minhas mãos. A mordida de suas presas. O sangue jorrando do meu punho.

*Não. Para, Rachel. Tire esse pesadelo da cabeça. Pense em Brendan. Ele a convidou porque gosta de você. Pense no quanto ele é gatinho. Não pense no sangue na água que ficou pra trás, no jovem que não voltou à superfície...*

Andamos em silêncio. À minha frente, Kerry estava com o braço em volta de Patti. Ela ficava sacudindo a cabeça. Cruzei os braços para parar de tremer. Até Eric ficou em silêncio, com o olhar fixo em algum ponto diante dele enquanto seguíamos Miguel pelo caminho, por entre as árvores.

Fiquei aliviada quando vi um círculo de luz adiante. Saímos da mata fechada e chegamos a um amplo gramado bem aparado e cuidadosamente limpo. Não havia folha alguma. E, para além desse campo, a mansão imensa se erguia, iluminada por pontos de luz vindos das sacadas do alto.

Nas portas duplas da frente outra empregada de uniforme preto esperava para nos receber. Seu crachá dizia delores. Ela entregou a cada um de nós um envelope branco lacrado e seguimos até o hall.

— Não abram até que chegue a hora — ela repetia para todos.

*Hora de quê?*

Pisquei devido à luminosidade da entrada. Um lustre cintilante de cristal pendia sobre nossas cabeças, lançando uma luz branca sobre nós. O chão era de mármore preto e branco. O papel de parede amarelo tinha lindas borboletas brancas, centenas de borboletas voando em fileiras perfeitas.

Miguel sussurrou algo a Delores, depois seguiu correndo pelo corredor. Delores pareceu aflita. Miguel deve ter lhe contado sobre o acidente de Randy, mas ela forçou um sorriso e nos levou até uma ampla escada curva na lateral da entrada.

— Depois do trajeto de barco, todos vocês provavelmente vão querer subir e se refrescar — disse Delores. — Nós abrimos alguns quartos lá em cima. E vocês podem deixar seus casacos e mochilas lá.

— Vou dividir um com a April — avisou Eric. Ele se virou para ela. — Não implore. Eu já disse que posso dividir um com você.

Ela pegou o capuz do moletom que ele usava e abaixou sobre o rosto dele.

— Isso é um sim? — ele perguntou.

Seguimos Delores escada acima. Entramos num corredor comprido e pouco iluminado. Havia quartos dos dois lados, até o final. Enquanto a seguíamos, passamos por imensas pinturas nas paredes, quadros dos Fear, imaginei. Gente de ar soturno, sentada ou em pé, todos rijos diante de um fundo escuro. Não pareciam maus, mas também não pareciam agradáveis.

Delores gesticulou para April, Geena e eu, para que entrássemos no primeiro quarto. Era um cômodo enorme, com uma cama king-size junto à parede dos fundos, coberta com uma colcha acetinada azul-marinho. Havia um espelho alto atrás de uma cômoda de carvalho. O quarto tinha seu próprio banheiro. Luminárias duplas em cones pendiam do teto e lançavam uma luz branca no ambiente.

— Tem vista? — perguntei. Fui até a janela e olhei através do vidro sujo. — Só dá pra ver a floresta — notei. — As árvores chegam quase até a casa.

Jogamos nossos casacos na cama. Fiquei com a minha jaqueta tangerina. Eu ficaria congelada só com minha blusa de alcinha. Tinha trazido um moletom, mas não queria parecer desleixada.

Geena desapareceu dentro do banheiro, levando seu estojo de maquiagem. Dei uma olhada no espelho atrás da cômoda.

— Nossa! — Meu cabelo estava todo eriçado. — O vento do lago — murmurei, observando o reflexo de April no espelho. — Parece que meu cabelo está querendo fugir da minha cabeça.

Ela riu.

— Você é engraçada, Rachel.

Tirei minha escova da mochila e tentei domar meu cabelo. Por fim desisti e o preendi num rabo de cavalo. Quando me virei para April, ela estava sentada na beirada da cama, apenas olhando fixamente para o papel de parede florido.

— O que houve?

Ela hesitou.

— Estive meio que num filme de terror esta semana. De verdade — ela disse, finalmente. E evitou meu olhar.

— April, do que você está falando? — Atravessei o quarto e me sentei ao seu lado.

Ela sacudiu a cabeça.

— Fiquei totalmente apavorada, Rachel. Sério.

— Por quê? O que aconteceu com você?

— Um esquilo morto — April murmurou. Ela por fim se virou para mim. — Ele parecia ter sido atropelado. Quer dizer, estava achatado, no meio.

Estreitei os olhos para ela, batendo a escova na palma da mão. Minha cabeça estava girando.

— Eu... não entendo.

— Eu... eu cheguei em casa, depois do jogo de basquete, e fui pro meu quarto. E... vi algo embaixo

dos lençóis, na minha cama. Era um esquilo morto, enfiado embaixo das cobertas.

— Aimeudeus! — Meu grito saiu como um sussurro.

April estremeceu.

— A janela do meu quarto estava escancarada. E alguém.. alguém colocou um esquilo morto na minha cama.

— Aimeudeus! Aimeudeus! — Bati as mãos em minhas bochechas. — Não. Não, sem chance. Isso é impossível. — *Eu culpei Mac pelo rato. Sabia que tinha de ser o Mac. Mas...*

— Ei, o que houve? — Geena veio do banheiro, fechando o estojo de maquiagem.

— April encontrou um esquilo morto na cama dela — expliquei. — E eu...

— Nãããã! — Geena gritou. O estojo caiu da mão dela e quicou no carpete. — Quando? Sexta à noite?

April assentiu.

— Mas... mas... — Geena gaguejou. — Eu não acredito! Eu também! Não um esquilo. Um filhote de guaxinim. Um guaxinim morto. Embaixo das minhas cobertas. Esmagado, sem os olhos.

— Aimeudeus! Aimeudeus! — Eu me esforcei para manter o controle. — Culpei o Mac. Não posso acreditar que eu tenha culpado o Mac.

— Você o culpou por quê? — perguntou Geena.

— Pelo rato morto, na minha cama — respondi.

Elas duas ficaram me olhando de boca aberta.

— Você também? — April sussurrou. — Nós três?

— Animais atropelados — murmurei. Sacudi a cabeça. — E eu culpei o Mac.

Geena estreitou os olhos pra mim.

— Mac? Por que o Mac? Por que o Mac colocaria um animal na *minha* cama?

— Ele não colocaria — retruquei. — Devo ter imaginado tudo errado. O Mac não...

— Então, quem foi? — Geena me interrompeu.

Fiquei de pé num salto, ainda segurando a escova com força.

— Animais atropelados — repeti. — Animais atropelados. — Meus olhos desviaram de Geena para April. — Alguém estava tentando nos alertar. Alguém estava tentando  *muito* nos assustar.

## capítulo 11

# Uma festa incrível

Ficamos nos encarando. Alguém tinha invadido nossas casas. Alguém tinha carregado um animal morto para dentro dos nossos quartos e enfiado embaixo de nossas cobertas.

Isso era doentio. Doentio e nojento.

— Alguma de vocês faz ideia de quem possa ter sido? — perguntou April.

Antes que alguém pudesse responder, a porta se abriu e Delores apareceu.

— Prontas? — ela quis saber. — Vou levá-las lá embaixo, ao salão de festas.

Enquanto caminhávamos até a escada, os dois caras de cabelo escuro que não conhecíamos lideravam o caminho. Eric e Kerry arremessavam uma bola de beisebol um para o outro. Spider saltou para interceptá-la e quase caiu na escada.

Patti se apressou para se juntar a nós. Eu queria perguntar se ela também tinha recebido um bicho morto de presente. Mas, quando chegamos ao primeiro piso, fomos recebidos pelo som ensurdecedor de uma guitarra que ecoava nas paredes.

— Hora da festa! — Eric gritou, erguendo as mãos acima da cabeça e fazendo uma dancinha.

Delores abriu as portas duplas e nós entramos num salão imenso, que parecia cenário de filme.

Pisquei várias vezes enquanto olhava para a luz pulsante. Estávamos num salão de baile com um teto alto de catedral totalmente iluminado por luz de velas, que estavam penduradas em arandelas escuras ao longo das paredes. Dois lustres lotados de velas pendiam do alto. Três paredes tinham prateleiras de livros do chão ao teto. As chamas dançavam numa lareira grande na parede dos fundos.

Por algum motivo maluco, pensei no baile no castelo da Fera, naquele filme da Disney que Beth e eu costumávamos assistir sempre, *A Bela e a Fera*.

Meio na sombra, meio na luz oscilante alaranjada, Brendan estava no centro do salão imenso, ao lado de uma mesa comprida de comida. Ele deu um passo à frente, com um grande sorriso no rosto, observando a reação de todos ao salão incrível.

— Ei, pessoal — ele chamou. — Sejam bem-vindos.

Ele estava com um suéter preto, de gola V, por cima de uma camiseta branca, jeans cor de carvão e tênis vermelhos. Era meio que seu uniforme. Eu gostava.

— Eu... é... acabei de ouvir falar do problema no cais — ele começou a dizer, esfregando o queixo. — Bem, quero que saibam que já foi resolvido. Tudo ficará bem. E vocês não estão presos aqui, se é que estão preocupados com isso. Nós já mandamos buscar outro piloto para o barco. E...

— Randy está bem? — April interrompeu, gritando acima do som das guitarras. A música saía de duas caixas de som na parede, idênticas e gigantescas.

— Claro que está — Brendan respondeu. — Randy está bem. Um pouco abalado. Ele perdeu um pouquinho de sangue. Talvez tenha um leve choque. Mas não se preocupem com ele. Estamos aqui pra festejar, certo?

— Certo! — O grito ecoou acima da música.



— Alguns de vocês nunca estiveram nesta casa — Brendan continuou. — É bem legal, vocês vão ver. Meus tataravós construíram esta casa, tipo, há um milhão de anos. E, como todos nós sabemos, meus ancestrais eram meio esquisitos.

— Você também é! — Eric gritou.

Isso arrancou gargalhadas.

Brendan também riu. Ele coçou a cabeça e estreitou os olhos para Eric.

— Eu o convidei pra vir aqui? Mesmo?

— Só vim pela cerveja — Eric disparou.

Isso arrancou ainda mais risos. Alguns caras gritaram: “Eu também!”.

— Sem problema — respondeu Brendan. — Tem cerveja de sobra. Ei, hoje eu faço dezoito anos. Sou maior de idade neste estado. — Ele sorriu. (Cheguei a falar que adoro o jeito como seus olhos se enrugam quando ele ri?) — O restante de vocês também tem dezoito anos... certo?

— Certo! — todos gritaram. A galera sacudia os punhos fechados no ar, vibrando.

A expressão de Brendan mudou.

— Sempre fico impressionado com as histórias dos meus antepassados — ele comentou. — Eu sempre quis fazer uma festa nesta casa que eles construíram. Uma festa como as antigas, com todos os tipos de jogos dos velhos tempos.

— Você quer dizer tipo o original do gta? — um dos garotos de cabelo escuro gritou. Ele estava com um moletom cinza e branco da escola Benson, e jeans preto reto.

Brendan gesticulou na direção dele.

— Ei, algum de vocês conhece meus primos? Eles não estudam na Shadyside. Estudam na Benson. — Ele apontou. — Morgan e Kenny Fear.

Eu os observei. Tinham o mesmo cabelo e olhos escuros e a expressão séria de Brendan. Tinham mesmo a pinta de um Fear.

— Morgan é o alto e magrinho — Brendan explicou. — Kenny é o gorducho desengonçado.

Kenny ficou de pé num salto.

— Ei, valeu!

— Tive que convidá-los porque são da família. Mas não gosto nada deles.

— Também não suportamos você — Morgan respondeu. — Você é um babaca completo.

— Só viemos porque nossos pais nos obrigaram — Kenny completou.

Os três riram. Deu pra ver que eles realmente se *gostavam*.

— Vocês todos podem simplesmente ignorá-los — avisou Brendan. — Eles tão totalmente antissociais e não se entrosam bem com os outros.

— Quem é que se entrosa com  *você* ? — Morgan gritou.

— Você ainda faz xixi na cama? — Kenny perguntou.

— Não, Kenny.  *Você*  é o membro da família que ainda faz isso — Brendan respondeu. — Até quando está acordado.

— Esta é a Noite da Briga em Família? — Eric palpitou. — E a gente tem que votar em quem é o  *Maior Fracassado* ?

— Essa você ganha! — disse Kerry, dando um peteleco no ombro de Eric.

Muito riso ecoou nas paredes altas.

— Vamos passar a noite toda sendo gentis uns com os outros? — Eric reclamou.

— Tenho algumas coisas planejadas. — Brendan ficou sério. — Alguns jogos e tal. Mas podemos fazer isso mais tarde. Quer dizer, temos a noite toda, certo? Primeiro, a gente bate um rango e *fica* doidão.

Fui atrás de Kerry e Patti até a longa mesa de jantar que estava coberta por uma bela toalha cor de vinho. Parecia que a mesa inteira estava forrada de belas bandejas de prata e lindas porcelanas.

— O que é isso! Tem comida pra cem pessoas! — Eu estava surpresa.

Contei três tipos diferentes de pizza, uma bandeja empilhada com cheeseburgers e imensas saladeiras. Quatro garçons vestindo uniformes pretos estavam atrás da mesa, prontos para servir. Um deles segurava uma faca de prata e começou a fatiar um presunto enorme e um rosbife. Seguindo adiante, acompanhando a mesa, avistei uma caçarola imensa cheia de macarrão com queijo. Outra travessa continha uma montanha de batatas fritas. E como se isso não fosse suficiente, havia uma bandeja de purê de batatas, brioches, uma pilha de camarão e patas de caranguejo, pães e queijos. Era um banquete impressionante.

Uma mesa lateral servia como bar. Um barman de uniforme preto estava servindo refrigerante e cerveja em copos altos.

*Que loucura, pensei. Havia só dez pessoas... onze, com o Brendan... Será que é assim que a família do Brendan vive o tempo todo?*

Todos começaram a colocar uma montanha de comida nos pratos. Virei-me e dei uma olhada na impressionante sala. Era realmente como estar num salão do século XIX. A luz das velas dava um tom de magia, de penumbra especial. Eu realmente me sentia como se estivesse num castelo da Disney.

— Terra chamando Rachel — disse uma voz.

Virei-me e vi Brendan sorrindo para mim. Ele estava com dois copos de cerveja nas mãos e me entregou um.

— Você parecia estar em algum lugar do espaço.

— Não... eu só estava olhando em volta — respondi, gaguejando. — Quer dizer, este salão...

Ele sacudiu a cabeça.

— Meus pais são malucos. Está vendo todos esses livros nas prateleiras? Eles compraram a metro. Dá pra acreditar? “Me dá quatrocentos metros de livros, por favor.”

— Estranho — comentei.

Ele inclinou seu copo em direção ao meu, como se estivesse brindando. Nós dois demos um longo gole na cerveja.

— Estou contente por você ter vindo — ele disse. Seus olhos se fixaram nos meus.

— Eu também.

— Este é o salão mais legal — ele explicou. — Mas tem partes desta casa que parecem tiradas de um filme do Frankenstein. Sem brincadeira. Tem até um porão que mais parece um calabouço. Sério. Dá pra jurar que era uma câmara de tortura.

— Nossa, que aconchegante.

Isso o fez rir.

— Você se liga em tortura?

— Ah, claro. Minha casa não tem porão. Se tivesse, eu sem dúvida teria uma câmara de tortura.

Ele assentiu e manteve os olhos fixos nos meus. Ele não piscava.

— Onde você mora?

— Na estrada Knobb. Algumas quadras do Lefty's. É uma casa pequenininha. — Fiz um gesto largo com as duas mãos. — Na verdade, minha casa caberia nesta sala.

Ele deu outro longo gole na cerveja e ficou com um bigode de espuma. Senti um impulso doido de ir lá limpar.

*Opa. Fica fria, Rachel.*

— Alguns anos atrás, tivemos uma casa maior, na rua Park — continuei. — Mas... é... as coisas mudaram para o meu pai e nós tivemos que nos mudar.

*Que cha-ta. Rachel, ele vai cair no sono ouvindo isso.*

Ele limpou a espuma da boca. Depois passou a mão no cabelo escuro ondulado.

— Eu realmente queria que você viesse. Espero que se divirta. Talvez, mais tarde, você e eu... — a voz dele foi sumindo.

*Ele está mesmo me dando bola.*

— A festa está incrível — elogiei.

Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. Um sorriso *provocador*.

— Rachel, você não está com *medo* de estar aqui, está?

— Com medo? — Ri. — Por que eu teria medo?

Ele se aproximou.

— Eu tenho algumas coisas planejadas.

Ele ficou assim, com o rosto perto do meu por um instante. Achei até que ele quisesse me beijar. Foi um daqueles momentos em que o tempo para, como acontece quando você aperta a pausa num filme e todo mundo fica paralisado no lugar.

Eu queria beijá-lo. Cheguei meu rosto mais perto. Mas, então, Kenny apareceu e deu um empurrão por trás em Brendan, e ele se virou pra falar com o primo.

Soltei um longo suspiro. *Não apresse as coisas, Rachel.*

Uma onda de felicidade me dominou. De repente, estava toda empolgada. Ali estava eu, naquela mansão incrível, com o grupo mais legal da escola, sem os pais de ninguém por perto, com uma comida incrível e cerveja liberada. E o cara por quem eu sempre tive uma queda estava me dando bola.

Será que era o melhor dia da minha vida?

O piloto do barco, Randy, surgiu num lampejo em minha mente. Sua imagem batendo a cabeça no cais e afundando na água estava ali de novo. E novamente pensei em Geena e April, encontrando animais mortos em suas camas, exatamente como eu.

Sacudi a cabeça para afastar aqueles pensamentos.

*Nada vai estragar este dia. Nada vai me impedir de me divertir muito nesta festa.*

O rock acabou. Começou a música para dançar, que saía a mil pelos alto-falantes. Ainda tinha um pessoal se empanturrando de comida. Mas alguns levantaram para dançar com o copo de cerveja na mão.

Dei outro gole na cerveja e fui caminhando até a mesa de comida. Patti e Kerry estavam sendo

servidos — pedaços de pizza de pepperoni — pela segunda vez por um dos garçons, e eu entrei na fila atrás deles.

Nós estávamos comendo nossa pizza junto a uma prateleira de livros.

— Eu já vim aqui — disse Kerry. — Ainda não consigo acreditar neste salão. Dá pra ter uma quadra de basquete oficial aqui dentro. Sério.

Eu ri.

— Você só pensa em basquete?

— Não. Eu também penso na Patti. — Ele passou a mão livre ao redor da cintura dela, por trás, e cheirou o cabelo dela.

— Por que vocês dizem a todo mundo que são só amigos? — perguntei, gritando mais alto que o som da música estrondosa.

Patti sacudiu os ombros.

— Por que não? É uma piadinha nossa. Pra confundir as pessoas. Somos amigos. Só que somos amigos muito próximos.

Os dois riram.

Ainda abraçado a Patti, Kerry disse mais alguma coisa, mas não consegui ouvir. Ele e Patti riram.

Também ri, fingindo ter ouvido. Terminei minha pizza e levei o prato até a mesa. Perguntei sobre o banheiro e um dos garçons apontou a direção, passando por uma porta de vidro nos fundos do salão. Enquanto eu atravessava o lugar, vi Brendan me olhando do meio de um círculo de garotas.

*Que fofo.*

O corredor que levava ao banheiro era pouco iluminado e o carpete estava rasgado. Havia mais quadros sinistros dos Fear pintados a óleo me olhando das paredes em ambos os lados.

Virei no corredor, seguindo as instruções do garçom. Ele disse que o banheiro ficaria na metade do caminho, à direita. Mesmo a essa distância do salão de festas, ainda dava para ouvir o *bum bum bum* da batida da música.

Dei alguns passos... e parei quando ouvi um grito rouco. Primeiro, eu não tive certeza se realmente tinha ouvido. Achei que talvez fosse parte da música ecoando pelo corredor.

Dei mais alguns passos e ouvi o grito com mais nitidez.

— Socorro! Tem alguém aí? Por favor, me ajude!

Era a voz de um jovem. Randy, o piloto do barco? Sim. Parecia ele.

O ar ficou preso em minha garganta. Ouvi novamente uma voz abafada vindo de algum lugar perto.

— Tem alguém me ouvindo? Socorro! *Por favor...* alguém.

Eu me forcei a voltar a respirar e saí correndo em direção aos gritos.

— Ah. — Soltei um gritinho quando dois empregados de uniforme preto pararam na minha frente.

Eles me olharam, desconfiados. Logo reconheci Antonio. O outro era alto, de ombros largos, grande como um jogador de futebol, com cabelo louro encaracolado. Ele estava com um cigarro pendurado nos lábios.

— Posso ajudar? — perguntou.

— Eu... ouvi gritos — respondi. — Pareceu o Randy. O piloto do barco. Como se estivesse pedindo socorro.

— Não ouvi nada — retrucou o empregado. Ele se virou para Antonio. — Você ouviu alguma coisa? Antonio sacudiu a cabeça.

— Não. Não ouvi nada. Você está procurando o toalete feminino?

— Sim — confirmei. — Mas ouvi alguém. De verdade. Ele estava pedindo socorro. Ele... parecia muito assustado.

— Vamos verificar — disse Antonio.

— Sim. Agora mesmo — seu parceiro completou.

Eles estavam em pé, lado a lado, bloqueando meu caminho. Antonio apontou.

— O toalete feminino... fica por ali. À direita. Não tem como errar.

— Mas... mas... — gaguejei.

— Pode deixar. Mesmo. Não se preocupe — disse Antonio.

Eu estava vendo que não fazia sentido discutir com eles. Virei-me e segui caminhando. Estava na metade do corredor, quando ouvi Antonio gritar:

— Aproveite a festa. Divirta-se.

## capítulo 12

# Histórias de espíritos

A música ainda estava na mesma batida quando voltei ao salão de festas. Avistei Eric dançando com April. Ele parecia um maluco, se sacudindo feito um robô descontrolado e ela estava ao lado, olhando para ele com a mão na boca, obviamente constrangida.

Eric, é claro, *não consegue* ficar constrangido.

April é tímida e quieta. Eric não faz nem um pouco o seu tipo. Fiquei me perguntando como ele tinha conseguido arrastá-la até a pista de dança. Ele provavelmente teve, *sim*, de arrastá-la.

Morgan e Kenny, primos de Brendan, estavam esparramados num canto, sozinhos, com seus moletons da escola Benson combinando e um copo de cerveja na mão. Eu me senti mal. Eles não conheciam ninguém ali e pareciam totalmente desconfortáveis. Morgan ficava conferindo o celular, depois o enfiava de volta no bolso.

Talvez Brendan não estivesse brincando quanto a eles. Talvez eles *realmente* fossem antissociais.

Procurei pelo Brendan. Estava desesperada para dizer a ele sobre os gritos de Randy pedindo socorro e os dois empregados que não tinham a menor intenção de ajudá-lo. Mas não tive chance. A música foi cortada bruscamente e Brendan estava na frente do salão, agitando os braços acima da cabeça para chamar a atenção de todos.

Levou um tempo para que todos se aquietassem. Alguém tinha derrubado um prato de macarrão com queijo no chão e um garçom se abaixou para limpar. Eric ainda estava fazendo seus movimentos malucos, embora a música já tivesse parado.

Até que era meio engraçado, mas ele não estava impressionando April. Ela já tinha saído de perto dele, sacudindo a cabeça e com os punhos fechados. Ele era tão sem noção que nem tinha notado.

— Quero começar — disse Brendan. — Sabe, dar a largada nas coisas.

Nós nos juntamos num grupo à sua frente. Só os primos ficaram para trás, murmurando entre eles, sem sorrir.

Brendan esfregou as mãos e abriu um sorriso de cientista maluco.

— Minha mente desencaminhada tem muitas ideias para esta noite. Planejei alguns jogos incríveis.

— Detenham-no! Ele é um Fear louco! — gritou Eric. — Todos nós vamos morrer!

Ri, assim como alguns outros.

Brendan revirou os olhos.

— Por que eu te aturo?

— Por que sou demais? — Eric respondeu.

— Não — retrucou Brendan. — Não é por isso.

— Por que você sente pena dele? — gritou Spider Webb.

— Sim — confirmou Brendan. — É isso aí. — Ele esperou que todos parassem de rir. Eric também riu. Eric é irritante, mas também tem algo de adorável. Sempre imaginei se seria possível ter uma conversa séria com ele. Eu nunca o vi sério, mesmo na escola. *Principalmente* na escola.

— Vamos começar com um jogo bem antigo — Brendan anunciou. — Mais tarde, vou contar sobre um game que estou desenvolvendo. Tenho trabalhado duro nele e acho que está bem legal.

Um garçom passou pela fila com uma bandeja de copos de cerveja. Brendan pegou um e bebeu metade.

— O primeiro jogo é antigo — disse ele, passando a língua nos lábios. — É tipo do século XIX. Uma caçada a objetos perdidos.

Alguns resmungaram.

— Achei que fôssemos jogar Verdade ou Consequência — lamentou Eric.

— Sim, você deveria deixar o Eric jogar Verdade ou Consequência — Kerry gritou para Brendan. — É o único jeito de fazer uma garota beijá-lo.

Mais risos.

— Não tem graça — Eric murmurou.

Brendan acenou para que todos ficassem quietos.

— Eu sei, eu sei. Vocês todos provavelmente pensam que uma caçada dessas é um jogo para crianças. Mas não nesta casa velha. Uma vez que saírem deste salão, estarão num mundo diferente. Vocês vão encontrar quilômetros de corredores escuros e sinuosos, em todos os andares. Alguns cômodos não são abertos há anos. Alguns têm objetos misteriosos, máscaras, estátuas... coisas estranhas que nem conseguimos reconhecer.

“Meus antepassados eram estranhos. Todos sabem disso. E, com o passar dos anos, seus interesses e passatempos fizeram com que eles colecionassem muitas coisas que a maioria das pessoas nunca viu. Talvez haja coisas que vocês *não queiram* ver.”

— Buuu! — Kerry imitou um uivo de fantasma.

— Chamem os Caça-Fantasmas.

— Brendan está tentando nos assustar.

— Agora só falta ele dizer que a casa é mal-assombrada — sugeriu Patti.

— A casa *é* mal-assombrada — disse Brendan. — Vocês realmente acham que uma casa como esta não tem espíritos? Meu pai disse que quando era adolescente ele levou uma namorada até o sótão e os dois viram um espírito. O salão subitamente ficou gélido. E ele e a namorada viram alguém na porta.

“Era uma jovem com um vestido antigo, como em séculos atrás. Ela era toda de prata, reluzindo sob uma luz prateada, como se a luminosidade emanasse dela. E ela brilhava tanto que meu pai disse que teve de desviar os olhos. Quando ele olhou de volta, ela tinha sumido. Meu pai falou que ficou muito abalado. Foi forte demais pra ignorar. Ele nunca mais subiu ao sótão.”

Tudo ficou em silêncio por um instante.

Então, Eric murmurou:

— Essa foi boa, Brendan.

Isso arrancou uma grande gargalhada de todos.

— Eric — disse Brendan —, talvez você queira *começar* pelo sótão.

Eric projetou o queixo.

— Duvida? Você duvida que eu comece pelo sótão? Sua história do espírito falso do seu pai não me assusta, cara.

Brendan franziu o cenho pra ele.

— História do espírito falso? Eric, você conhece meu pai. Oliver Fear. O homem mais sério da face da Terra. Acho que ele nunca contou uma piada. Acho que nunca nem *riu* de uma piada. E, acredite, ele nunca inventou uma história na vida. Se ele diz que viu um espírito no sótão...

— Estamos todos tremendo de medo — interrompeu Eric. Ele contorceu o corpo, tremendo e se sacudindo todo.

— Eric, eu vou com você. — Delia Rodgers se ofereceu. — Ao sótão. Estou louca pra ver um espírito.

Os olhos de Eric se arregalaram.

— Sério?

Delia nunca tinha dado atenção a ele. Ela puxou uma mecha do cabelo louro platinado.

— Eu assisto àquela série *Ghost Hunters* toda semana — explicou ela. — É meu programa favorito.

— Talvez você veja espíritos em sua caçada aos objetos — Brendan indicou. — Afinal, trata-se da família Fear. Sei que todos vocês sabem das histórias. Nós somos maus.

— Fale de você — disse Morgan.

— Brendan é o *mais* cruel — confirmou o primo Kenny.

Brendan ignorou os dois. Ele ergueu um envelope branco.

— Vocês todos receberam esses envelopes quando chegaram. Peguem-nos agora. É a lista das coisas que precisam encontrar na caçada.

Rasguei meu envelope, abri e olhei a lista de objetos.

Um esqueleto de pássaro  
Um pote de balas de prata  
Um dedo de múmia  
Uma flor negra  
Um coelho empalhado  
Uma tarântula viva  
Penas de corvo  
Uma urna de prata cheia de cinzas

Totalmente esquisito.

— Tudo que vocês têm a fazer é procurar — continuou Brendan, atravessando as conversas sussurradas na sala. — Os objetos que precisam encontrar foram escondidos pela casa. E eu tenho que me desculpar porque muitos cômodos e corredores são escuros. Esta é uma casa de veraneio e alguns geradores foram desligados. Claro que achar essas coisas no escuro é mais divertido... certo?

— Você realmente tem um dedo de múmia nesta casa? — April perguntou.

Brendan assentiu.

— Ora, toda casa não tem um dedo de múmia?

— Ei, por que o nome de Geena está no fim da minha lista? — perguntou Eric. — Você quer dizer que eu tenho que encontrar a Geena?

— Eric, o seu nome está no fim da *minha* lista — disse Geena, agitando seu papel diante dele.

— Isso é porque vocês são parceiros — Brendan esclareceu. — Nós vamos nos dividir em duplas. O nome do seu parceiro está no fim da folha.



— Você quer dizer que eu tenho que ir para um quarto escuro com o Eric? — Geena reclamou.

Patti apontou para Spider no fim da fila de convidados. Imaginei que ela e Spider seriam parceiros.

Será que ela aguentaria ficar separada de Kenny por uma hora ou mais?

— Ei, Kenny e eu somos parceiros? — Morgan quis saber.

— Ninguém mais suportaria ficar com você — respondeu Brendan.

— Eu também não suporto ficar com ele — Kenny completou.

Eles trocaram uns empurrões de brincadeira.

— Seus primos são bonitinhos — Delia disse a Brendan. — São mesmo... quando você fecha os olhos.

Gargalhadas em volta.

Ergui minha lista e olhei o nome que estava no fim da folha:

*Brendan.*

Brendan queria que eu fosse sua parceira.

Eu sabia que esta festa seria demais!

Eric surgiu do meu lado.

— Rachel, quem é seu parceiro? Quer trocar com a Geena? Geena não gosta de mim. Você e eu...?

— Acho que não — respondi. — Brendan é meu parceiro.

Eric fez uma cara de maluco e gritou:

— Ei, Brendan, sacanagem. Você não pode participar do jogo. Você sabe onde todas as coisas estão escondidas.

— Não sei, não — informou Brendan. — Eu não escondi os objetos. Alguns dos empregados esconderam tudo antes que vocês chegassem. Estou como vocês. Sem qualquer pista. Mesmo. Não sei onde nada está.

Algumas pessoas resmungaram.

— Brendan, quem é seu parceiro? — perguntou Spider.

— Rachel — respondeu Brendan.

— Aaaah, Brendan... você vai levar a Rachel lá pro sótão? — Delia insinuou.

Isso arrancou boas gargalhadas. Senti meu rosto corar.

— Não, *eu* é que vou levar o Brendan pro sótão — respondi. Foi uma piada boba. Mas fez o Brendan sorrir.

— Certo, formem as duplas. Vamos nos encontrar aqui de volta em duas horas — avisou Brendan. — A dupla que recolher mais objetos ganha. Se alguém se perder, apenas grite por socorro. Provavelmente, ninguém irá ouvir. Mas vocês se sentirão melhor.

Ele ficou olhando em minha direção, mas Kerry entrou no caminho.

— Brendan, uma tarântula viva? — Ele agitava a lista. — Como é que Delia e eu vamos trazer isso de volta pra cá? Segurando?

— É só um filhotinho — explicou Brendan. — Está dentro de um vidro.

Eric e Geena estavam próximos, repassando a lista.

— Esses troços estão escondidos em todos os andares? — Geena quis saber.

— Em qualquer lugar, menos no porão. — Brendan continuava explicando tudo. — O porão está

cheio de coisas de verão. Portanto, não podemos usá-las.

— Espere! Antes de começarmos, Brendan, posso fazer uma pergunta? — pediu April. Todos os rostos se voltaram para ela, que segurava sua lista de objetos numa das mãos. — Você tem esquilos mortos na lista?

Brendan estreitou os olhos para ela.

— Como?

— Esquilos mortos — April repetiu. — Porque apareceu um na minha casa. Um esquilo morto, na minha cama. Isso era parte do seu jogo?

Brendan ficou de boca aberta.

— Não sei do que você está falando, April. Por que haveria um esquilo morto?

— Eu recebi um guaxinim — disse Geena.

— Eu também! — Patti gritou antes que eu pudesse falar.

— Todos que vieram a esta festa receberam um animal morto? — perguntou April.

Brendan estava piscando depressa, com o rosto tenso, como se estivesse se esforçando para entender.

— Eu não recebi um bicho morto — respondeu Kerry.

— Nem eu — disseram Eric e Spider, ao mesmo tempo.

— Eu... eu não sei nada sobre isso — disse Brendan, finalmente. — Não posso acreditar que alguém estava tentando arruinar minha festa. Quer dizer... alguém queria que vocês me *acusassem* de ter feito isso?

— Você está dizendo a verdade? — Patti quis saber.

— Claro que não fiz isso — respondeu Brendan. — Sem chance. Isso é horrível. Onde eu arranjaria bichos mortos? Acham que os coleciono ou algo assim? Como eu entraria na casa de vocês?

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Por que eu faria isso? — Brendan gritou, mais alto do que as outras vozes. — Por que eu faria algo assim na véspera da minha festa? Eu... não posso acreditar que alguém tenha feito isso com vocês.

Então, a expressão dele mudou. Ele pareceu congelar. Seus olhos se arregalaram e ele fez um som sufocado.

— Brendan? Você está bem? — perguntei. — Você está sufocando?

— Aimeudeus — ele murmurou. — Não pode ser. Não *pode*.

A sala ficou em silêncio outra vez. As mãos de Brendan estavam tremendo. Ele se segurou na beirada da mesa para não perder o equilíbrio.

— Minha tia-bisavó Victoria. — Sua voz estava falhando.

Nós nos aproximamos. Eu mal conseguia ouvi-lo.

— Eu já contei a algum de vocês sobre a Victoria, tia-avó do meu pai?

Ninguém respondeu. Eric me lançou um olhar do tipo: *O que está havendo com Brendan?*

Brendan pegou uma garrafa de água e deu um longo gole. Depois se voltou para nós.

— Meu pai nos contou a história. Sabe, Victoria Fear herdou esta casa, há muito tempo. Não sei exatamente quando. Meu pai disse que ela era uma pessoa muito estranha. Não gostava de gente. Não se dava bem com ninguém. Ela viveu aqui por muitos anos.

Brendan terminou de beber a água e jogou a garrafa no chão.

— Victoria só gostava de uma coisa na vida. Taxidermia. Vocês conhecem? Animais empalhados depois de mortos. Ela colecionava centenas de animais. Sem exagero. *Centenas*. E passava o tempo todo em sua sala de empalhação, trabalhando nos animais, remontando os bichos. E...

— O que isso tem a ver com o que aconteceu com a gente? — April quis saber.

— Vou chegar lá — respondeu Brendan. — Essa é a parte estranha. Às vezes, outros membros da família vinham até a casa para fazer uma visita. Esta deveria ser uma casa de veraneio para a família toda. Mas Victoria nunca a queria dividir com ninguém. E meu pai me disse que em muitas ocasiões os visitantes encontravam um animal morto embaixo dos lençóis. Era um jeito maluco de Victoria dizer a eles que não eram bem-vindos.

April abriu a boca para dizer algo, mas parou. Ninguém falava.

Brendan tamborilava nervoso no tampo da mesa.

— Vocês provavelmente não acreditam em espíritos. Mas, se fossem um membro da minha família, acreditariam. E sei que é totalmente insano, mas acho de verdade que...

Eric interrompeu.

— Você acha que o espírito de Victoria Fear está colocando animais mortos na cama delas, pra nos dizer pra ficar longe desta casa? Você também acredita que fadas e elfos fazem uma dança da meia-noite na floresta sob a lua cheia?

Brendan deu de ombros.

— Eu sei o que parece. Mas vocês também precisam se lembrar da minha família... Desta casa.

— Ah, dá um tempo, Brendan — disse Geena, sacudindo a cabeça. — Você colocou aqueles animais com cara de atropelados nas nossas camas. Pra que a gente ficasse com medo e entrasse no clima da sua festa assustadora.

— De jeito nenhum! — Brendan gritou. — Isso é nojento. Eu não faria algo assim. *Como* eu poderia? Quando? Quando eu faria isso? Eu estava no jogo dos Tigers. Não é, Kerry? Você me viu no jogo dos Tigers, certo?

Kerry assentiu.

— Sim, eu o vi lá. Mais ou menos no meio da arquibancada.

— Só quero ter uma festa divertida — disse Brendan. — Não quero assustar ninguém. Vocês não precisam acreditar em espíritos. Mas têm que acreditar em mim. Eu não fiz isso. Talvez alguma outra pessoa quisesse assustá-los, alguém que não queria que vocês viessem para a ilha do Medo.

Ele parou por um momento.

— Apenas me deixem contar o resto da história — ele disse, por fim. — Ninguém sabe como ou quando Victoria Fear morreu. Mas meu pai disse que num verão, provavelmente nos anos 1920, um parente distante chamado Dennis Fear veio a esta casa para vê-la. Ninguém atendeu à porta. Ele entrou e encontrou todos os cômodos cheios de animais empalhados. Animais *de verdade*.

“Ele procurou Victoria pela casa, e a encontrou, num quarto, lá em cima. Ela estava de pé, na frente da lareira, com os olhos brilhando. Ele a chamou, mas ela não se mexeu. Dennis caminhou até ela e descobriu a coisa mais horrenda que já tinha visto na vida.

“Victoria tinha sido empalhada. O trabalho estava perfeito. Ela parecia nitidamente viva. Dennis não pôde acreditar. Ele foi baixando o olhar. E viu uma agulha comprida na mão dela. E começou a gritar...

porque ele percebeu que *Victoria Fear* tinha empalhado a si mesma.”

## capítulo 13

# “Você não está se preocupando demais?”

Fiquei para trás enquanto as duplas foram saindo do salão de festas segurando suas listas para a caçada dos objetos, a maioria falando de Victoria Fear. Brendan caminhou até mim.

— Pronta?

— Com certeza — eu disse. — Então, você gosta de contar histórias de espíritos?

Ele não sorriu.

— Minha família tem histórias de sobra — ele disse baixinho.

Eu o olhei fixamente.

— Você não inventou essa, inventou?

— Não preciso inventá-las — ele respondeu. — Pode acreditar. Vamos nessa. Não vamos querer dar tempo de vantagem pra todo mundo.

Apontei para a lista.

— Você realmente não sabe onde estão as coisas?

Ele levantou a mão direita.

— Eu juro. Vamos começar no terceiro andar.

— Por quê?

— Porque não é usado há muitos anos e está cheio de quartos vazios. Lugares perfeitos pra esconder coisas.

Ele colocou a mão nas minhas costas e me levou até a porta do salão de festas.

— Vai estar bem escuro lá em cima. Você não tem medo de escuro, tem?

— Super tenho — respondi, e fixei o olhar no dele. — Por que você fica me perguntando se estou com medo?

Ele sacudiu os ombros.

— Por nada.

— Não me assusto com facilidade.

Ele sorriu.

— Vamos ver.

Ele segurou a porta aberta para mim e saímos do salão. Dava para ouvir a galera pelo corredor. Alguns escolheram começar pelo primeiro andar. Outros estavam subindo a escadaria larga da entrada.

— Vamos pegar um atalho — sugeriu Brendan. Ele foi liderando o caminho pelo corredor, em direção aos fundos da casa.

— Isso não é justo. Você conhece a casa melhor que qualquer um.

Ele sorriu.

— Não se preocupe com isso, Rachel. Você quer *ganhar*... não quer?

A luz fraca e cinzenta entrava de uma janela alta e empoei-rada na outra ponta. Passamos pela cozinha enorme, com pilhas de pratos sujos em cima de uma bancada comprida. O ar quente flutuava

trazendo o cheiro das pizzas que tinham sido assadas ali.

— Eu... quero dizer uma coisa — comecei. — Eu estava caminhando pelo corredor e ouvi algo. Estou bem certa de que era o Randy. E ele estava pedindo socorro. Tentei ir vê-lo. Mas dois empregados me impediram e...

Brendan deu um apertão na minha nuca. Um apertão de leve, mas me assustou.

— Você não está se preocupando demais?

— Bem, os empregados bloquearam minha passagem e...

— Randy está bem — Brendan me interrompeu. — Antonio me disse que ele está muito bem. Vem, me segue. Temos um jogo pra ganhar!

Eu o encarei. Queria acreditar nele. Mas como podia ter certeza de que ele estava dizendo a verdade?

Retomamos o caminho. O corredor fazia uma curva acentuada para a direita. O carpete tinha acabado e nossos sapatos faziam barulho no piso de madeira.

Brendan parou e se virou para o corredor. Vi uma porta com uma janelinha redonda no meio. Ele apertou um botão preto na parede e a porta deslizou para abrir.

— Um elevador! — exclamei. — Você tem um elevador na sua casa?

Ele assentiu e gesticulou para que eu entrasse. Uma pequena lâmpada no teto lançava um feixe de luz laranja sobre nós. O elevador era minúsculo. Talvez coubesse três ou quatro pessoas espremidas.

— Meu avô mandou instalar. Em seus últimos anos, minha avó estava numa cadeira de rodas. Ela não podia usar a escada, então ele a levava para o quarto neste elevador. — Ele sorriu. — *Toda casa deve ter um elevador, certo?*

— A minha, não. É térrea.

Ele riu.

— Bem, o seu elevador pode andar *de lado*.

A porta deslizou para fechar. Ele empurrou uma alavanca e o elevador começou a subir com um zunido ruidoso. E andava bem devagar. A luz do teto piscou.

Brendan mantinha os olhos na janelinha. Houve um flash de luz quando passamos pelo segundo andar. *Ele é tão bonitinho*, pensei. Então, sem pensar, disparei:

— Por que você me convidou para a sua festa? — Ele se virou. — Hum... nós temos algumas aulas juntos. Mas não somos amigos. Hum... eu fiquei contente, mas...

*Por favor. Permita que eu simplesmente engula minha língua e morra asfixiada no chão do elevador. Como posso ser tão imbecil?*

Brendan não pareceu notar o quanto fiquei constrangida.

Não era a primeira vez que eu falava alguma coisa que devia ter guardado na cabeça. Um péssimo hábito.

— Vi que você andava muito com a Amy — ele respondeu.

— É. Ela é minha melhor amiga — eu disse. — Você não a conhece muito bem, conhece?

Ele franziu a testa.

— Não. Não conheço. Nunca estivemos na mesma turma e...

Não ouvi o resto da frase de Brendan. Soltei um gritinho quando o elevador deu um tranco. A luz

apagou. O elevador parou. Pisquei para ajustar a visão ao breu total. Estava tão escuro que eu não conseguia ver Brendan, embora ele estivesse bem ao meu lado.

— Parou — ele disse, calmamente. — Parou entre os andares.

— Você pode... fa-fazer alguma coisa? — gaguejei.

— Faz muito tempo que não é usado. Eu deveria ter testado.

— Mas, Brendan...

Meus olhos lentamente se ajustaram à escuridão. Eu o vi mexer na alavanca, de um lado a outro. O elevador não se mexia.

— Tem alarme? — perguntei. — Você pode chamar alguém pra nos ajudar?

— Não. Não tem alarme.

Meu coração disparou. Dava para sentir o sangue pulsando em minhas têmporas. Às vezes, tenho claustrofobia.

— Bem... tem ar suficiente pra respirar?

— Provavelmente. Mas já está abafado aqui, não está?

— As pessoas vão notar. Vão sentir nossa falta. Eles virão nos procurar.

— Vão acabar vindo — Brendan concordou.

Fiquei em silêncio por um instante, tentando forçar meu coração a desacelerar. Brendan se virou para mim. Ele passou as mãos em volta da minha cintura. De novo tive a sensação de que ele fosse me beijar.

E ele me beijou. No começo, devagarzinho. Depois, com mais vontade.

Seus lábios se moviam sobre os meus. Ele fechou os olhos. Primeiro, eu quis recuar. Mas, depois, retribuí o beijo. Foi muito intenso. Eu não queria que acabasse.

Finalmente, ele ergueu a cabeça e sussurrou:

— Isso foi legal.

Meu coração estava disparado. Eu sentia o calor dos lábios dele nos meus.

— Mas... o elevador...? — consegui dizer, por fim.

Ele sorriu.

— O elevador está bom. Eu só queria beijar você.

— Eu... não *acredito* em você! — exclamei. Mas a verdade é que eu estava empolgadíssima. — Você quase me matou de susto só por um beijo?

Ele deu de ombros.

— Acho que sim. Não pude evitar.

Eu me esforcei para interpretar a expressão dele: meio sorrindo, meio me observando.

Então, ele empurrou a alavanca. A luz do teto piscou e acendeu e o elevador deu outro tranco, voltando a subir.

— Acho que você não será um bom parceiro, se só quer ficar comigo — provoquei.

— Serei um bom parceiro. — Ele apertou meu ombro. — Eu prometo.

A porta abriu e eu o segui pelo corredor do terceiro andar. O ar ali estava quente e tinha um cheiro azedo, de roupa velha. Novamente, a única luz vinha, através de uma janela alta no fim do corredor, do céu cinzento que escurecia.

— Vou tentar as luzes do corredor — avisou Brendan. Ele apertou um interruptor na parede. Depois

tentou várias vezes. — Não. Nada de luz. O gerador deve estar desligado.

Olhei fixamente para ele.

— É outra piada, certo?

— Bem que eu queria.

Olhei para o corredor. Parecia se estender eternamente numa linha reta com cômodos em ambos os lados. Eu não conseguia ver o fim. Estava escuro demais.

O piso rangeu sob o carpete fino conforme começamos a caminhar em direção à primeira porta. Éramos os únicos naquele andar. O resto do pessoal ainda estava vasculhando lá embaixo.

— Eu me esqueci das lanternas — comentou Brendan. — Deveria ter distribuído pra todo mundo.

Ouvi um som de batidas mais adiante. Como persianas voando ao vento, será? Segui Brendan para dentro de um quarto pequeno. Pelo menos, considerando o tamanho, eu *achei* que fosse um quarto. Não havia cama nem cômoda. Nada de móveis. Junto a uma das paredes, havia pilhas de caixas de papelão.

— Alguns desses quartos não são usados há anos — disse Brendan. Ele puxou a corda de uma persiana da janela e um pouco da luz cinzenta noturna entrou no quarto. — Rachel, você está com sua lista?

— A-hã. — Tirei a lista do bolso.

Brendan estava de joelhos atrás de uma pilha de caixas de papelão.

— Dá uma olhada nisto.

Eu me aproximei por trás dele e olhei o objeto que ele estava segurando. Um ovo gigante.

— É um ovo de avestruz — ele explicou. — Está na lista?

Olhei o papel.

— Não. Nada de ovo de avestruz.

— Que pena. — Ele pousou o ovo enorme no chão e apontou.

— Veja se tem alguma coisa naquele armário. Depois me encontre no quarto seguinte.

Passei por duas pilhas de caixas e me aproximei do armário. Segurei a maçaneta, girei e puxei. A porta não se moveu. Tentei de novo. Girei a maçaneta na outra direção e dei um puxão com força.

A porta se abriu num estrondo. Assustada, cambaleei para trás. Assim que me reequilibrei, investiguei o interior do armário. Vazio. Dei alguns passos, me aproximando. Vi três prateleiras, todas vazias. O chão estava coberto por um tapete grosso de poeira.

Ouvi novamente aquele som de batidas. Estreitei os olhos na luz cinza. Não dava para ver nada. Entrei no quarto do outro lado do corredor.

— Ei, Brendan? — Não. O quarto estava escuro e vazio. — Brendan? Onde está você? — gritei.

Nada de resposta.

De novo as batidas e um chiado agudo. Ratos? Não. Ratos não batem em nada.

Enfiei a cabeça no quarto seguinte.

— Brendan? Você está aqui?

Silêncio. Na penumbra, avistei um sofá comprido e duas mesinhas de canto. Uma escrivaninha junto a uma parede. Um tipo de escritório.

— Ei — eu gritei. — Brendan? Cadê você?

Ouvi as batidas mais perto naquele momento. E o chiado agudo *iiiiiiiiiiiiiii*.



Estreitando os olhos no breu, avistei duas luzinhas vermelhas. Não. Não eram luzinhas. Eram *olhinhos* vermelhos.

— Ah, não — sussurrei. Um arrepio de medo contraiu minha nuca.

Observei os conjuntos de olhinhos vermelhos na outra ponta do corredor, reluzindo como lanternas traseiras de carros. Asas tremulando e olhos vermelhos brilhantes. Levei um bom tempo para perceber que eram morcegos.

Um ninho gigantesco de morcegos. E eu os estava perturbando, invadindo o território deles. Percebi que estava prendendo a respiração. Soltei o ar, exalando e tremendo ao mesmo tempo.

— Brendan, tem morcego aqui em cima! — sussurrei. — Você está me ouvindo?

Silêncio.

— *Onde* está você, Brendan?

Gritei ao sentir uma onda de ar quente acima da minha cabeça. Um morcego passou voando por mim e entendi o que estava acontecendo.

Então, cobri meu rosto enquanto as asas batiam e os morcegos chiavam, enchendo o corredor com seus olhos vermelhos, cintilantes de fúria.

## capítulo 14

# Pendurado

Caí de joelhos e cobri a cabeça com os dois braços. Dava para sentir os bafejos das asas à medida que eles voavam acima de mim.

Um morcego bateu no meu ombro e eu gritei. Ele quicou e bateu na parede. Então, voltou a voar.

Pelo menos uma dúzia de morcegos passou voando. Não esperei que eles voltassem. Fiquei de pé num salto e saí correndo, mas a toda hora meus sapatos se prendiam no carpete rasgado. Eu seguia pela escuridão com o coração disparado, passando por um número infinito de quartos escuros.

— Brendan? Ei, Brendan? — Eu tentava encontrá-lo.

Dava para ouvir o barulho que os morcegos faziam atrás de mim. Será que eles estavam se preparando para outro rasante?

Cheguei à parede dos fundos e parei, me esforçando para recuperar o fôlego. Onde estava a escada para descer? Não deveria haver uma escada aqui?

Recostei na parede e esperei que meu coração parasse de pular no meu peito. Prendi a respiração e me recompus. *Sim. Contive meu pânico.*

*Rachel, respire fundo e acalme-se, eu dizia a mim mesma. Você consegue voltar ao elevador. E daí que está escuro aqui em cima? Qual é o grande problema da escuridão? Ignore os morcegos. Caminhe de volta ao elevador e vá lá para baixo. Nada demais.*

Antes de Beth ir para a faculdade, todo fim de semana ela e eu assistíamos aos filmes de terror mais horrendos que conseguíssemos encontrar na televisão. Era *Beth* que sempre ficava assustada.

*Não eu. Não eu. Eu não sou a medrosa.*

Do nada, me lembrei do dia em que nossos pais nos levaram ao zoológico de Waynesville. É engraçado como as coisas vêm à cabeça; você não tem controle sobre suas lembranças.

Nós estávamos na Casa da Escuridão, uma edificação com cubículos altos envidraçados onde ficavam os animais noturnos. Beth e eu pressionamos o rosto junto ao vidro para enxergarmos os morcegos num dos cubículos. De repente, os animais ficaram malucos, voando em todas as direções. Tinha morcego batendo contra o vidro, batendo as asas freneticamente, colidindo com a jaula com seus corpos de ratos, batendo com força, repetidamente, bem junto aos nossos rostos como se estivessem tentando nos pegar.

Beth começou a gritar. Ela cobriu os olhos e gritou. Eu tive que fazê-la parar. Precisei acalmá-la. Segurei seus ombros e a levei para longe da jaula dos morcegos.

Mais tarde, ela disse que estava fingindo estar num filme de terror, como os que víamos sempre. Mas eu sabia a verdade. Sabia que ela tinha tido um ataque e perdido a cabeça. Totalmente. E eu entendi que eu era a adulta, pelo menos naquela situação.

*Eu sou a adulta agora. Posso lidar com qualquer coisa.*

Levei mais alguns segundos para me recompor. Eu queria gritar chamando Brendan novamente, mas temia que meus gritos alarmassem os morcegos, que fizessem com que eles viessem dar rasantes sobre

mim.

Olhei a escuridão da outra ponta do corredor. Agora não dava para ouvi-los. Eles estavam em silêncio. Mas eu conseguia ver os olhinhos vermelhos me encarando.

O elevador parecia estar a um quilômetro de distância. Resolvi que, se eu andasse devagar, com cuidado e silenciosamente, talvez não perturbasse os morcegos. Eu me forcei a me afastar da parede e comecei a andar, quase na ponta dos pés, tentando não fazer som algum.

Mas as tábuas do piso rangiam embaixo do carpete fino, e os olhinhos vermelhos ficaram alertas. Os chiados agudos recomeçaram, como se os morcegos estivessem tocando o alarme.

Parei e avistei a janela escura e redonda do elevador a apenas alguns metros. Se eu conseguisse pular ali dentro antes que os morcegos voltassem a atacar...

*Morcegos não atacam pessoas.* Foi isso que aprendemos em nossa aula de ciências no ano passado. *Morcegos não atacam pessoas, a menos que sejam provocados.*

O que isso significava exatamente?

Acho que eu os estava provocando por estar no corredor. Invadindo seu espaço.

Dei um passo. Depois outro. Mantive os olhos na porta do elevador. E me forcei a não olhar para os morcegos.

Parei na frente do elevador e a janela estava escura. Estreitei os olhos para dentro da escuridão em busca do botão na parede. Minha mão tremia ao apertá-lo.

Achei que o elevador talvez ainda estivesse naquele andar e a porta fosse se abrir para mim. Mas, não. Nada aconteceu.

Eu tentava ouvir o barulho do motor, mas não conseguia ouvir nada por causa do chiado agudo e dos assovios dos morcegos. Continuei apertando o botão.

*Vamos. Vamos!*

Pressionei o rosto no vidro da janela e me esforcei para escutar algum som. Não, nada estava acontecendo. Será que estava emperrado em outro andar? Será que o elevador estava desligado?

Os chiados dos morcegos foram ficando mais agudos. Eles ecoavam em meus ouvidos como uma dúzia de sirenes de ambulâncias, todas ao mesmo tempo. Novamente ouvi as batidas das asas.

Minha nuca pinicou. Imaginei suas garrinhas penduradas em mim, cravadas em minha pele. Imaginei a mordida afiada de seus dentinhos pontiagudos.

— Não! — Bati o punho na porta do elevador. — Onde está você? — gritei. Eu estava perdendo a cabeça, mas não me importava.

Eu me virei, ofegante. Certo. Nada de elevador. Isso significava que eu precisava encontrar a escada. Tinha de haver uma escada que levava ao segundo andar.

Seguindo para longe dos morcegos, disparei à frente, em direção à outra ponta do corredor. Os portais escuros passavam por mim, num borrão.

Parei quando vi um quadrado de luz fraca refletindo no carpete, vindo de uma porta aberta. Será que tinha alguém ali dentro? Será que Brendan estava ali?

— Brendan?

Comecei a correr. Pisei no quadrado de luz. Entrei pela porta.

Estreitei os olhos na luz acinzentada como uma neblina. E berrei.

Dei um berro quando vi o corpo. O corpo de um garoto. Um garoto de suéter preto e jeans cinza. Pendurado. Com o pescoço torto, a cabeça num ângulo horrendo. O garoto pendurado numa corda que pendia de uma viga no alto do teto.

— Ah, não. Ah, não.

O corpo balançava devagar... e eu olhava o rosto pálido de Brendan, seus olhos abertos, paralisados. Brendan pendurado no teto.

Tentei desviar, mas meu olhar parou em algo no chão. Uma folha de papel branco, sob os sapatos de Brendan. Papel branco com algo escrito. Um bilhete?

Cambaleei à frente, quase contra minha vontade, e cheguei perto o bastante para ler cuidadosamente as palavras impressas no papel:

Alguém está a fim de jogar forca?

## capítulo 15

# “Alguém está me ameaçando.”

Fiquei olhando as palavras até virarem um borrão.

Então, soltei um berro sufocado quando mãos seguraram meus ombros com força. Quase perdi o equilíbrio quando alguém me puxou para trás, me forçando até a porta.

— Ei! — Recuperei minha voz e me virei. — Brendan!

— Rachel, aqui está você. Eu a ouvi gritar, mas não conseguia encontrá-la. — Ele soltou meus ombros. Seus olhos escuros estavam arregalados, seu rosto contorcido, numa expressão confusa.

— Brendan, eu achei...

Ele deu um passo para trás e olhou acima do meu ombro, para o vulto balançando na corda.

— É... é um boneco — gaguejei. — A luz estava tão estranha. Estava difícil de enxergar. Brendan, pensei que fosse  *você*.

Ele não respondeu. Passou por mim, se aproximou do boneco e pegou o bilhete no chão. Reparei que ele o lia repetidamente.

— Brendan... você está bem?

Por fim, ele se virou para mim.

— Parece comigo. Está até vestindo minhas roupas.

— Eu sei. — E me aproximei dele. — Achei...

Ele amassou o bilhete e jogou do outro lado do quarto.

— Quem fez isso? — ele murmurou baixinho. — Quem faria isso? Alguém está tentando estragar a minha festa?

— Só pode ser uma brincadeira — sugeri. — Talvez...

— Brincadeira? Sério? Uma brincadeira? — ele explodiu.

Eu me assustei com a raiva repentina. Mas, ao olhar seu rosto, vi a raiva se transformar em medo.

— Não é brincadeira — ele murmurou, sacudindo a cabeça. O rosado das bochechas passou a vermelho.

— É uma ameaça, Rachel. Alguém está me ameaçando. — Ele pegou o boneco, empurrou com força e ficou observando-o balançar de um lado para o outro. — Primeiro, os animais mortos nas camas. Agora, isto. Decididamente, é um alerta.

— Espere. Pense. — Peguei seu braço. — Só pode ser uma piada nojenta. Será que o Eric...?

— Eric? — Ele sacudiu a cabeça. — Não. O Eric é um sacana, mas isso não é o estilo dele. Eric é um pateta, nunca é cruel. — Ele ergueu as sobrancelhas para mim. — Sem chance. Eric, não. Nós somos bons amigos. Ele não faria isso.

— O que você vai fazer? — perguntei. — Vai parar a caçada? Mandar todo mundo para casa?

— De jeito nenhum. — Ele se virou e me olhou fixamente. — Eu planejei esta festa durante semanas. Não vou deixar ninguém estragá-la.

— Mas se você acha que é uma ameaça séria...

— Não me importo. Não vou parar a caçada. Não vou parar a festa.

— Mas, Brendan, você não acha que deve reunir todo mundo? Talvez contar a todos o que aconteceu aqui? Se é mesmo só uma brincadeira, você não quer...

— Se isso é uma brincadeira, é bem hostil. Olhe pra este troço. — Ele empurrou mais uma vez o boneco, que ficou balançando. — Enforcar alguém não é uma piada engraçada.

— Se você acha que é uma ameaça real, decididamente deve ligar pra polícia. Sério.

— Ligar pra polícia? Como? Os telefones estão desligados. E os celulares não funcionam aqui. — Ele bateu os dois punhos no boneco e o fez balançar mais uma vez. — Quem faria isso? Vamos pensar. Vamos pensar.

Sabia que ele não estava falando comigo, que estava falando consigo mesmo.

Brendan sacudiu a cabeça e começou a andar de um lado para o outro, evitando o boneco, que girava lentamente na corda.

— Meus primos? Morgan e Kenny têm um senso de humor doentio. Aqueles dois são bem sinistros. Provavelmente porque são Fear. — Ele parou de andar e olhou a janela suja de poeira, obviamente pensando.

— Mas quando eles poderiam ter feito isto? — perguntei. — Seus primos estavam no barco com a gente. Quando teriam tido tempo? Estavam no salão de festas até começar a caçada. Não os vi sair.

Ele mordeu o lábio inferior.

— Você está certa. Você viu alguém saindo do salão enquanto estávamos comendo?

Abri a boca para responder, mas parei quando ouvi um grito agudo no corredor. Primeiro, achei que fosse o chiado dos morcegos, mas, depois, percebi que era um grito humano. Um grito amedrontado.

E outros gritos vieram, berros altos de terror.

Brendan agarrou o boneco, como se estivesse se mantendo de pé com ele.

— O que é isso? — ele cochichou. — O que está havendo?

E nós dois saímos correndo do quarto e seguimos pelo corredor comprido em direção ao som assustador.

## capítulo 16

# Outro bilhete

Enquanto corríamos, dei uma olhada para trás, na escuridão, para ver se os morcegos estavam nos seguindo. Estava escuro demais, então não conseguia enxergá-los.

Brendan virou num corredor à minha frente. Eu o segui, entrando em outro corredor comprido. Os gritos foram ficando mais altos. E, conforme nos aproximávamos, vi algumas pessoas reunidas na entrada de um cômodo. Todas elas olhavam para a luz clara de um quarto perto do fim do corredor.

— O que há de errado? O que aconteceu? — Brendan gritou, sem fôlego.

Ele não esperou a resposta. Foi abrindo caminho por entre a aglomeração do lado de fora da porta e eu o segui. Irrompemos num quarto decorado com papel de parede azul onde havia duas camas de solteiro junto a uma parede.

Perdi o ar e o equilíbrio quando vi a menina no meio do chão.

Levei alguns segundos para reconhecê-la. Patti Berger.

*Ah, não. Ah, não. Por favor... não.*

Patti estava no chão. Encolhida. De olhos fechados. Os braços e pernas retorcidos, como se ela fosse uma boneca de pano.

Respirei fundo. Meu estômago revirava de enjoo. Me esforcei para não vomitar.

Brendan estava falando baixinho, com o rosto vermelho. Sua mão tremia quando ele ergueu um pedaço de papel. Outro bilhete. Ele leu alto, com a voz falha:

— *Alguém quer jogar Twister?*

Soltei um berro. Meu corpo inteiro estremeceu e cambaleei para trás, de encontro com o resto do pessoal, estarrecido.

— Não — Brendan murmurou. — Isso não pode estar acontecendo.

Ele abaixou ao lado de Patti e estendeu a mão sobre seu rosto. Tocou seu pescoço. Colocou os dedos sob seu nariz para ver se ela estava respirando.

— Não. Ah, não.

Fiquei boquiaberta, em silêncio, junto com os outros. Estávamos em pé, bem próximos uns dos outros.

Brendan levou a cabeça até o peito de Patti para ouvir seu coração. Com um grito, ele agarrou-a pelos ombros. E a sacudiu. Ele a sacudiu com força. Depois depositou o corpo cuidadosamente no chão. Tentou respiração boca a boca. Uma... duas... três vezes...

Por fim, ele se virou de costas para Patti e ergueu os olhos para nós.

— Isso não é piada. — Sua voz era um sussurro rouco. — Ela está morta.

# Terceira parte



## capítulo 17

# Tem um assassino na casa?

Kerry Reacher veio correndo e irrompeu no quarto. Suas pernas compridas pareceram desmontar quando viu Patti no chão, e ele despencou pesadamente ao lado dela.

— O que está acontecendo? O que é isso? — Os olhos de Kerry estavam em Brendan. Ele não esperou resposta. Destorceu os braços de Patti. Depois a ergueu com cuidado e pressionou o rosto dela junto ao peito.

— Não... — Brendan gritou. — Não toque nela. Nós temos que deixá-la assim pra polícia.

Kerry ignorou-o. Acho que ele nem ouviu Brendan.

— Ela *não* está morta! — Kerry gritou, segurando o corpo de Patti. — Ela *não pode* estar morta.

Atrás dele, Geena e Delia se abraçavam. As duas estavam chorando. Os primos de Brendan estavam mais atrás, junto à porta, com as mãos enfiadas nos bolsos e sem dizer nada, muito pálidos e tensos.

Kerry segurava Patti; a cabeça dela estava caída para trás, por cima do braço dele. Seus olhos continuavam fechados.

— Quem fez isso? — Kerry gritou. — Quem matou a Patti? — Ele sacudia o corpo dela pelos ombros. — Patti... quem fez isso? Quem? Eu vou matá-lo! Eu juro que vou matá-lo. — Ele a sacudia, gritando a plenos pulmões.

Brendan gesticulou, me chamando.

— Você pode ajudar o Kerry? — ele sussurrou. — Talvez, levá-lo lá para baixo? Ele está totalmente fora de si. Nós temos que deixar tudo como encontramos. Quando a polícia vier... — a voz dele foi sumindo.

— E... eu vou tentar — gaguejei.

— Vou levar todos lá para baixo — Brendan sussurrou. — Temos que resolver o que fazer.

— Por que ela estava retorcida daquele jeito? — Kerry quis saber, com os olhos fixos em Brendan.

— Quem torceu as pernas dela daquele jeito?

Brendan se abaixou ao lado de Kerry.

— Eu lamento muito — ele disse baixinho. — Vou fazer tudo que puder, Kerry. Tudo...

— Eu devia saber que não era uma boa me envolver com alguém chamado Fear. Tem um assassino nesta casa — declarou Kerry. — Um assassino.

Brendan gentilmente ergueu o corpo de Patti dos braços de Kerry. Ele a pousou no chão. Depois ajudou Kerry a se levantar.

— Vai com a Rachel — disse ele. — Kerry? Você está me ouvindo?

Os olhos de Kerry encaravam a parede azul, inexpressivos. Ele não respondeu.

— Kerry, vai com a Rachel — Brendan repetiu. — Nós vamos encontrá-lo lá embaixo.

Passei um braço em volta da cintura de Kerry e comecei a levá-lo até a porta. Achei que ele fosse recuar, relutar ou exigir ficar no quarto com Patti, mas, para minha surpresa, ele se deixou guiar. Passamos pelos outros e seguimos pelo corredor.

Continuei abraçada a ele e fomos até a escada no fim do corredor. Kerry murmurava coisas com os olhos vidrados, distantes, como se ele fosse outra pessoa vendo algo que eu não conseguia ver.

— A família Fear — ele murmurou, virando-se para mim. — Tem uma maldição. Uma maldição na família inteira, até no Brendan.

— Cuidado com os degraus — alertei. Eu o agarrei quando ele estava prestes a tropeçar.

— Tem uma maldição nesta casa também — disse Kerry. — Você sabe da história, Rachel. Tem que saber. Como a família Fear teve uma festa de caça aqui na ilha. Tipo há cem anos. Eles fizeram essa festa e caçaram todos os empregados. Você sabe da história, não sabe?

— Bem...

— Eles fizeram os empregados correrem pela floresta e os caçaram. Atiraram em todos eles. Mataram todos os empregados. Só como um jogo. E os enterraram em algum lugar na floresta. — Ele soltou um grito abafado. — É verdade. Tem que ser verdade. E agora, olha. Olha o que aconteceu aqui. A Patti. Pobre Patti. Por causa da maldição da família Fear.

— Isso é só uma história. Não pode ser verdade — retruquei.

De repente, a imagem do boneco parecido com Brendan balançando na corda veio à minha mente. Será que isso era mesmo um aviso ao Brendan? E, agora, a Patti estava morta.

Um sentimento pesado de terror recaiu sobre mim. *Brendan tinha sido alertado. Patti está morta. Será que isso significa que todos nós estamos em perigo?*

Levei Kerry até o salão de festas. A mesa de comida tinha sido tirada. Os garçons haviam deixado o salão. Mas a mesa de drinques ainda tinha bebida.

Todas as velas do lustre tinham sido apagadas. Havia spots no teto, com uma luz fraca, dando um tom prateado à sala.

Duas fileiras de espreguiçadeiras tinham sido colocadas de frente para a lareira. Sentei Kerry numa cadeira da fila de trás e busquei um copo d'água. Ele olhava para o copo como se nunca tivesse visto água.

— Patti... — ele murmurou. — Patti. Você não, Patti. Você não. Eu nunca deveria tê-la trazido pra cá. — Ele ergueu os olhos tristes e molhados pra mim. — É culpa *minha*, não é?

— Não — respondi. — Claro que não. Nem pense nisso, Kerry. — Gesticulei para o copo. — Beba um pouco de água. Quer outra coisa? Quer uma cerveja?

Ele não respondeu. Olhou para o copo. Uma única lágrima rolou em seu rosto.

Então eu também senti vontade de chorar.

Uma onda de tristeza me dominou. Eu estava tentando acalmar Kerry, me esforçando para conter meus próprios sentimentos de medo e tristeza. Agora eles estavam vindo à tona e meu corpo inteiro tremia.

Eu conhecia a Patti desde a segunda série. Ela era tão miú-da, lindinha e adorável. Nossas famílias eram tão próximas. Tão próximas... e agora...

Sentei na cadeira ao lado de Kerry. As portas se abriram e os outros convidados da festa entraram no salão, seguidos por Brendan.

Brendan gesticulou para as fileiras de cadeiras. Seu rosto estava pálido. Seu cabelo, geralmente perfeito, estava desganhado. Ele manteve a cabeça baixa enquanto caminhava até a frente.

— Nós temos que sair daqui — gritou Eric Finn.

— Você chamou a polícia? — Spider perguntou.

— Brendan, você ligou pra emergência? — repetiu April.

Brendan deu de ombros e tirou o telefone do bolso.

— Não posso. Não tem sinal, lembram? Não tem sinal aqui na ilha. E as linhas fixas foram todas desligadas pro inverno.

— Então não podemos ligar pra ninguém? Não podemos informar o assassinato? — perguntou April.

A palavra *assassinato* fez todo mundo arfar. Era como se *falar* tornasse a coisa mais real e horrenda.

A imagem do corpo de Patti todo retorcido no chão do quarto apareceu outra vez em minha mente. E me lembrei do bilhete escrito à mão: *Alguém quer jogar Twister?*

*Alguém está querendo jogar*, pensei. *Jogos macabros.*

— Não podemos apenas ficar sentados aqui — Spider soltou. — Tem um assassino na casa.

— Poderia ser um de nós? — indagou Kenny, primo de Brendan.

— Não seja imbecil — Eric o cortou. — Não somos assassinos.

— Não sou imbecil — devolveu Kenny, levantando-se num salto. — Não me chame de imbecil.

Eric ergueu as duas mãos como um sinal de rendição.

— Desculpa. Não tive a intenção. Você não é imbecil.

Kenny o encarou, depois se sentou na cadeira.

Morgan voltou-se para Eric.

— Kenny é pavio curto.

Eric ficou olhando para ele.

— Isso é um alerta?

— Não — respondeu Morgan. — Só estou dizendo.

— Quem mataria Patti? Quem? — Kerry afundou o rosto nas mãos.

— Alguém pendurou um boneco enforcado pra mim — Brendan disse a todos. — Estava pendurado num dos quartos vazios. Balançando no teto. Vestindo a minha roupa. Com um bilhete que dizia algo sobre jogar forca.

— Doentio — murmurou Delia. Ela estava abaixada na cadeira, enroscando uma mecha de seu cabelo platinado, tensa.

— Achei que o boneco enforcado era algum tipo de aviso — continuou Brendan. — Mas, depois... — Ele não terminou seu raciocínio.

— Forca e Twister — disse Delia. — Alguém é totalmente doente.

— Alguém está decididamente jogando conosco — concluiu Geena. — Só que... — a voz dela falhou. — Assassinato não é jogo.

— Nós temos que ir pro barco... agora — sugeriu Eric. — Temos que sair daqui, Brendan.

Brendan acenou as duas mãos para silenciar a todos.

— O barco está pronto. Mas o piloto. Randy. Ele... ele ficará bem, mas está fora de serviço. Não pode ir. Não temos ninguém pra pilotar o barco.

— Você disse que mandou buscar outra pessoa, não foi? — Spider lembrou.

— Não estamos totalmente presos aqui... estamos? — Geena quis saber.

— Alguém consegue levar o iate? — perguntou Eric.

— Mandei um dos empregados numa lancha até a cidade — informou Brendan. — Minha família tem outro piloto que contratamos no verão. Pedi ao empregado pra encontrá-lo e trazê-lo pra cá.

— Mas isso pode levar *horas!* — protestou April.

— E se ele não encontrar o piloto?

— Você quer dizer que estamos encurralados?

Brendan ergueu as duas mãos.

— Calma, todo mundo. Tenho certeza de que o novo piloto do barco está a caminho. Assim que ele chegar aqui...

Spider se levantou num pulo.

— Vamos agora. Podemos descobrir como pilotar o barco. Não pode ser tão difícil assim. Você liga o motor e gira o leme.

Antes que alguém se mexesse, as luzes tremularam e apagaram.

Pisquei e olhei para a luz que restava. Ela também sumiu. A escuridão era tão profunda que eu não conseguia ver o Kerry sentado ao meu lado.

Todo mundo gritou.

Fiquei na expectativa, achando que talvez a luz fosse voltar.

Os gritos de pânico ecoavam à minha volta.

— Brendan? Não consigo te ver.

— Quem desligou a luz?

— Foi o assassino?

— Alguém entrou na sala agora?

— Será que ninguém pode ligar de novo?

— Alguém cortou a eletricidade? Brendan... ajuda a gente!

Eu me levantei num pulo porque estava assustada demais para simplesmente ficar ali sentada. Minhas pernas estavam tremendo. Fiz um esforço para andar e me afastar das cadeiras.

Mas alguém agarrou meu braço e começou a me puxar.

— Kerry? — gritei. — Kerry? É *você?*

*Ou seria o assassino?*

## capítulo 18

# No escuro

— Sim, sou eu — Kerry sussurrou de volta. — Rachel, por favor, não me deixe. Aonde você vai?

— Eu... eu só queria sair daqui.

Meus olhos começavam a se adaptar à escuridão. Kerry estava tão assustado me segurando que não percebia a força com que apertava meu braço. Consegui ver outras pessoas de pé.

As cadeiras rangiam e eram arrastadas. Gritos assombrados ecoavam pelas paredes do salão de festas. Sentei-me de novo, ao lado de Kerry. Ele estava tão arrasado por causa da Patti que não conseguia se mexer. Seu corpo inteiro tremia.

Alguém trombou em mim do outro lado. Levei um susto e me virei, e vi Eric ao meu lado. Ele se aproximou.

— Você está com tanto medo quanto eu?

— Sim — respondi. — Acho que todos nós estamos mortos de medo.

— É como estar vivendo um filme de terror — Sua voz estava tensa e rouca. — Eu já vi esse filme.

Um assassino maluco planeja matar todos nós.

— Para com isso. Cala a boca. Não piore as coisas.

— Piorar? Como pode piorar? — Eric reclamou. — Nossa amiga Patti está morta lá em cima. Nós estamos aqui feito patos no escuro. E... e...

— Todos quietos. Quietos! — Brendan gritou. — Por favor, todos vocês, parem de falar.

Levou um tempo até que todos parassem de verbalizar seu pânico. Algumas pessoas voltaram às suas cadeiras. Estreitando os olhos na escuridão, avistei algumas delas nas laterais das fileiras de cadeiras.

— Não sabemos com certeza se alguém cortou a luz. Pode ser só um gerador pifado — explicou Brendan. — Sempre tem esses apagões aqui.

— Temos que sair desta casa. — Reconheci a voz de April, embora não pudesse vê-la. — Não podemos simplesmente ficar aqui, Brendan.

Várias vozes concordaram. Brendan levou um tempo para acalmar todos de novo.

— Vamos arranjar luz — ele garantiu. — Vai facilitar as coisas. Temos lanternas. Minha família tem um armário cheio de lanternas para casos de falta de energia, como agora.

— Vamos pegá-las. Vamos. — Eric tinha urgência.

— O armário fica no cômodo ao lado — avisou Brendan. — Deve ter uma lanterna pra cada um. Eu vou na frente. Fiquem próximos. Não é longe. É uma despensa que fica somente a três portas, seguindo pelo corredor.

As cadeiras foram arrastadas de novo. Kerry se levantou e foi na frente da nossa fileira. Ele parou para deixar alguém passar e Eric trombou com força em mim.

— Ah. Desculpe, Rachel.

Em condições normais, eu acharia que era palhaçada dele. Mas não agora.

Seguimos em grupos de dois ou três em direção à porta do salão. Tínhamos de andar devagar. O

salão não possuía janelas, então, a escuridão era completa.

Fiquei perto de Kerry e Eric. O corredor estava tão escuro quanto o salão de festas. Viramos à esquerda e seguimos pelo carpete atrás de Brendan. Era como caminhar vendado.

O silêncio pairava sobre todos. Não havia mais nada a dizer. Estávamos todos na mesma situação horrível. Todos tínhamos os mesmos pensamentos. E o mesmo desejo frenético de sair daquela casa e daquela ilha.

De escapar rumo à segurança.

Conforme nos deslocávamos pelo corredor, pensava novamente em Patti. Ela tinha planos tão grandes. Já tinha sido aceita na Northwestern. Ia se formar em pedagogia. Queria lecionar para crianças surdas, porque sua irmã Ashlee é surda.

Patti teria sido uma boa professora. Ela era bondosa e paciente e muito ligada às pessoas. E ela e Kerry planejavam ficar juntos, apesar de ele estar indo estudar na Penn, onde tinha conseguido uma bolsa para jogar basquete.

Não pude evitar que um soluço de choro escapasse da minha garganta. Eu sentia tanta tristeza, tanto medo, que parecia que eu ia explodir ou desmoronar.

Caminhando ao meu lado, Eric deve ter percebido, porque tentou me tranquilizar.

— Tudo bem, Rachel — disse ele baixinho. — Vamos sair daqui. Com certeza.

De repente, trombei no pessoal à minha frente. Todos pararam subitamente.

— Estou no armário de suprimentos, pessoal — Brendan anunciou. — Sei que a maioria não consegue me ver. Mas estou com a mão na porta do armário. Estou abrindo agora. Então... aguentem firme...

Silêncio. Seguido por um silêncio ainda mais pesado.

— Nossa! O que está acontecendo? — A voz de Brendan parecia assustada. — Alguém levou todas elas. As lanternas sumiram!

## capítulo 19

# “O assassino está brincando com a gente.”

Perdi o fôlego. A sensação de aperto no meu peito não sumia.

Dessa vez não houve gritos de pânico nem berros ou urros.

O único som foi um *tum*, de Brendan batendo a porta do armário. E suas palavras murmuradas:

— Não acredito nisso.

Agora, todos nós sabíamos a verdade. Alguém tinha matado Patti. Alguém tinha nos encurralado. Não havia luz. Não havia telefone. Não havia internet. Ninguém para nos levar para casa.

Estávamos presos naquela ilha e dentro de nossos próprios pensamentos, de nossos próprios medos.

Em filmes de terror, as vítimas sempre gritam e berram a plenos pulmões. Mas eu estava aprendendo rapidamente que o pânico é algo particular. Você não quer compartilhá-lo. Não quer que outros saibam o quão aterrorizado você está.

Toda sua energia é dedicada a manter a sanidade e seguir em frente. Manter-se alerta. Mas como você decide o próximo passo a dar? Como pode pensar direito quando toda sua energia está sendo usada para se conter, para evitar que você se despedace em um milhão de fragmentos?

A voz de Delia rompeu o silêncio tenso.

— Nós temos que ir lá pra fora. Brendan, mostre-nos o caminho. O sol ainda não se pôs. Quando estivermos lá fora, poderemos enxergar.

— Mas, e se o assassino estiver lá fora, esperando que a gente saia? — perguntou Kenny Fear.

— Sim. Tudo isso pode ser uma armadilha — concordou Spider. — Ele apaga a luz e espera que a gente saia da casa correndo.

— Não podemos simplesmente ficar aqui dentro — retruquei. — Minha voz saiu tensa e aguda. — Não podemos ficar aqui no escuro, só esperando pra ver qual de nós será a próxima vítima.

— Podemos tentar uma das portas dos fundos — lembrou Brendan. — Os fundos da casa levam à floresta. Estaremos mais seguros lá.

— Mas, e *depois*? — Eric quis saber. — A gente se esconde no mato... até *quando*?

— Lá fora está armando uma tempestade — avisou Spider. — Vamos ficar encharcados.

— Encharcado é melhor que morto. Podemos nos esconder até que o outro piloto do barco venha da cidade — Brendan sugeriu.

— E se ele não vier?

— Como ele vai nos encontrar se estivermos escondidos na floresta?

— Brendan, você tem certeza de que o Randy não pode nos levar de volta? — Eric insistiu.

— Pode acreditar — Brendan respondeu, depois de uma pausa. — Randy não pode nos ajudar.

— Ele está morto? Conte a verdade — exigiu Eric.

Brendan não respondeu.

Isso fez com que todos comessem a falar ao mesmo tempo. As vozes eram tensas e sussurradas. Percebi que eu estava ofegante. A escuridão logo ficou pesada, como se alguém tivesse jogado um

cobertor preto de lã por cima de mim.

— Ei...!

Fiquei perplexa quando as luzes do corredor se acenderam. Pisquei diante da súbita claridade e esfreguei meus olhos para que eles se adaptassem. Eric e eu espalmamos as mãos no alto. Alguns vibraram. Todos começaram a falar. Que alívio poder voltar a ver.

— Talvez tenha sido *mesmo* só uma falha no gerador — comentou Morgan, o primo de Brendan.

Brendan abriu novamente o armário vazio das lanternas... como se fosse ter mais sorte e encontrar as lanternas dessa vez.

— Não. — Ele sacudia a cabeça. — Não foi uma falha na energia. O assassino está brincando com a gente. Eu sei.

Suas palavras provocaram um arrepio em minhas costas e contraíram todos os meus músculos. Eu queria sair correndo. Ir embora e correr sem parar até chegar a algum lugar em que eu estivesse segura.

Mas todo mundo estava ali em pé, paralisado e piscando na luz, com os olhos fixos no Brendan, esperando por algum tipo de pista, algum tipo de decisão.

Ele respirou fundo e disse:

— Acabei de me lembrar de uma coisa. — Seus olhos estavam distantes, e ele falava mais consigo mesmo do que conosco.

— O quê? Do que você se lembrou? — April correu até ele e lhe sacudiu o braço com força. — Pode nos tirar daqui? *Fala pra gente!*

*Ela está quase histérica, percebi. Ela vai perder totalmente a cabeça.*

— A sala de segurança — respondeu Brendan, e gentilmente retirou a mão de April de seu braço. — Nós temos câmeras de segurança. Na frente e atrás. Eu sei que elas estavam ligadas esta manhã, antes de vocês chegarem.

— Também tem guardas? — perguntou Spider.

Brendan sacudiu a cabeça.

— Não. Mas as câmeras podem nos mostrar o que está acontecendo aqui. Venham comigo.



## capítulo 20

# Penetras

Nós o seguimos pelo longo corredor. Os antepassados dos Fear nos retratos nas paredes pareciam nos observar conforme passávamos. Eu caminhava entre Kerry e Eric. Não falávamos nada.

Era estranho ver Eric tão sério, sem fazer palhaçada. Havia gotas de suor em sua testa, que ele secava com as mãos. Mas era em vão porque surgiam mais.

Ao virarmos em outro corredor, ele franziu a testa pra mim:

— Isso já é a diversão?

Estremeci.

— As pessoas me avisaram para não vir pra cá. Talvez... Será que eu deveria ter ouvido?

O rosto zangado de Mac surgiu em minha mente. Ele estava tão determinado a impedir que eu viesse à festa que dava para ver seu maxilar retraído. Mais uma vez, ouvi seus apelos frenéticos. *Apenas não vá, Rachel. Eu... eu ouvi coisas que não deveria ter ouvido.*

O que aquilo significava?

Eu nem tinha pensado nisso até aquele momento. Mac estava com ciúmes, porque não podia suportar pensar em mim com Brendan Fear. Mas o que ele queria dizer exatamente? O que tinha ouvido?

No fim do corredor, uma luz cinza entrava por uma janela quadrada e batia numa porta de madeira escura. Uma das portas dos fundos. Era possível ver, através do vidro, as árvores balançando com o vento forte. Folhas mortas batiam na janela.

Brendan abriu a última porta do corredor. Ela revelou uma salinha estreita com quatro monitores de tv perfilados, junto com um painel de controle com grupos de botões e luzes piscantes.

A sala não era grande o bastante para que todos nós entrássemos atrás de Brendan. Então, nos juntamos na porta e observamos enquanto ele se acomodava num banco alto junto ao painel de controle.

Ergui meus olhos para as quatro telas. As imagens eram em preto e branco. Calculei que duas câmeras estavam posicionadas na frente da casa e duas, nos fundos.

— Vou voltar a gravação pra tentar vermos algo — avisou Brendan.

Ele se debruçou sobre o painel e girou alguns botões. Ouvi um chiado baixinho, depois as imagens nas telas imediatamente começaram a retroceder.

Vi folhas voando no caminho da frente. Pássaros pousavam e voavam na mata alta dos fundos. Um esquilo ergueu a cabeça, como se olhasse a câmera. Conforme as nuvens tempestuosas se aproximavam, as imagens escureciam, depois clareavam e voltavam a escurecer.

— Nossa — Brendan murmurou. Ele apertou o pause e parou de retroceder as imagens. Aproximando-se da tela à sua frente, ele retomou a pesquisa. — Nossa, minha nossa.

Segurei no ombro de Eric enquanto via dois homens na tela. Dois homens correndo até a porta dos fundos. Eles usavam máscaras de esqui pretas para cobrir as cabeças. Cada um deles tinha um rifle nos braços.

Rifles de caça.

Gritei quando um deles ergueu o rifle e girou o cabo, batendo na porta dos fundos. Então, vimos o vidro se quebrando e um dos intrusos mascarados enfiar a mão pela janela quebrada e abrir a porta.

Quando entraram na casa, eles sumiram de vista.

Não havia som. Não precisávamos de som. Agora sabíamos exatamente o que estava acontecendo. Dois homens mascarados carregando rifles de caça tinham arrombado a porta e entrado na casa de Brendan.

*Eles tinham matado Patti. Mas... por quê? Por que estavam ali? O que queriam? Será que estavam numa caçada pra matar todos nós?*

Um milhão de perguntas que nenhum de nós podia responder passavam pela minha cabeça.

Os homens mascarados estavam ali. Estavam em algum lugar da casa. E tudo que podíamos fazer era tentar fugir deles.

Mais uma vez pensei nos filmes de terror a que Beth e eu assistíamos. O sangue jorrava e nós morríamos de rir. Por que achávamos aquilo tão divertido?

Acho que é porque, quando você assiste a um filme, você sabe que não há qualquer chance de você realmente morrer.

Brendan repetiu aquelas cenas. Ele fixou os olhos na tela, estudando os dois homens enquanto eles corriam até a casa. Ele congelou a imagem logo antes de um deles bater com o rifle na porta.

— Quem são eles? — Brendan murmurou. — Quem...?

Ele deixou a imagem congelada na tela e se virou para nós, na porta.

— Eu gostaria de saber o que fazer agora. — Sua voz estava falhando e ele enlaçou as mãos para fazê-las parar de tremer. — Acho... acho que o principal é não entrar em pânico.

— Não entrar em pânico? — gritou Kenny. — Você viu aqueles rifles?

— Nós *temos* que entrar em pânico — afirmou Spider. — Temos que entrar em pânico e dar o *fora* daqui! — Ele se virou e seguiu em direção à porta dos fundos.

— Nós podemos dirigir o barco — disse Kerry. — Será que é tão difícil? Vamos. Vamos descobrir como fazer. É nossa única chance.

Os outros gritaram, concordando. Eu sabia que Kerry estava certo. O barco estava ali, parado no cais, esperando para nos levar de volta à cidade. Alguns de nós poderiam descobrir como pilotá-lo. Não podia ser tão perigoso quanto ficar nesta casa com dois assassinos mascarados.

Os outros correram até a porta no fim do corredor. Notei que Brendan ficou. Ele não tinha descido ainda da banquetta junto ao painel de controle.

— O que você está esperando? — exclamei.

Ele estreitou os olhos para mim.

— Só estou pensando. Tem um rádio no barco. Nós podemos ligar pedindo socorro. Por que não pensei nisso antes?

— Vamos — chamei. Peguei a mão dele e o puxei da sala. Ele estava com a mão gélida e cambaleou, hesitante, quando corremos.

Brendan estava tão apavorado quanto o restante de nós. Mas eu sabia que, uma vez que estivéssemos a bordo do barco e pudéssemos passar uma mensagem pelo rádio pedindo socorro, todos nós nos sentiríamos muito melhor.

Disparamos lá para fora, seguindo os outros rumo ao quin-tal. A mata alta perfilava a extensão dos fundos da casa. Para além do matagal, pude ver árvores de uma madeira espessa e galhos retorcidos sem folhas.

O céu estava escuro e cheio de nuvens pesadas cor de carvão. O vento soprou forte contra nós, como se quisesse nos impedir de avançar.

— Por aqui — Brendan apontou.

O ar fresco pareceu reanimá-lo, e ele acelerou o passo para uma corrida leve.

Eu me esforcei para acompanhá-lo. Nossos sapatos esmagavam folhas mortas de outono caídas no chão. Continuamos a segui-lo adentrando a sombra na lateral da casa e fazendo o contorno até a frente. Antes que chegássemos lá, ele gesticulou com as duas mãos para que parássemos.

Estávamos ofegantes, mas procuramos nos concentrar para ouvir qualquer som diferente.

Será que os atiradores estavam esperando por nós lá na frente? Eu só ouvia o estalo de galhos na floresta e o vento forte passando por entre as árvores.

Brendan verificou a esquina da casa, depois gesticulou para que voltássemos a andar. Tudo limpo.

Disparamos atrás dele, descendo o caminho colina abaixo e passando por entre as árvores. O cais ficava no fim do caminho, onde o catamarã estaria esperando por nós.

Meus sapatos chutavam a areia enquanto eu corria a toda velocidade. Eu sabia que não me sentiria segura até que estivesse no barco para deixar a ilha do Medo para trás o mais rápido possível.

Eric tropeçou numa raiz de árvore e movimentou os braços para retomar o equilíbrio, xingando baixinho. Seu rosto redondo estava vermelho-vivo e reluzente de suor.

Corri até ele.

— Estamos quase chegando — eu disse, esbaforida. — Estamos quase no cais.

Ele gemeu em resposta, com os sapatos batendo no caminho liso.

— Vamos conseguir. Sei que vamos. — Eu mantinha o pensamento positivo.

Então, as árvores deram lugar a uma ampla clareira. A trilha acabou e a água escura do lago surgiu diante de nós.

Soltei um grito horrorizado quando me virei para o cais.

— O barco...!

O catamarã balançava nas ondas baixas à medida que se afastava do cais ruidosamente.

— *Nãããõ!* — Eric soltou um uivo gutural. O pessoal grunhia e gritava. Brendan caiu de joelhos com um longo suspiro.

Corri até a margem e fiquei observando o barco deixar um rastro de espuma branca na água conforme ganhava velocidade. Estreitando os olhos, consegui ver os funcionários de uniforme preto. Cerca de uma dúzia deles. Eles estavam sentados nos bancos enfileirados junto da amurada do barco. Alguns deles estavam de pé, com o olhar fixo à frente. Eles nem olharam para trás.

Kerry veio correndo até a água, gritando e acenando com os braços.

— Parem! Voltem aqui! Voltem aqui! Parem! Não estão me ouvindo? Voltem!

Gritamos e acenamos, pulando. Mas os empregados não iam voltar para nos buscar. Olhávamos apavorados para eles. Levavam o único barco; levavam nossa última esperança de sobreviver.

## capítulo 21

# Um amigo desaparece

— Por que eles foram embora? — Geena perguntou. Ela estivera em silêncio o tempo todo, mas agora encarava Brendan, mais zangada do que assustada.

Brendan ofegava e seu cabelo esvoaçava com o vento forte enquanto ele ainda olhava para o lago escuro.

— Por que os empregados foram embora? — Geena voltou a perguntar. — Responde, Brendan.

Ele sacudiu a cabeça. Dava para ver a confusão em seu rosto.

Geena se adiantou e agarrou Brendan pelos ombros. Ela se debruçou sobre ele, seu cabelo acobreado lhe caindo no rosto.

— Fala a verdade. Eles sabiam que os assassinos estavam vindo? Por isso deram o fora daqui?

Brendan sacudiu novamente a cabeça.

— Não. Quer dizer, como é que eu vou saber? Não sei, Geena. Não sei de nada. Eu... eu não entendo o que está acontecendo aqui.

— Por que eles não voltaram pra pegar a gente? — Spider quis saber, com a voz aguda de medo. — Se eles sabiam o que estava acontecendo, então por que não tentaram nos ajudar?

— Você não está falando a verdade — acusou Geena, segurando os ombros de Brendan como se quisesse arrancar as palavras dele. — Você *tem* que saber por que os empregados foram embora.

— N-não, não tenho — Brendan gaguejou, finalmente encontrando a voz. — Eu... realmente não sei. — Seus olhos estavam fixos na água; o barco havia desaparecido no lago. Então, Brendan tirou as mãos de Geena de seus ombros e ficou de pé. — Eu gostaria de ter uma resposta — ele disse a ela. — Eu gostaria...

— O que fazemos agora? — perguntou Delia. — Tem outro barco que possamos pegar?

— Não. Só tinha aquele — Brendan respondeu. — A ilha é deserta. Ninguém vem aqui em outubro. Principalmente quando ameaça chover.

Olhei para cima, para o céu que escurecia. As nuvens de tempestade agora estavam negras e densas, bloqueando a luz. Escutei um trovão à distância.

— E aí, o que fazemos? — repetiu Delia. — Tem de haver um jeito de entrar em contato com a polícia ou com alguém. — Ela estremeceu. Geena se aproximou e a abraçou para confortá-la.

Brendan deu de ombros e coçou a cabeça.

— Eu... não consigo pensar direito. Estou perplexo. Simplesmente não entendo o que esses dois homens estão fazendo aqui. Como eles chegaram aqui? Não vejo nenhum barco. Como chegaram aqui sem um barco?

Eric se aproximou de Brendan.

— Alguém aqui é bom nadador? — ele perguntou.

Brendan estreitou os olhos para ele.

— Você quer dizer bom o suficiente pra atravessar o lago do Medo a nado? Isso levaria uma hora.

Talvez duas com a água agitada como está. E a água está congelante.

Os ombros largos de Eric despencaram.

— Foi só uma ideia.

— Continue pensando — incentivei. — Talvez um de nós vai... — Parei quando ouvi um barulho atrás da gente. Uma *batida* pesada vindo da casa. — O que foi isso?

Todos nós nos viramos para a casa.

— Isso foi um trovão? — perguntou Morgan.

— Pareceu mais uma batida — comentei. — Como algo pesado caindo.

— Uma árvore, talvez — sugeriu Brendan. — Por causa do vento. Talvez uma árvore caindo na casa?

— Isso não vai nos levar a lugar algum. — Eric secava o suor da testa. — Onde estamos mais seguros? Aqui fora ou na casa?

— Aqui fora — alguns responderam.

Senti uma gota de chuva na minha testa. Depois outra, no alto da minha cabeça.

A chuva fazia um barulhinho no chão conforme ia caindo com mais força. O vento frio soprava sem direção, fazendo com que as gotas nos atingissem por todos os lados.

Tivemos de sair correndo da casa sem capas ou guarda-chuvas. Cruzei os braços, tremendo.

— Talvez a gente possa pensar melhor na casa — sugeri.

Não houve discussão. Saímos correndo, de cabeça baixa e de encontro ao vento, seguindo o caminho colina acima, passando por entre as árvores, rumo à casa. Um clarão surgiu à nossa esquerda, iluminando as árvores. Um trovão ensurdecedor veio logo depois.

Ofegante, me curvei e continuei correndo. A casa despontou no alto do morro. Ela se erguia escura e agourenta diante do céu ainda mais sombrio.

Tentando manter o equilíbrio, acabei escorregando no capim alto e liso. Meus sapatos afundaram na lama mole que havia por baixo. Brendan liderava o caminho, balançando os braços enquanto corria, e eu o seguia de perto.

O que foi aquele estrondo que nós ouvimos? Eu não via nenhum sinal de árvore alguma caída na casa.

Brendan chegou primeiro à entrada. Pegou a maçaneta de bronze e abriu a porta.

Eu hesitei. Será que os assassinos mascarados estavam nos esperando ali?

O hall da frente estava vazio. Segui Brendan para dentro da casa, sacudindo o corpo para tirar a água da chuva e cruzando os braços para parar de tremer. Meu cabelo estava encharcado e escapando do rabo de cavalo, então eu o afastei do rosto e tentei prendê-lo no elástico. Estávamos ensopados e desgrehados, com os rostos tensos de medo.

Eric estava com o braço em volta de April. Ela estava de cabeça baixa, com os ombros tremendo. Geena e Spider estavam juntos, em silêncio. Ninguém falava. Eu sabia que todo mundo estava atento a qualquer som e alerta para qualquer sinal dos dois intrusos.

— Por aqui. — Brendan gesticulou para que o seguíssemos pelo corredor. Ele ia na frente, de volta ao salão de festas. Nossos passos ecoavam no espaço imenso e vazio. Uma luz amarelada saía das luminárias do teto. As mesas de comida e bebida estavam vazias. O fogo da enorme lareira tinha se apagado.

Brendan chamou os primos até a lareira, apontou para a lenha empilhada ao lado e pediu que eles

acendessem novamente o fogo.

— Vou dar uma olhada na cozinha. Talvez eu possa fazer um chocolate quente pra todo mundo. — Ele desapareceu pela porta à nossa direita.

Uma bebida quente era uma boa ideia, porque eu não conseguia parar de tremer. Sentei-me numa cadeira ao lado de Eric e April e cruzei os braços, tentando me aquecer. Minha jaqueta linda estava encharcada, então eu a tirei e pendurei no braço de uma cadeira vazia.

— Aposto que tem um monte de espíritos neste salão de festas — comentou Eric. — Espíritos da cruel família Fear. Vocês acham que eles estão nos observando?

— Eric, cala a boca — protestei. — Você realmente acha que essa é a hora certa pra histórias de espíritos?

— Todo mundo conhece a história dos Fear — Eric continuou, me ignorando. — Todo mundo sabe que a família é amaldiçoada. E agora nós fazemos parte da história deles. Talvez também estejamos amaldiçoados.

Ele se virou para os primos de Brendan.

— Vocês dois são Fear. Sabem de alguma coisa que não nos disseram?

Kenny e Morgan fecharam a cara.

— Parecemos assassinos pra você? — perguntou Morgan.

— A-hã, você parece — Eric respondeu.

— Cala a boca, Eric! — várias pessoas gritaram.

— Eric, você é muito imbecil — disse Geena. — O que está tentando fazer? Realmente acha que acusá-los vai nos ajudar? Você não está ajudando ninguém.

— Por que *você* não vai atravessar o lago a nado e arranjar ajuda? — sugeriu Spider.

— Vem me fazer nadar! — Eric disparou de volta.

— Para de ser um bebezão — Geena o repreendeu. — Temos que ser sérios.

— Sua *cara* é séria — devolveu Eric.

Eu sabia o que Eric estava fazendo. Era sua única maneira de lidar com a tensão: fazer piada, tentar ser engraçado.

— Eric, eu realmente espero que você não seja a próxima vítima — disse Spider. — Nós sentiríamos a sua falta. Sério.

Isso surpreendeu alguns. Spider não tinha muito senso de humor e não gostava das piadas de Eric. Mas agora estava sendo supercruel. Provavelmente porque estava com muito medo.

Eric se levantou num salto e encarou Spider.

— Você não vai se sentir péssimo se eu for *mesmo* a próxima vítima?

— Vou chorar como um bebê — respondeu Spider, sarcástico.

Eric voou para cima dele. Os dois se engalfinharam no chão e começaram a brigar.

— Parem! parem! Que *maluquice!* — gritei.

Kenny, primo de Brendan, veio correndo da lareira e agarrou Spider pelos ombros e o tirou de cima de Eric. Eric rolou para o lado com o rosto vermelho-vivo e uma gota de sangue nos lábios.

Brendan voltou carregando uma bandeja com canecas, que colocou na mesa. E ficou boquiaberto.

— O que houve? O que está acontecendo?

— Spider e eu só estávamos de palhaçada — respondeu Eric, limpando o sangue da boca com a manga da camisa. — Você sabe, zoando.

Kenny soltou Spider, que encarou Eric, mas não disse nada. Finalmente, ele deu as costas e saiu andando até a mesa. Pegou uma caneca de chocolate quente e caminhou até o outro lado da sala.

— Tomem um pouco de chocolate quente, pessoal — disse Brendan, ainda de olho em Eric. — Acho que fiz o suficiente para todos. E encontrei alguns moletos que vocês podem pegar.

Caminhei até a mesa e peguei o menor moletom que encontrei. Eu me vesti e depois peguei uma das canecas fumegantes. Segurei a caneca com as duas mãos, para que se aquecessem.

O lábio de Eric ainda estava sangrando. Spider estava junto à parede, massageando o ombro. Ele deve tê-lo ferido quando eles se embolaram.

O chocolate quente acabou rapidamente. Sem que ninguém dissesse nada, nos sentamos nas espreguiçadeiras como se estivéssemos nos preparando para uma reunião. Brendan andava de um lado para o outro diante de nós.

Seus primos remexiam o fogo, e eu estava surpresa por eles não se esforçarem nem um pouco para se aproximar de ninguém da nossa escola, a Shadyside High. Ficaram mais na deles. Claro que agora todo mundo estava assustado demais para socializar.

— Eu realmente não sei o que dizer — Brendan começou. Ele estava com as mãos no fundo dos bolsos. — Talvez, se raciocinarmos direito...

Eu estava perto do encosto das cadeiras. Dei uma olhada em volta, para o pessoal à minha frente. Meus olhos passeavam de um lado para o outro, e eu me detinha rapidamente em cada um deles.

Então, senti o coração pular. Meus olhos percorreram todos outra vez. E de novo. O pânico foi aumentando e minha garganta foi ficando apertada até que eu mal conseguia respirar.

Fiquei de pé num salto.

— Ei — gritei. — Onde está o Kerry?

Brendan parou de andar. Todos olharam para mim.

— Onde está Kerry Reacher? — repeti. — Alguém viu o Kerry?

## capítulo 22

# Outro jogo

— Kerry? — tentei gritar com a voz falhando. — Kerry? Você está aqui?

Silêncio.

— Eu não o vi lá fora — disse Brendan. — Alguém o viu quando nós corremos para o cais?

— Sim, ele estava lá fora com a gente — respondi. — Corri ao lado dele. Sei que ele estava lá quando vi o barco partindo com os empregados. Mas, depois, quando começou a chover... — Minha voz foi sumindo e tentei me lembrar do que aconteceu. — Eu... não o vi correndo de volta para a casa — eu disse.

Brendan coçou a cabeça.

— Ele ficou lá fora, na chuva? Sem chance. Ele não ficaria, ficaria?

Ninguém respondeu. Fechei os olhos e tentei repassar na mente a corrida na chuva de volta para casa. Kerry estava ao meu lado? Não. Ele não estava.

— Eu sabia que ele estava totalmente arrasado por causa da Patti — disse Brendan. — Mas ele pareceu estar melhorando. Por que ele ficaria lá fora, sozinho? Ele tinha que voltar pra casa. Eu sei que ele está aqui em algum lugar.

— Pare de falar! — soltei. — Falar não vai encontrá-lo. Temos que procurá-lo!

— A Rachel está certa — Brendan concordou comigo. — Será que devemos nos separar? — ele fez uma pausa. — Não. Melhor não. Nós vamos juntos. Não podemos procurar lá fora. Está caindo um temporal. Vamos começar no primeiro andar da casa. Depois, subiremos um andar de cada vez.

Um silêncio de medo recaiu sobre todos enquanto atravessávamos a porta do salão de festas. Eu me apressei para alcançar Brendan.

— Nós o encontraremos — Brendan garantiu, falando baixinho. — Talvez ele tenha apenas se perdido. Esta casa é tão confusa, e ele não estava com a cabeça no lugar. Tenho certeza de que ele está bem.

Mas consegui perceber o medo em sua voz, porque ele ficou de cabeça baixa e não me encarou.

Enquanto seguíamos pelo corredor comprido, fiquei me lembrando de Kerry no barco, quando viemos para a ilha do Medo, com o braço em volta de Patti. Fiquei pensando em como eles estavam felizes, em como eram engraçados juntos: uma bonequinha e um jogador de basquete gigante.

Caminhamos pela cozinha bem iluminada. Os empregados tinham deixado uma bagunça; panelas, fôrmas de pizza e copos sujos estavam empilhados na pia. As bancadas estavam manchadas de gordura e cheias de restos de comida.

Nem sinal de Kerry.

Depois da cozinha havia vários cômodos para empregadas e funcionários. Olhamos todos eles. Em seguida viramos num corredor que levava aos fundos da casa.

— Ei, para de empurrar! — Spider gritou, atrás de mim.

— Não empurrei você. Nem toquei em você — ouvi Eric responder.



Brendan se virou.

— Vamos ficar juntos, pessoal. — Ele ergueu a mão para que parássemos. — Kerry não está aqui atrás. Aqui está tudo em obra. Meus pais estão construindo um grande galpão e um hangar para o barco nesta área. Acho que devemos dar a volta e...

— Não — interrompi. — Vamos olhar. Temos que procurar em todos os lugares.

Brendan hesitou. Dei um empurrãozinho nele, na direção da porta dos fundos.

— Certo. Você está certa. — Ele abriu a porta e nós o seguimos até a parte em obras.

O temporal tinha sido breve. A chuva havia passado, mas as nuvens pesadas ainda permaneciam pairando sobre as árvores. Estreitei os olhos observando a luz verde-acinzentada e sinistra.

O chão estava coberto com longas vigas de concreto; para a fundação do hangar, imaginei. Estavam caprichosamente empilhadas, enfileiradas na terra, em mais de dois metros de altura.

Uma pilha parecia ter caído. As vigas compridas estavam inclinadas umas sobre as outras em ângulos estranhos.

*Será que foi esse estrondo que nós ouvimos?,* pensei. *O som dessas vigas caindo?*

Meus olhos desceram ao pé da pilha e comecei a piscar. Senti uma pontada de choque percorrer meu corpo. Tentei gritar, mas não saiu nada.

Fiquei olhando as pernas para fora das vigas caídas.

Pernas compridas.

As pernas de Kerry.

*Ah, não. Ah, por favor, não.*

O resto dele... esmagado...

Uma viga de concreto estava em cima do corpo dele. Sua barriga... seu peito... esmagados sob o peso. Suas pernas estavam para fora de um lado do bloco. Dava para ver o pescoço e a cabeça do outro lado.

Eu não conseguia me mexer. Não conseguia respirar. *Isso não está acontecendo.*

Brendan voou na direção de Kerry. Ele pegou um pedaço de papel em cima de uma viga de concreto e leu em voz alta: *Nunca fui bom em jogos de construir.*

Brendan amassou o papel e o jogou no chão. Depois, ele se ajoelhou e se curvou sobre Kerry, pegando sua cabeça com as duas mãos. Tentou segurá-la, mas acabou por pousá-la de novo no chão, delicadamente.

Brendan ficou de pé e se virou para nós, com o rosto pálido e o queixo tremendo.

— Kerry está morto — anunciou. — Ele também está morto.

## capítulo 23

# Um convite fantasmagórico

Nossos gritos de pavor ecoaram no local da obra. Ecoaram em meio às árvores e no quintal dos fundos.

April e Geena se seguravam uma na outra. Ambas estavam aos prantos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Murmurando consigo e zangado, Spider chutou um monte de terra no chão. Delia fechou os olhos e cruzou os braços.

Agarrei o braço de Eric e não o soltei. Tinha a sensação de que minhas pernas iam desmoronar. Puxei Eric de lado. Nós dois nos desviamos da imagem de Kerry: os tênis no chão e as pernas para fora da viga pesada.

— Primeiro, eles matam uma pessoa. Depois, deixam um bilhete idiota. Isso é doentio — disse Brendan.

— Nós sabemos quem os está escrevendo — aponte. — Nós os vimos arrombando a casa. Mas... *por quê?* Por que estão nos matando? O que querem? — Minha voz falhou de novo.

Eric se afastou de mim. Fiquei o observando caminhar sozinho até a lateral da casa. Eu sentia o pânico aumentando, como a maré que vai subindo... cada vez mais. Então percebi que não conseguia respirar, como se estivesse prestes a me afogar.

Senti uma mão em meu ombro. Virei-me e vi Brendan me observando, com o rosto preocupado.

— Você está bem?

— Não — respondi. — Na verdade, não. — Uma lágrima correu pelo meu rosto.

Ele permaneceu ao meu lado.

— O que vamos fazer?

Eu não sabia responder, apenas fiquei olhando para ele, que parecia totalmente perdido. Seus olhos disparavam para todo lado, loucamente.

— Eu deveria perguntar se  *você*  está legal. Você não parece muito bem — comentei.

Soltei um gritinho de surpresa quando ele passou os braços em torno de mim, me abraçando. Seu rosto parecia queimar junto ao meu. Ele logo me soltou e se afastou, como se estivesse constrangido; e não disse uma palavra. Eu o vi caminhar a passos largos até Eric.

Passei a mão no meu rosto. Ainda sentia o calor do rosto dele em mim.

*Estranho.*

*Não era isso que eu esperava.*

Eric se virou para Brendan, com uma expressão tensa. Ele estava com os punhos fechados.

— O que vamos fazer? — ele quis saber. — Qual é o plano?

Brendan baixou a cabeça.

— Não tenho um plano. Eu... estou tentando pensar num jeito de nos levar pra casa em segurança, mas... — A voz dele foi sumindo.

— Devemos vasculhar a ilha? — perguntou Eric. — Ver se mais alguém veio pra cá neste fim de semana? Alguém que pudesse nos ajudar?

— A ilha está vazia — respondeu Brendan. — Sei disso. Só há oito casas na ilha. E algumas cabanas de pescadores. Não tem ninguém aqui.

— Mas talvez alguém tenha deixado um barco que podemos usar — sugeriu Spider.

— Todos os barcos foram recolhidos por causa do inverno — Brendan informou. — E ninguém mais tem um catamarã ou um barco grande o suficiente para todos nós.

— Mas mesmo que tenha uma canoa... — Spider insistiu, passando a mão em seu cabelo castanho encaracolado, num sinal de nervosismo. — Alguém poderia ir até a cidade buscar ajuda.

Brendan sacudiu a cabeça.

— Ninguém deixa canoas do lado de fora depois da temporada de férias.

Kenny deu alguns passos em direção a Brendan.

— Podemos invadir uma garagem ou um galpão. E pegar uma canoa.

— Isso não é tão fácil como parece — Brendan disse a ele. — Precisamos de ferramentas para quebrar os trincos.

Kenny olhou o primo de cara feia.

— Temos que tentar *alguma coisa*. Você quer, ou não, sair daqui?

— Eu quero ir embora daqui tanto quanto você. Acha que quero ficar aqui e ver cada um de nós ser eliminado? Estou pensando muito, Kenny. Estou pensando com o máximo de atenção que posso.

Kenny deu alguns passos em direção a Brendan, como se o estivesse desafiando.

— E no que você está pensando, Brendan?

Brendan hesitou.

— Estou pensando que precisamos ficar juntos. Precisamos ficar juntos. Ficar de olho uns nos outros.

Kenny riu... uma risada debochada.

— Ficar juntos? Isso é o melhor que você pode fazer?

— Pega leve, Kenny — Morgan o repreendeu. — Arranjar uma briga com Brendan não vai ajudar ninguém.

— Brendan sempre foi um banana — Kenny murmurou. — Ficar juntos? Isso é o melhor que um líder corajoso dos Fear pode fazer? Duas pessoas estão mortas. Alguém está num joguinho conosco escrevendo esses bilhetes. Alguém acha que nos matar... é... engraçado.

— Patti e Kerry... eles saíram sozinhos — Brendan lembrou. — Só estou dizendo que é mais seguro ficarmos em grupo.

— Talvez possamos nos esconder em uma das casas ou cabanas da ilha — sugeriu April. — Não seria tão difícil arrombar uma casa, certo? Nós poderíamos esperar até que o novo piloto do barco chegasse.

— Mas, e se *não tiver* um novo piloto? — disse Kenny.

A discussão continuou, mas eu não suportava mais ouvir. Cobri meus ouvidos com as mãos. Havia um zunido ruidoso em minha cabeça, de tensão. Tensão e pânico.

Eu não podia ficar ali nem mais um segundo. Não aguentava ver as pernas de Kerry esticadas para fora da viga e seu corpo esmagado sob elas.

Comecei a me afastar dos outros. Com a cabeça girando, cheguei à casa e entrei. Fechei a porta atrás de mim. O zunido dos meus ouvidos tinha sumido. Assim como as vozes dos meus amigos.

*Será que algum de nós vai sobreviver?*

*Algum de nós vai sair desta ilha e voltar pra casa?*

Tentei afastar as perguntas da minha mente. Mas como poderia?

Olhei para o longo corredor, escuro como um túnel. Eu não ouvia qualquer som além do zunido baixinho em meus ouvidos. Minha garganta doía novamente e eu sentia como se estivesse asfixiando. Tinha de beber água.

Observei o corredor, tentando me lembrar de como voltar ao salão de festas. Minhas pernas pareciam hesitantes enquanto eu caminhava. Meus joelhos não funcionavam. Eu tinha de me forçar a seguir em frente.

Sabia que Brendan tinha dito para ficarmos juntos, mas minha garganta estava latejando. Eu realmente precisava de água.

Meus passos ecoavam suavemente no corredor vazio. Eu ficava olhando de um lado para o outro, esperando que alguém pulasse em mim. Minha garganta seca latejava.

Virei num corredor e observei o breu. E parei.

Um retângulo fino de luz saía do quarto à minha frente. A porta estava quase fechada. Fiquei paralisada e tentei ouvir alguma coisa. Meu corpo inteiro pinicava de medo.

Tinha alguém naquele quarto.

Eu me forcei a me aproximar da porta. Empurrei-a para abrir mais um pouquinho. Olhando lá dentro, vi estantes altas de livros junto à parede. Era um tipo de biblioteca ou um escritório.

Apoiei-me no batente. Eu queria abrir mais a porta para ver a frente da sala, mas, de tanto medo, escorreguei... e acabei escancarando a porta.

Cambaleei para dentro do quarto... e fiquei olhando a mulher atrás da mesa comprida. Tive de estreitar os olhos, pois ela estava em meio a uma névoa cinza, como se o quarto inteiro estivesse cheio de neblina.

Ela não levantou o olhar com o som da minha entrada desajeitada. Olhei para seus cabelos escassos e brancos passando um pouco da altura dos ombros. Ela tinha olhos pequenos e negros, e um nariz longo e pontudo. Vestia uma blusa cinza, de gola alta, e uma saia cinza. Seu rosto e a pele combinavam com o mesmo tom de cinza da roupa.

Ela não tinha cor. Era como olhar uma foto em preto e branco. Ela perdia e ganhava nitidez enquanto eu a observava em meio à névoa.

A mulher estava atrás da mesa, de cabeça baixa, trabalhando em alguma coisa. Concentrei-me na mesa... e cobri a boca com a mão para não soltar um grito.

A mesa estava coberta com pedaços de animais. Avistei cabeças e uma pilha de rabos de esquilos. Uma cabeça de gato. Uma pilha de olhos reluzentes. Garras. Patas. E um corpinho preto de cachorro, sem cabeça.

Eu não conseguia respirar. Não consegui me conter e dei um passo à frente com as pernas trêmulas. Depois outro, observando-a de cabeça baixa, a mão lentamente se movendo, para lá e para cá.

Quando cheguei mais perto, a névoa pareceu subir. E vi no que ela trabalhava tão atentamente.

Um lado de sua blusa estava erguido. E vi uma longa abertura na pele, embaixo das costelas. Ela tinha uma agulha preta na mão... e estava trabalhando na abertura em seu corpo, costurando e fechando a

pele.

*Victoria Fear?*

*Seria o espírito de Victoria Fear?*

Eu não queria acreditar, mas ali estava ela. Eu a estava vendo se costurar.

Queria gritar, queria correr. Mas, antes que eu pudesse me mexer, a mulher ergueu o rosto cinza, os cabelos ralos caindo sobre seu rosto murcho.

Ela me viu. Seus lábios se abriram num sorriso torto e desdentado. Ela ergueu a agulha comprida, a linha preta presa a ela.

— Aproxime-se, querida. — Sua voz era seca como o vento soprando as folhas mortas. — Chegue mais perto. Não vai doer muito. Eu prometo.

## capítulo 24

# Outro intruso

Finalmente, recuperei a voz. Um grito explodiu da minha garganta. Dei as costas para a mulher, mas a imagem da agulha comprida e do corte fino em seu flanco estava viva em minha mente.

Saí correndo pela porta rumo ao corredor. Como minha cabeça girava, o chão parecia se erguer ao meu encontro. *Pra que lado? Pra que lado?*

Por fim me lembrei e, ofegante, segui a toda velocidade em direção à porta dos fundos. Não desacelerei quando vi o resto do pessoal entrando na casa, com Brendan na frente.

Brendan parou de repente quando me viu correndo ao seu encontro. Ele estava boquiaberto.

— Rachel? Onde você estava? O que há de errado?

— Victoria Fear! — Gritei, quase sem ar ao dizer as palavras.

Brendan me abraçou.

— Ei. Que bom que você está bem.

Os outros me olhavam, confusos.

Dei um passo para trás com meu coração disparado.

— Victoria Fear! Eu a vi! — exclamei. — Um espírito. Um espírito, Brendan. Eu vi o espírito de Victoria Fear.

Brendan sacudiu a cabeça.

— Rachel, não estou entendendo. Você viu o vídeo de segurança. Temos dois assassinos na casa. Por que você está falando desse negócio de espírito?

— Eu... eu a vi — insisti.

Os outros falavam coisas, todos ao mesmo tempo.

— Rachel, você bateu a cabeça?

— Você viu um espírito? Perdeu totalmente o juízo?

— Ela está bem? Está em choque por causa do Kerry?

Brendan se aproximou e tentou me puxar para outro abraço. Mas eu o afastei. As palavras saíam numa torrente.

— Você tem que acreditar em mim. Eu a vi. Vi os animais que ela estava empalhando. E ela estava costurando... costurando a si mesma. Brendan, ela...

Ele pressionou um dedo sobre a minha boca.

— Mostra pra gente — ele pediu. — Rachel, respire fundo. Depois mostre o que você viu. Leve a gente até lá.

Segui as instruções dele. Respirei fundo, preendi o ar, depois o soltei lentamente. Mas isso não me acalmou.

— Era um espírito, Brendan. Eu a vi. Não sou maluca.

Os outros me encaravam, murmurando entre eles. April se aproximou de mim.

— Você está em choque, Rachel. Todos nós estamos. Mas não podemos começar a ver espíritos.

Precisamos...

— Mostra pra gente — Brendan repetiu. — Mostra o quarto. Onde você viu o espírito?

— Tinha... uma porção de estantes de livros — gaguejei. — E ela estava atrás de uma mesa comprida.

— A biblioteca, no primeiro andar? — perguntou Brendan. — Certo. Venham comigo.

Ele avançava a passos largos pelo corredor e eu me apressei para acompanhá-lo. Os outros seguiam, agora em silêncio.

Dobramos o corredor e eu vi o quarto. A porta ainda estava aberta, o retângulo de luz refletia no chão do corredor.

— Ali — sussurrei. — Ela está ali.

Paramos a alguns palmos da porta, como se nos preparássemos para o que estávamos prestes a ver. Então, Brendan e eu entramos juntos no quarto. Olhamos as prateleiras altas de livros. Então, nós dois viramos para a frente do quarto.

Soltei um grito agudo.

— Não tem ninguém aqui — apontou Brendan.

Os outros entraram e permaneceram reunidos perto das estantes de livros na parede dos fundos.

— Não — sussurrei. — Eu a vi.

— Não tem ninguém aqui — Brendan repetiu, ainda olhando para a mesa comprida, que estava vazia. Completamente vazia. A madeira escura reluzia sob a luz do teto.

Brendan se virou para mim. Eu não conseguia interpretar sua expressão. Será que ele estava preocupado comigo?

— Não foi coisa da minha cabeça — afirmei. — Ela estava aqui dentro. Tinha pedaços de animais... Um corpo de cachorro. Ela estava bem ali.

Virei-me e vi que os outros me observavam atentamente. Ninguém dizia uma palavra, mas eu sabia o que estavam pensando.

*Rachel enlouqueceu.*

*Rachel está vendo espíritos.*

*Rachel está maluca.*

— Não sou maluca! — gritei. Então, virei-me e disparei para a porta. Sem pensar, sem nem perceber o que eu estava fazendo, passei por April e Geena, afastando-as do meu caminho e saindo pelo corredor.

Eu tinha de me afastar. Precisava fugir do olhar deles, das expressões duras que me julgavam, sentindo pena de mim. Pobre Rachel, perdeu a cabeça.

Corri cegamente pelo corredor, virei e continuei correndo por outro. Este estava escuro, exceto por uma luz fraca vinda de uma janela na outra ponta.

Dava para ouvir Brendan gritando meu nome, gritando para que eu parasse.

Mas continuei correndo.

Continuei correndo, até que vi algo. Ou alguém.

Um borrão. Somente um borrão de cor contrastando com a luz cinza. Alguém atravessou o corredor mais adiante. Alguém correndo.

E eu o reconheci. Mesmo na escuridão, eu o reconheci. Mas era impossível. Não podia ser.

Mac? Mac Garland?

Não, sem chance.

Por que o Mac estaria aqui?

— Ei... Mac? — gritei seu nome, e voltei a correr. — Mac? É você? Eu te vi!

*Será que ele me seguiu até aqui?*

*Por quê?*

Talvez eu estivesse errada. Talvez não fosse o Mac. Mas pensei ter reconhecido seu cabelo liso e louro-escuro. Reconheci o jeito como ele fica ereto quando corre (uma vez, eu lhe disse que ele corria como uma girafa).

— Mac? Eu vi você! Mac? — Minha voz ecoava pelas paredes, aguda e alta.

Encarando a escuridão, fui desacelerando e parei. Nem sinal dele. De alguma forma eu o perdera de vista. Será que virei no lugar errado? Ele estaria se escondendo em um dos quartos? Eu me curvei e apoiei as mãos sobre os joelhos. Respirei fundo repetidas vezes, tentando fazer meu coração desacelerar.

Eu me ergui, ainda com o coração disparado. Perdi o ar quando ouvi passos rápidos. Batidas fortes. Atrás de mim. Vindo depressa.

— Hã? — Eu me virei.

E vi alguém vindo correndo, com as mãos estendidas pra me pegar. Um homem com uma máscara preta.



## capítulo 25

# Mais gritos

Congelei. Projetei os braços à minha frente para me proteger. Era tarde demais para correr. Tarde demais. Cerrei os punhos. Será que eu poderia lutar com ele?

— Rachel? — o homem me chamou. E ao se aproximar, percebi que, no fim das contas, não era um homem mascarado. Seu rosto estava encoberto pela sombra do corredor.

— Brendan! — gritei. — Eu... ainda bem que é você.

Ele veio rapidamente, ofegante.

— Rachel, por que você saiu correndo? O que está fazendo aqui?

— Eu... achei que tinha visto alguém — gaguejei. — Alguém correndo muito, e achei...

— Você não deve deixar o grupo — disse Brendan. Ele fixou os olhos nos meus. — Você sabe que vai ficar mais segura com todos.

— Ah, Brendan — suspirei. Joguei meus braços em volta dele. — Eu estou tão... assustada. — Pressionei meu rosto contra o seu.

Ele me enlaçou e me puxou para perto. Ao me abraçar mais forte, ele abaixou o rosto até o meu. Nós nos beijamos. Um beijo longo e terno. Terno, mas desesperado. Como se estivéssemos tentando afastar todo o terror.

Ele terminou o beijo e estreitou os olhos pra mim. Não disse nada por um bom tempo. Dava pra ver que ele queria dizer alguma coisa. Finalmente, ele sussurrou:

— Você ficará protegida, Rachel. Ficaré protegida deles.

Pisquei.

— Como você sabe?

Ele não respondeu, apenas se inclinou e me beijou de novo. Fechei os olhos. Realmente queria que o resto do mundo desaparecesse.

Mas nós paramos o beijo quando ouvimos os gritos. Gritos roucos de horror, ecoando pelo corredor.

Um arrepio percorreu meu corpo. Eu ainda estava abraçada a Brendan e não queria soltá-lo.

E outra explosão de gritos fez com que nos afastássemos. Nós dois nos viramos na direção do som.

— Por favor... de novo, não — sussurrei. — Outro assassinato, não.

## capítulo 26

# A próxima vítima

Seguimos os gritos até uma sala perto da entrada da casa. A sala tinha tons claros de azul e verde. Dois sofás de couro verde ficavam diante de uma tv grande presa a uma parede.

Na parede dos fundos, uma mesinha redonda tinha sido virada de lado. Em seu lugar havia uma escada de madeira. Brendan e eu passamos pela gritaria pra ver melhor.

— Nããã! — Cobri o rosto com as mãos e senti um nó no estômago. Fiz força para não pôr meu almoço para fora.

— Eric! Eric, não! — Eu chorava.

Mas, sim. Eric Finn estava pendurado de cabeça para baixo, sobre a escada. Sua cabeça estava roxa perto do chão. Seus braços pendiam nas laterais do corpo. Seus sapatos estavam presos aos dois degraus.

— O bilhete! Tem um bilhete! — gritei.

Brendan congelou, aterrorizado. Peguei o bilhete no pé da escada e li:

— *Serpentes & Escadas nem sempre é jogo de criança.*

Soltei um grito estremeado. A folha de papel caiu da minha mão e foi flutuando ao chão, parando ao lado da escada. Ao me afastar, vi os dedos de Eric se moverem em um espasmo.

— Ele ainda está vivo? — As palavras saíram da minha garganta numa voz que eu não reconheci. Brendan deu um salto à frente, pegou a mão de Eric e apertou. Ele sacudiu a cabeça.

— Gélido. Mas ele não está morto há muito tempo, está?

A sala irrompeu em vozes assustadas e num choro baixinho.

Eric também estava morto.

E quem seria o próximo?

Desviei meu olhar para o papel de parede azul-esverdeado, pois não suportava olhar para o Eric, pendurado de cabeça para baixo, com o cabelo louro caindo sobre o rosto. Não podia acreditar que jamais voltaria a ouvir sua voz. Nunca mais o ouviria fazer uma piada.

Fiquei de novo desesperada para fugir. Recuei e saí da sala. Ainda estava com as mãos pressionadas no rosto. Meu estômago revirava como uma máquina de lavar.

Brendan erguia cuidadosamente o corpo de Eric da escada. Reunidos em grupinhos de dois ou três, todos observavam. Ninguém se mexeu para ajudá-lo.

Recuei até a porta, com o sapato roçando no carpete suave. Abaixei as mãos e cerrei os punhos.

*Isso não pode estar acontecendo.*

Saí do cômodo, me afastando do terror... e alguém me pegou por trás.

Mãos fortes agarraram meus ombros e me puxaram para o corredor.

Comecei a gritar, mas uma mão tapou minha boca. A palma pressionou meus lábios, me silenciando.

Eu me abaixei e me contorci, tentando me soltar. E, enquanto eu lutava, percebi: *Sou eu. Eu sou a próxima vítima.*

## capítulo 27

# A última vez que a cortina vai se abrir

Lutando para me soltar, abaixei a cabeça e dei um tranco para a frente com toda minha força. As mãos deslizaram de mim e cambaleei de encontro à parede.

Tentando respirar, eu me virei. E vi Mac Garland.

— Mac! O que você está fazendo aqui? — perguntei, sem ar.

Ele também estava ofegante. Seu cabelo louro-escuro lhe caía na testa. Ele estreitou os olhos cinzentos para mim.

— Mac... você me *machucou* — gritei. — Por que você está aqui? — Então as palavras começaram a sair como uma avalanche. — Eu vi você correndo. Sabia que era você. O que está havendo? Me fala!

Ele olhou para os dois lados.

— Depois eu explico — ele respondeu, num sussurro ofegante. — Anda logo.

— Andar logo? — exclamei. — O que você quer dizer? O que você quer, Mac? Responde. O que você está fazendo aqui? Você me seguiu?

— Depois — ele repetiu. Ele estendeu os braços para mim de novo, mas recusei. — Vem comigo, Rachel. Eu te disse. Eu avisei que iam acontecer coisas.

— Os assassinatos? Você *sabia* disso na semana passada?

Ele não respondeu, apenas afastou o cabelo da testa com uma das mãos. Depois deu um impulso para a frente e agarrou a minha mão. E segurou com força.

— Vamos.

— Não! Me *solta*! — berrei. — Me solta! Os assassinatos, Mac. Você sabia deles?

Ele me olhou de cara feia. Ele é um cara bonito, mas é horrendo quando está zangado.

— Cala a boca — ele soltou, novamente olhando de um lado para o outro. — Não sei do que você está falando.

— Socorro... alguém me ajuda! — Tentei gritar para o pessoal na outra sala, mas as palavras saíram num sussurro engasgado.

— Não seja idiota — ele brigou. — Cala a boca e venha comigo. *Agora*. Eu tenho uma canoa, Rachel. Posso tirar você daqui.

Eu me soltei e recuei vários passos.

— Não vou a lugar nenhum com você. Responde. O que você sabe sobre os assassinatos?

— Temos que ir, rápido, Rachel. Mais tarde eu explico. Não há tempo.

Ele estava arfando, respirando depressa. Eu já o vira zangado, mas nunca o vi assim, tão desesperado.

— Eu não vou com você — falei. Cerrei meus dentes e enrijei meu corpo inteiro, me preparando para correr. Mac estava no meio do corredor, e eu teria de enganá-lo, de alguma forma, para poder passar por ele.

Brendan e os outros ainda estavam na sala no fim do corredor. Eu sabia que estava a poucos metros

da segurança.

— Eu estou te avisando — disse Mac, seu olhar vacilava. Seu rosto estava vermelho de raiva. — Eu estou te avisando. Sei o que vai acontecer, Rachel... vou tirar você daqui. Mas você tem que ir agora. Vamos!

Eu o encarava, pensando, tentando desesperadamente planejar uma estratégia.

*Se eu disparar para a esquerda, talvez possa fazer com que ele se mova para a esquerda. Então, vou desequilibrá-lo, se eu correr para a direita.*

Respirei fundo, me preparando para correr. Então, notei algo nos olhos de Mac: ele não estava me olhando. Seu olhar estava sobre o meu ombro, em algo no fim do corredor.

A expressão dele mudou e seus olhos se arregalaram de medo. Para minha surpresa, Mac deu as costas e saiu correndo na direção oposta. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ele desapareceu ao virar num corredor.

— Que estranho — comentei.

Meu coração estava agitado em meu peito. Eu me virei e olhei o corredor escuro. Não enxerguei nada. Usei a parede para me impulsionar e cambaleei, com as pernas trêmulas, de volta para a sala, com os outros.

— Brendan... — chamei.

Ele se virou ao som do meu grito.

— Rachel? Você saiu de novo?

— Eu... eu... eu... — gaguejei, pensando em Mac e em seus olhos arregalados e enlouquecidos.

Brendan não me deu nem chance de dizer algo.

— Venha comigo. Nós precisamos nos reorganizar. Pensar no nosso próximo passo.

Olhei o corpo de Eric de relance, esticado no sofá. Sua boca estava aberta e os olhos revirados para trás.

Senti uma pontada de terror que apertou minha garganta. Segui Brendan, enquanto ele levava todo mundo pelos corredores compridos. Ele mantinha os olhos fixos à frente e dava passos longos e rápidos, como se estivesse desesperado para se afastar da sala, da visão de Eric imóvel e morto.

Brendan nos levou a uma sala grande, onde não havíamos estado antes. Uma cortina azul se estendia ao longo da parede dos fundos. Poltronas e sofás estavam de frente para a cortina. Era obviamente uma sala de projeção.

Brendan gesticulou em direção às poltronas e aos sofás.

— Todo mundo pode se sentar. Nós precisamos conversar.

Kenny e Morgan despencaram no sofá. Eu sentei numa poltrona de couro marrom. Spider sentou no braço largo da minha poltrona.

— Isso não pode estar acontecendo — ele sussurrou. — Alguém tem que vir pra nos salvar... antes... antes... — a voz dele foi sumindo.

Eu sabia o que ele dia dizer. *Antes que todo mundo morra, um a um.*

Geena e April não se sentaram. Elas ficaram em pé, tensas, recostadas numa parede, de braços cruzados. Geena mordida o lábio inferior, nervosa, e agora um filete de sangue escorria por seu queixo.

Brendan foi para a frente da cortina e começou a andar de um lado para o outro. Finalmente, ele

parou e se virou para nós.

— Esta foi uma sala feliz pra minha família — começou ele. — Este é o nosso pequeno teatro, onde costumávamos fazer peças quando éramos crianças, e fazíamos shows engraçados. — Ele suspirou. — Houve muitos bons momentos nesta sala. Mas... eu acho que posso dizer que esta é a última vez que a cortina vai se abrir.

Ele caminhou até o canto da parede, pegou uma corda fina, com as duas mãos, e começou a puxar. E, ao puxar, as cortinas foram lentamente se abrindo.

O choque preencheu a sala quando vimos o que havia por trás da cortina. Então, houve gritos quando percebemos que estávamos olhando para três corpos.

Os corpos de nossos amigos. Patti, Kerry e Eric. De bruços, empilhados, um por cima do outro.

— Como... como eles vieram parar aqui? — gritei, com a voz rouca de pavor. — Quem fez isso? Brendan... quem os trouxe pra cá?

Tentei desviar o olhar. Mas a imagem horrenda me mantinha em transe.

Eric estava embaixo. Kerry em cima dele, com suas pernas longas dobradas num ângulo estranho. Patti estava esparramada, de bruços, por cima de Kerry, com os braços largados no chão e os cabelos espalhados por seu rosto sem vida.

— Não... não... — Sacudi a cabeça, como se tentasse afastar a cena repugnante. — Não...

E, enquanto eu observava, tomada de pavor, a pilha de corpos começou a se mexer.

## capítulo 28

# Acabou a festa

Patti gemeu e lentamente ergueu a cabeça.

As mãos de Kerry se moveram em um espasmo. Seus tênis grandes deslizaram no chão.

Eric virou o rosto para nós e piscou.

Meu coração quase parou. Eu não conseguia respirar. Fiquei de pé num salto.

Ninguém gritou. Ninguém fez som algum.

Eu sentia o sangue pulsando em minhas têmporas e pressionei as mãos nas bochechas.

— Que os mortos se levantem! — Kerry gemeu. — Despertem! Despertem!

Patti se apoiou nas costas de Kerry e se levantou. Ela ajeitou o cabelo e arrumou a camiseta.

Ainda no chão, Eric sorriu para nós.

— Enganamos vocês? Vocês caíram direitinho?

Kerry se levantou e esticou os braços compridos acima da cabeça.

— Como foi, Brendan?

Finalmente, recuperamos a voz. A sala ficou repleta de gritos de choque, misturados com felicidade e raiva.

Eu sentia meu cérebro dando cambalhotas. Tive de fechar os olhos, por um instante.

*Eles estão vivos?*

*Isso tudo foi uma piada? É tudo de mentira? Todo esse horror?*

Brendan assentiu para os três ex-cadáveres.

— Bom trabalho, galera. Acabou o jogo.

— Brendan? Qual é? — gritou Spider. — Acabou o jogo?

Brendan ficou de frente para nós.

— Vocês todos estavam jogando meu novo jogo — explicou ele. — Eu o criei pra esta festa. Sabem como se chama? Pânico Total.

Brendan sorriu para nós. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Ninguém reagiu à novidade, pois acho que estávamos perplexos demais. Eu estava em estado de choque.

— E aí, pessoal? Vocês estão bem? Talvez meu jogo tenha sido bom *demais* — Brendan debochou.

Respirei fundo e finalmente consegui falar.

— Você está dizendo que nada do que aconteceu esta noite foi real?

Ele assentiu.

— Eu planejei tudo. Queria que o Pânico Total fosse o jogo para festas mais assustador de todos os tempos.

Minha confusão estava passando, e comecei a sentir meu peito apertar de raiva.

— Bem, você nos matou de medo. Todos nós achamos... — ele não me deixou terminar. E ergueu a mão para me silenciar.

— Eu planejei tudo — ele repetiu. — Até plantei os animais mortos em suas camas, para que vocês

entrassem no clima de medo antes da festa.

— Foi *você*? — Geena perguntou.

— Bem... Eric e Kerry me ajudaram. Tudo parte do jogo. Planejei os três assassinatos. Planejei Randy batendo a cabeça e o sangue falso na água. Planejei o apagão, o sumiço das lanternas, a invasão dos homens mascarados, mostrada pelas câmeras de vigilância, todos os empregados partindo e levando o barco.

— Tudo um jogo? — gritou Spider. — Você está de *sacanagem* com a minha cara? Foi tudo um jogo?

— Brendan... eu não acredito em você! — Geena gritou. — Você disse que Patti, Kerry e Eric estavam mortos. Mas...

— Foi tudo parte do jogo, Geena — confirmou Brendan. — Sério. Eu fui o único a examinar os corpos, lembra? Fui eu quem sempre anunciou que eles estavam mortos. Nunca dei chance para ninguém se aproximar deles.

A sala ficou repleta de murmúrios e palavras de incredulidade.

— Como vocês podem ver, todos estão bem — concluiu Brendan. — Bem... menos o Eric. Ele é sempre meio esquisito.

— Ei, vocês não estão felizes em me ver vivo? — Eric gritou.

— De jeito nenhum — Spider respondeu. — Nós gostávamos mais de você como um cadáver.

Isso fez todos rirem, rompendo a tensão quase insuportável.

— Foi *mesmo* um jogo — disparei. — Um jogo para nos matar de susto. — Minha voz falhou. Eu estava tão furiosa com Brendan por me assustar... e a todo mundo.

— Brendan... você foi longe demais! — Geena exclamou.

— Foi assustador demais — concordou seu primo Morgan. — Você queria provocar um ataque cardíaco na gente?

Brendan respondeu, com escárnio:

— Eu não queria mandá-los pro hospital, só queria ver se realmente conseguiria aterrorizá-los.

— Isso não é engraçado. É *cruel*. — Geena estava zangada.

— É doentio — concordou April. — Totalmente doentio. Você tem uma mente doentia, Brendan.

— Recebo isso como um elogio — disse Brendan. Acho que o jogo deu certo.

Todos começaram a falar de uma só vez, gritando com Brendan.

— Você nos fez de idiotas.

— Isso não é uma festa. Fomos cobaias do seu jogo doentio.

— Você não pode brincar com os sentimentos dos outros dessa maneira. É totalmente cruel.

— Chega a ser sádico, Brendan. Você é louco.

Estávamos todos tão zangados que acabamos nos esquecendo de ficar felizes por nossos amigos estarem vivos.

Enquanto os gritos e xingamentos continuavam, fiquei observando Brendan. Os olhos dele cintilavam de empolgação e ele mantinha um sorriso imenso no rosto. Ele estava adorando nossa reação ao seu jogo aterrorizante.

Tentei calcular a resposta para uma pergunta que eu não conseguia afastar: *ele é um tipo de gênio criativo ou um maluco perigoso?*

Subitamente, percebi que Patti, Kerry e Eric deveriam estar planejando todo esse negócio com Brendan na mesa dos fundos do Lefty's, na noite em que Brendan me convidou para a festa. Era sobre isso que eles estavam falando tão concentrados naquela noite. Estavam planejando as cenas de assassinato, planejando o negócio todo.

Então um lampejo de raiva me fez cerrar os dentes. Será que Brendan só estava *fingindo* que gostava de mim? Aquilo também era um jogo?

De repente, eu me senti uma completa idiota.

Talvez *tudo* fosse um jogo com Brendan. Quando ele me convidou para a festa... quando me escolheu para ser sua parceira na caçada aos objetos... quando me abraçou e beijou... Tudo um jogo? Tudo uma piada para ele?

Eu estava com os punhos fechados, minhas unhas cravadas na palma das mãos. Respirei fundo e tentei deixar que a raiva passasse.

Eric trombou em mim com um sorriso dentuço no rosto.

— Rachel, você ficou com medo?

— Apavorada — respondi. — Todos nós ficamos. O jogo de Brendan foi sádico e cruel.

Eric sorriu.

— Eu achei hilário. Quando ele contou o plano, eu morri de rir. Brendan é um gênio maluco.

— Não tenho tanta certeza — falei. — Mas eu... estou contente em ver que vocês estão vivos.

Eric passou os braços fortes ao meu redor.

— Rachel, eu não sabia que você gostava de mim.

— Não se empolgue. — Eu o afastei. — Estou contente por você estar vivo, mas nunca mais vou falar com você.

Brendan estava agitando os braços, tentando fazer com que todos ficassem quietos.

— Relaxa, pessoal. Vamos. Todo mundo, fiquem tranquilos.

— Você nos deve um pedido de desculpas — alguém disse. — Terei pesadelos durante um ano.

Os dois primos de Brendan encaravam-no, furiosos.

— O tio Oliver sabe desse jogo? — quis saber Morgan.

— Você deveria ter nos contado. Somos da família — disse Kenny, sacudindo a cabeça.

Brendan deu de ombros.

— Certo, eu sei, eu sei — ele gritou mais alto que as vozes zangadas. — Agora todos vocês podem ficar calmos. Eu... eu queria proporcionar uma noite empolgante, sabe. Uma noite da qual vocês se lembrariam.

— Vocês não têm senso de humor! — gritou Eric. — Admitam, foi demais.

— Assassinato não é um jogo — soltou Spider.

Os gritos e murmúrios zangados continuaram.

Brendan agitou novamente os braços, tentando obter silêncio.

— O que é isso, pessoal. Deixem isso pra lá. Relaxem. A equipe de empregados estará de volta em uma ou duas horas com o barco. Então, se vocês quiserem ir embora, tudo bem. Sem problema. — Ele piscou. — Ah, esperem. Tenho mais uma surpresa. — Ele olhou para mim, e gritou na direção da porta. — Vocês estão aí?



Todos nós nos viramos e vimos Randy entrar na sala com seu quepe branco de almirante inclinado na cabeça.

— Surpresa! — ele exclamou.

Atrás dele veio uma jovem. Ela estava vestindo uma blusa de estilo antigo e uma saia longa cinza. Carregava uma peruca branca nas mãos.

Levei alguns segundos para perceber que ela era Victoria Fear.

Brendan passou o braço em volta da cintura dela e a levou até nós. Ele sorriu para mim.

— Minha prima Karen interpretou o papel de Victoria Fear — explicou ele. — Rachel, acho que Karen fez um bom trabalho. Ela fez com que você acreditasse em espíritos, certo?

De repente, eu não conseguia respirar. Meu peito parecia prestes a explodir. Era de raiva? Ou constrangimento?

— Eu peço desculpas, Rachel — disse Brendan. — Você não deveria ser a única a ver Karen. Todos deveriam descobri-la. Mas você entrou na sala sozinha.

— Desculpe ter assustado você — Karen me disse. Ela deu de ombros. — Eu não queria fazer isso. Mas o Brendan sabe ser bem persuasivo. Ele me disse que era o papel numa peça.

Lentamente, relaxei meus punhos.

— Brendan, eu nunca mais vou falar com você — murmurei.

Ele fez um biquinho.

— Foi só um jogo, Rachel.

Abri a boca para dizer a ele que foi um truque cruel e não um jogo, mas houve um barulho na porta. Vi o queixo de Brendan cair antes que eu pudesse ver o que era.

Dois homens entraram rapidamente na sala. Eles usavam suéteres e calças pretas e jaquetas cáqui de caça. Seus rostos estavam cobertos por máscaras pretas de esqui. Aproximaram-se de nós segurando rifles de caça na mão direita.

Dei um grito, surpresa. Uma onda de tensão recaiu sobre a sala.

Os homens mascarados seguravam os rifles, nos ameaçando.

— Certo, pessoal! — rugiu um deles. — Notícia triste. Acabou a festa.

## capítulo 29

# O jogo muda

Um dos homens mascarados era alto, de peito largo e olhar penetrante. Ele tinha olhos azuis brilhantes que cintilavam por baixo da máscara. Seu parceiro era mais baixo, ligeiramente rechonchudo, considerando que sua jaqueta de safári estava justa na cintura.

Os dois olhavam para nós pelos buracos da máscara. Estavam vestidos de forma idêntica, só que o homem alto estava de botas escuras de caça e o outro de tênis pretos.

Eles agitavam os rifles, se exibindo, mostrando que não devíamos tentar qualquer coisa contra eles. Nem tentarmos nenhum movimento rumo à porta.

Com a cabeça girando, eu me sentei numa poltrona ao lado de Spider.

— Isso mesmo. Fiquem calmos. Ninguém se mexe — disse o Olhos Azuis. Ele tinha uma voz áspera e rouca.

— É, acabou a festa — confirmou o gorducho.

Para minha surpresa, Brendan subitamente começou a caminhar em direção aos dois homens. E, enquanto caminhava, ele explodiu numa gargalhada.

Ele entrou no meio dos dois mascarados. Apertou a mão do Olhos Azuis, depois se virou e bateu o punho fechado no punho do outro intruso.

— Vocês estão atrasados, caras — ele avisou. — Eu quase me esqueci de vocês.

Brendan se virou para nós.

— Esses caras são do jogo. Um susto final. Prometo que agora acabou.

Ele se virou para os mascarados.

— Tirem as máscaras. Agora a gente pode aproveitar a festa até que o barco volte.

Os homens não se mexeram. Eles se entreolharam. O alto mudou o rifle de uma mão para outra.

— Vamos, caras, tirem as máscaras. Deixem que todos vejam seus rostos — mandou Brendan.

Os dois continuaram parados, tensos. Novamente se entreolharam. Nenhum dos dois disse nada.

Brendan estendeu a mão para a máscara do gordinho. O homem pegou Brendan pela frente da camisa e lhe deu um safanão que o fez cambalear para trás.

Os homens ergueram os rifles de caça, como que esperando pelo próximo movimento de Brendan.

— Ei! — Brendan gritou. Seus olhos passaram de um mascarado para o outro. — Espere. Quem são vocês? — Sua voz estava trêmula. — Não são os atores que contratei. Eu... Não conheço vocês. Quem são? O que estão fazendo aqui?

— Brendan, você acha que somos tão imbecis assim? — gritou Kenny.

— É. Você já nos enganou. Mas não vai fazer isso de novo.

— Pare com isso, Brendan — disse Geena, zangada. — Agora chega. Acabou o jogo.

Brendan mantinha os olhos nos mascarados.

— Eu... não estou brincando — ele gaguejou. — Quem são vocês? Isso não faz parte do jogo. Eu juro.

Os dois homens se remexeram, com os rifles posicionados nos braços.

— Você não vai mais nos assustar — insistiu Geena. — Então, pode parar, Brendan.

Ele ergueu a mão direita.

— *Juro* que isso não é um jogo. Eu realmente não sei quem são esses caras.

— Você é totalmente doente.

— Desista. Vamos pra casa.

— Vamos, chega de jogos.

O homem alto se movimentou rapidamente.

— Vocês acham que isso é um jogo? — ele perguntou.

Ele se virou depressa e bateu com o cabo do rifle no estômago de Brendan, com toda força.

Os olhos de Brendan se arregalaram. Ele soltou um gemido baixinho, pôs as mãos na barriga e caiu de joelhos. Então, começou a vomitar e a engasgar.

O homem armado mudou o rifle de mão e deu uma bofetada no rosto de Karen, prima de Brendan. O tapa foi tão forte que ela deixou cair a peruca e cambaleou para trás, trombando em Eric e Spider. Eles a seguraram, ajudando-a a se equilibrar. Ela começou a chorar. O lado esquerdo do seu rosto ficou vermelho-vivo.

— Levante-se! — o homem gritou. — Levante-se! — Ele ergueu o rifle sobre Brendan, ameaçando bater com o cabo em sua nuca.

Brendan, engasgado e com resto de vômito no queixo, se forçou a ficar de pé.

— Alguém ainda acha que isso é um jogo? — rugiu o homem.

O silêncio pairava na sala. Ninguém se mexia.

O homem mais baixo se movimentava de forma ameaçadora.

— Calem a boca e fiquem parados — ele ordenou.

— Acham que isto é um jogo? — seu parceiro disse, com a voz rouca. — Este é um jogo que vocês já *perderam*. — Seus olhos azuis estavam ensandecidos por baixo da máscara preta.

— O q-que vocês querem? — perguntou Brendan, hesitante, limpando o queixo com a manga. — Quem são vocês? O que querem?

— Achei que você fosse um cara inteligente — vociferou o rechonchudo. — Acho que você não é tão inteligente assim.

— Apenas *responda* — pediu Brendan. — O que estão fazendo aqui? Onde estão os atores que eu contratei? O que querem?

— Você — disse o atirador.

— Vocês... querem a mim? — o tom de voz de Brendan se elevou de surpresa. — Eu... eu...

O homem lhe deu outro safanão forte.

— Chega de perguntas, idiota. Primeiro temos que cuidar dos seus convidados.

Observei o mais alto. Subitamente, tive a estranha sensação de conhecê-lo. Algo naqueles olhos azuis e na voz rouca. Eu me esforcei para lembrar. Eu já o vira, mas onde?

Não havia tempo para pensar naquilo. Os dois mascarados desviaram de Brendan para nos encarar. O gorducho acenou o rifle em direção à porta.

— Vamos andando, todos vocês — ele rugiu. — Para o corredor. Agora.

— Você não falou pra gente sobre esse papel — Eric reclamou com Brendan. — Você disse que o jogo terminaria quando a gente voltasse à sala, e todos poderiam aproveitar a festa.

Brendan abriu a boca para responder, mas não saiu nada.

O atirador alto foi rapidamente até Eric e apontou o rifle de caça para seu peito.

— Você ainda acha que é um jogo, gordinho?

— Não, de jeito nenhum. — Eric ergueu as mãos em rendição e recuou.

— Vocês ficarão seguros se ficarem de boca fechada — avisou o rechonchudo. — E se tentarem fugir... podem esquecer.

Os dois homens levaram todo mundo porta afora pelo corredor. Então, abriram uma porta estreita. Pude ver degraus de concreto. Que desciam até o porão, imaginei.

— Vamos andando. Vocês ficarão bem acomodados, lá embaixo — disse o mais alto. Eu o observava, estudava seus olhos e me esforçava para lembrar onde eu o vira.

— Um de cada vez. E fiquem quietos lá embaixo — ele instruiu, gesticulando com o rifle.

Kerry e Patti foram os primeiros a descer a escada. Eric, Kenny e Morgan foram em seguida. Depois, Randy e Karen. Ninguém falava.

Eu sentia o ar frio flutuando e inalei o cheiro poeirento do porão.

Segui até a porta.

— Ei! — gritei quando o mais alto agarrou meu braço. Ele me puxou de volta com força.

— Você, não — ele rugiu. Ele apertava meu braço com força e me puxou para longe dos outros, me levando para o fundo da sala e me empurrando na direção de Brendan.

— Por quê? Por que eu não? — gaguejei. — Por que não vou pro porão com os outros?

— Só cala a boca ou vou fazê-la calar de vez — ele disparou. — Vá pra lá ficar com seu namorado.

— Ele não é meu namorado — murmurei.

O homem armado rapidamente voltou ao corredor. Pouco tempo depois, o local ficou em silêncio. Então, ouvi uma porta bater. Ele deve ter trancado todo mundo no porão.

Passados alguns segundos, ele voltou à sala.

— Seus convidados podem aproveitar a festa lá embaixo no porão. Se ficarem com fome, podem comer os ratos que tem lá.

Os dois mascarados riram disso.

Eu me aproximei de Brendan. Ele estava de dentes cerrados, olhando fixamente para os dois homens. Do nada, minha boca pareceu seca como algodão, e achei que talvez fosse sufocar.

*Será que eles pretendem nos matar agora?*

Brendan respirou fundo.

— Certo — ele começou a falar, com a voz falhando. — Certo. Os outros já estão lá embaixo. Não tem mais ninguém por perto. Agora, me digam o que é tudo isso.

O homem de olhos azuis sacudiu a cabeça.

— Você ainda não notou, Sr. Riquinho Fear? Sério? Você não percebeu? Isso é um sequestro.

# Quarta parte

## capítulo 30

# “Seu pai é um cretino nojento.”

Soltei um longo suspiro e Brendan colocou sua mão úmida e gélida em meu ombro.

— Um... sequestro? — ele repetiu. — Vocês estão sequestrando a Rachel e eu?

— Só você — disse o Olhos Azuis. — Você é filho de Oliver Fear. O negócio é você, meu chapa.

Pena que sua namorada acabou se envolvendo.

— O que vamos fazer com ela? — perguntou o Gorducho, passando o rifle de uma mão para outra. —

Ela não estava no plano.

— Não se preocupe — respondeu o parceiro. — Ela vai nos ajudar.

*Eu vou ajudá-los?*

Pensei no pessoal no porão. Fiquei imaginando o que eles estariam fazendo lá embaixo. Talvez tenham encontrado uma porta ou janela escondida... um jeito de fugir. Mas mesmo que conseguissem... Eu sabia que não havia meio de buscar ajuda na cidade. E nenhum modo de escapar da ilha.

— Pegue a corda. Temos que amarrá-los — Olhos Azuis ordenou ao parceiro. — Teremos uma longa espera, e não queremos que vocês pensem que podem tentar sair correndo.

— Não tem pra onde correr — Brendan disse baixinho. Ele ainda estava com a mão no meu ombro. Eu a apertei e a fiquei segurando.

— Só me fale o motivo disso — pediu Brendan.

Os dois homens trocaram olhares.

— O motivo é um milhão de dólares — respondeu Olhos Azuis. Novamente, os dois riram com deboche.

— Isso é o que seu pai, o grande Oliver Fear, vai pagar pra tê-lo de volta são e salvo.

— Então, seu plano... — Brendan começou a falar.

— Venho planejando isso *há muito tempo!* — Olhos Azuis falou em voz alta. Ele abanou o punho diante de Brendan. — Desde que Oliver Fear arruinou minha vida.

— Pega leve — alertou o parceiro, coçando o topo da cabeça através da máscara grossa de lã. — Você não deve nenhuma explicação ao garoto.

— Seu pai é um cretino nojento! — vociferou Olhos Azuis, agarrando Brendan pelo moletom com as duas mãos. — Ele me demitiu, me mandou embora sem motivo algum.

Ofegante, o homem sacudiu Brendan. Finalmente, ele baixou as mãos e deu um passo para trás.

— Você trabalhou pro meu pai? — perguntou Brendan, arrumando o moletom.

— Irregularidades contábeis. Foi o que ele disse. Ele disse que eu era um pilantra. Disse que estava sendo um cara legal por não me mandar pra cadeia. Um cara legal. Ha ha ha! — Ele cuspiu no chão, quase acertando o tênis de Brendan.

— Tudo bem. Eu cometi alguns erros. Foi só isso. Apenas erros. As pessoas erram, não? *Não?* — A voz dele se elevou, ainda ofegante. Ele estava a ponto de perder a cabeça.

— Calma, cara — o parceiro falou baixinho. — Você já disse o bastante. Vamos amarrá-los.

Mas Olhos Azuis não tinha terminado.

— Cometi alguns erros. Isso não era motivo para arruinar minha vida. Acabar com a minha reputação e com a minha família. Arruinar tudo pelo qual trabalhei tão duro pra construir.

Sem aviso, ele deu uma coronhada no tórax de Brendan de novo.

Brendan se curvou e gemeu de dor.

— Por favor... — Ele estava sem ar. — Minha costela. Acho que você quebrou minha costela.

— Vou fazer pior que isso — gritou o homem mascarado. — Vou arrancar sua cabeça se o seu pai não entregar meu dinheiro. Vou arrancar seu *coração*, seu vagabundo!

— Calma, cara — o parceiro repetiu. — Não vai perder a cabeça agora. Eu sei como você se sente, mas... temos um bom tempo de espera aqui.

— Seu pai vai pagar caro pra tirá-lo desta ilha. Vamos ficar com você aqui, até que ele dê um milhão. — Ele se virou para mim. — Pena que você se envolveu, Rachel — disse ele.

— Ei! — exclamei. — Como você sabe meu nome?

*Ele é tão familiar, tenho certeza de que o conheço. Só que... estou em pânico. Estou tão amedrontada que meu cérebro não está funcionando.*

— Que pena pra você, Rachel — ele repetiu. — Mas ter você aqui só vai fazer com que Oliver Fear queira pagar mais depressa. — Ele mexeu o rifle. — Sabe, pra evitar uma tragédia. — Ele chegou o rosto perto do meu. Senti cheiro de café em seu hálito. — Não queremos nenhuma tragédia, não é?

— N-não — gaguejei, apertando a mão de Brendan. Uma onda de pânico varreu meu corpo inteiro.

— Vamos amarrá-los àquelas cadeiras — disse Olhos Azuis, gesticulando para algumas espreguiçadeiras junto à parede. — Então, vamos só sentar e esperar o dinheiro.

Brendan estreitou os olhos para o homem mascarado.

— Você já disse ao meu pai que está nos mantendo aqui?

— Isso não é da sua conta, garoto. Quer fazer mais uma pergunta e ver a facilidade com que quebro mais algumas costelas?

Brendan baixou a cabeça e não respondeu.

O gorducho recostou a arma na parede e sumiu no corredor. Brendan e eu ficamos em silêncio, evitando nos olhar. Eu me peguei pensando em minha irmã Beth. Não sei por que ela surgiu na minha cabeça. Pensei no quanto ela era a assustada e eu era a corajosa. Agora não me sentia tão corajosa assim.

Ergui os olhos para o rifle na mão do homem e fiquei imaginando se voltaria a ver Beth. O atirador retornou com dois pedaços de corda no braço.

Uma pontada de medo percorreu meu corpo. *O que ele pretende fazer com a corda?*

Cutuquei Brendan no ombro e apontei o Olhos Azuis.

— Ele não parece familiar? — sussurrei.

Brendan me lançou um olhar interrogativo. Ele sacudiu a cabeça em negativa.

— Sentem-se nestas cadeiras e coloquem as mãos pra trás — ordenou o gorducho. Ele largou uma das cordas no chão e começou a desenrolar a outra.

Minhas pernas tremiam tanto que eu quase errei a cadeira. Soltei o peso e me esforcei para manter o equilíbrio. Meu coração estrondava no peito. Eu nunca tinha desmaiado na vida, mas achei que agora isso talvez fosse acontecer.

Brendan estava em pé, junto à cadeira ao meu lado. O atirador gesticulou para que ele sentasse.

— Mãos pra trás — ele rugiu para mim.

Enlacei as mãos atrás de mim. Mesmo segurando-as firme assim, eu não conseguia fazer com que parassem de tremer.

O homem se curvou atrás de mim e começou a amarrar a corda grossa em volta dos meus punhos. A corda parecia áspera e ele a apertou bem. Então, subitamente, ele parou.

Ouvi um grito e ergui os olhos para a porta aberta da sala.

Alguém entrou correndo, a toda velocidade.

Meus olhos levaram alguns segundos para focar na pessoa. Então, soltei um berro:

— Mac! Não! Saia daqui! Mac... não entre! Saia! Vá buscar ajuda!



## capítulo 31

# O rifle dispara

Mac não parou. Seus olhos estavam arregalados e sua expressão era de raiva. Ele atravessou a sala correndo, sacudindo os punhos.

— Não, Mac! Saia! — Não consegui me conter. O que ele achava que estava fazendo? Por que não me ouvia? Será que não sabia que estava se arriscando?

O gorducho largou a corda e se afastou da minha cadeira. Ele colocou as mãos na cintura, pronto para confrontar Mac.

Eu soltei minhas mãos e a corda caiu no chão, atrás de mim.

Mac voou nos dois mascarados, ofegante, com o rosto vermelho-vivo.

— Desistam! — ele gritou, com a voz rouca. — Vocês têm que desistir.

Os dois homens estreitaram os olhos para Mac, por trás de suas máscaras. O alto trocou o rifle de mão.

— O que você acha que está fazendo? — ele rugiu.

A respiração de Mac falhava.

— Estou te impedindo de continuar com isso porque esse troço todo é loucura. Você tem que desistir.

Brendan e eu trocamos olhares. Será que o Mac tinha perdido totalmente a cabeça? O que o fazia pensar que poderia deter esses bandidos tão violentos?

— Saia daqui. Eu estou avisando — disse Olhos Azuis.

— Eu não vou sair. Você não pode fazer isso. — O peito dele arfava, mas ele parecia mais zangado do que assustado.

— Vá embora — avisou o gorducho. — Vá embora antes que eu perca a cabeça.

— É só dar meia-volta e sair — completou o parceiro.

— Estou falando sério — Mac respondeu. — Não vou embora até que vocês desistam disso.

Então Mac, furioso, investiu contra o mascarado alto e agarrou seu rifle de caça usando as duas mãos para dar um puxão. Mas o homem não soltou a arma.

— Mac... não! — gritei. Brendan e eu pulamos das espreguiçadeiras e fomos para cima deles. — Não!

Impotentes, ficamos observando enquanto Mac e o cara de olhos azuis brigavam pelo rifle. O homem torcia e girava a arma, fazendo força para soltá-la das mãos de Mac, que teimava em segurar. Gemendo e rugindo, ele a puxou, depois deu um puxão mais forte, tentando desequilibrar o homem.

— Nãããã! — um grito agudo explodiu em minha garganta quando o rifle disparou.

O som ecoou nas quatro paredes.

Como em câmera lenta, Mac deu um longo suspiro e caiu de joelhos, com os olhos fechados. Ele se curvou todo, parecendo segurar a barriga. Então, tombou com um último gemido e não se mexeu.

— Ah, não! — O atirador alto cambaleou para trás, olhando, horrorizado, o corpo inerte no chão. O rifle caiu de suas mãos.

— Você atirou nele! — gritei tão alto que minha garganta doeu. — Você atirou no Mac. Seu assassino! Você o *matou*!

## capítulo 32

# Uma má ideia

Cobri meu rosto com as mãos e fiquei olhando Mac, imóvel, encolhido no chão. Brendan agarrou meu braço. Ele estava com a boca aberta, mas não fazia som algum.

Os dois mascarados se abaixaram ao lado de Mac. Debruçaram-se sobre ele, examinando e murmurando entre si.

Brendan apertou meu braço, gesticulando com a cabeça na direção da porta.

Eu estava tão em pânico que levei alguns segundos para entender o que ele queria dizer. Essa era nossa chance de fugir.

Os dois homens estavam juntos, sobre Mac.

Brendan e eu nos levantamos. Dei um salto à frente, agarrei o rifle do chão e saí correndo. Brendan já estava na metade do caminho da porta.

Meu coração estava disparado e minhas pernas estavam trêmulas e fracas, mas eu me forcei a correr rumo ao corredor pouco iluminado. Fui atrás de Brendan. Nossos sapatos martelavam o carpete gasto.

Dei uma olhada para trás quando viramos num corredor. Os atiradores ainda não estavam vindo atrás da gente, mas eu sabia que viriam.

Continuei pensando em Mac encolhido no chão, não conseguia tirar a imagem da cabeça.

Por que ele tinha feito algo tão louco? Por que achara que poderia impedi-los e fazê-los desistir? Eu não conseguia pensar numa resposta.

Meu cérebro girava enquanto Brendan e eu disparávamos.

— Brendan, espera. — Segurei seu ombro. Meu corpo inteiro estava tremendo, eu estava tomada de pânico. — Se corrermos pra dentro da floresta, eles vão nos encontrar. Vão ficar procurando até nos achar. Onde podemos nos esconder? Onde?

— No elevador — disse Brendan, gesticulando com a cabeça. — É por ali. Eles vão achar que vamos correr lá pra fora. Em vez disso, vamos nos esconder lá em cima e esperar que chegue ajuda.

Será que era má ideia? Será que estávamos cometendo um grande erro?

O pânico não me deixava pensar direito. Nossos pés martelavam o chão conforme corríamos pelo corredor comprido e mal iluminado. A todo momento eu olhava para trás. Nem sinal dos mascarados. Ainda.

Brendan apertou o botão na parede, o elevador se abriu vagarosamente e nós entramos.

Escutei um grito, no fim do corredor. Um grito de homem.

Será que eles tinham nos visto?

O elevador se deslocava bem devagar, rangendo à medida que subia.

*Mais depressa. Por favor, vá mais depressa,* eu pedia, com os punhos fechados.

O pequeno elevador balançou, deu um tranco forte e fez com que Brendan e eu trombássemos um no outro. Por um segundo, achei que ele tivesse parado. Mas ele continuou sua subida vagarosa e barulhenta.

Brendan e eu não falávamos. A porta se abriu no terceiro andar, e eu o segui pelo corredor comprido.

— Muitos quartos pra se esconder — Brendan sussurrou. Ele pousou a mão nas minhas costas, para me guiar. — Aquele quarto cheio de caixas de papelão. Eles não verão a gente ali.

— Espera. — Virei de volta para o elevador, que já estava descendo para o primeiro andar. — Se eles nos viram...

Brendan manteve a mão nas minhas costas. Nós dois ficamos observando a porta do elevador, atentos a qualquer som.

Ali em cima, o ar estava quente e seco, e, subitamente, me senti sufocada.

Ouvimos o ruído da descida do elevador.

Será que os homens armados estavam lá embaixo? Esperando o elevador? Esperando para subir e nos pegar?

Fechei os olhos. *Por favor... por favor... faça com que eles saiam da casa. Deixe que pensem que nós corremos pra nos esconder na floresta.*

Ouvi uma batida forte quando o elevador chegou ao primeiro andar. Brendan e eu nos aproximamos. Prendendo a respiração, pressionei o ouvido na porta do elevador e fiquei ouvindo atentamente.

Lá embaixo, havia o barulho da porta abrindo. Olhei para Brendan, que estava paralisado, com o maxilar contraído e os braços tensos.

Prendemos a respiração e aguardamos.

Ouvi a porta do elevador fechando.

Silêncio.

Silêncio.

Então, reconhecemos o barulho do motor começando a subir.

— Está... está subindo — gaguejei. — Eles nos viram. Estão vindo. Estamos encurralados.

## capítulo 33

# Floresta adentro

Brendan apertava meu braço e olhava para todos os lados. Dava para ver que ele estava pensando.

— Não estamos encurralados — ele sussurrou. — Corre.

Eu o segui até uma sala escura, algumas portas adiante no corredor. Vi uma meia-lua do lado de fora da janela, na parede dos fundos. O céu estava escuro. Um galho de árvore batia no vidro.

— Não estamos encurralados — repetiu Brendan. Ele segurou a moldura da janela com as duas mãos e empurrou pra cima, até o alto. — Olha. — Ele gesticulou pra mim.

Um galho grosso se estendia embaixo da janela, quase como um beiral.

— Costumávamos usar este galho pra descer até o térreo — explicou Brendan. — Só pra aterrorizar meus pais. — Ele ergueu uma das pernas e passou para o lado de fora da janela, sobre o galho. — Vem. É fácil.

Ele desceu no galho.

— Cuidado. A árvore está escorregadia por causa da chuva.

Lá fora, no corredor, ouvi a porta do elevador abrindo e os passos pesados dos homens. Vozes murmuradas.

Respirei fundo e coloquei o rifle do outro lado da janela, depois fui para o lado de fora.

— Opa! — meus sapatos deslizaram no galho escorregadio e liso. Eu me ajoelhei, depois enlacei o galho com as pernas. Inclinei-me à frente e deixei as mãos escorregarem pelo tronco liso, seguindo Brendan, deslizando.

O galho grosso envergou com o nosso peso. Ouvi um som de estalo. Gritei e minhas mãos escorregaram do galho molhado.

— Nããããã! —

Eu me desequilibrei e acabei caindo. Minhas mãos tentavam agarrar alguma coisa e só achavam o ar enquanto agarrava o galho com as pernas.

Pendurada de cabeça para baixo, tentei erguer o corpo para pegar o galho e voltar para cima, mas não conseguia alcançar. Minhas pernas latejavam e eu sentia os músculos cedendo. Não sabia por quanto tempo mais eu iria aguentar.

— Brendan... — arfei.

Ele se esticou em minha direção e agarrou meus braços. Com um grunhido, ele me puxou de volta para cima. Ofegando, envolvi o galho da árvore com meus braços.

— Não dá tempo de descansar. — Brendan olhava acima, para a casa. — Segura firme e me segue.

O galho nos aguentou até chegarmos ao tronco. Eu ficava olhando para cima, esperando que os homens mascarados pusessem a cabeça para fora da janela. Mas nem sinal deles.

Pareceu levar horas até chegarmos ao tronco largo e liso. Ainda bem que ele fazia um ângulo inclinado, facilitando a descida. Passei os braços em volta e escorreguei com cuidado. Alguns segundos depois eu estava em pé na grama ao lado de Brendan, limpando as mãos nas laterais do meu jeans.

A meia-lua pálida ainda estava baixa no céu noturno. Nuvens cinzentas serpenteavam sobre ela, fazendo a luz oscilar.

— Fácil, hein? — Brendan sorriu. Ele apontou para a casa. — Eles devem estar vasculhando os quartos do terceiro andar, procurando a gente. Venha. Vamos nessa.

Peguei o rifle. Então, corremos lado a lado, atravessando o capim alto e molhado de chuva em direção às árvores. Só paramos quando estávamos bem escondidos na sombra profunda da floresta.

Brendan se inclinou, com as mãos nos joelhos, e se esforçou para desacelerar a respiração. O rifle estava comigo e a arma era bem mais pesada do que eu imaginava. Eu o empurrei para os braços de Brendan.

— Toma. Você segura. — Eu ofegava. — Nunca segurei uma arma na vida.

Brendan assentiu, passando a mão no cabo do rifle.

— Meu pai me leva pra caçar veados às vezes. — Ele sacudiu a cabeça. — Tenho uma pontaria horrível, mas... — A voz dele foi sumindo.

Corujas arrulhavam acima. Os galhos da árvore sacudiram com o sopro do vento frio de outubro.

— Pra onde vamos? — perguntei, dando uma olhada tensa para as sombras profundas.

— Até o ancoradouro — respondeu Brendan. — Pelo caminho mais comprido, pela floresta. Pra que eles não consigam nos pegar.

Concordei. Fiquei atenta a qualquer sinal dos dois homens. Não ouvia nada. No alto, as corujas pareciam conversar, arrulhando umas para as outras.

— Os dois mascarados só podem ter vindo de barco — comentou Brendan. — Se eles o ancoraram no cais, nós podemos levá-lo até a cidade.

— O Mac disse que tinha uma canoa... quando eu o vi no corredor. Antes... antes...

— Talvez possamos achá-la. Será grande o suficiente pra fugirmos nela.

A palavra *fugir* ecoou em meus ouvidos.

O terror daquela noite deveria ser um jogo, e Brendan tinha planejado tudo, mas acabara se tornando real e horrendo. Mortal. Mac estava deitado morto no chão. E Brendan e eu éramos testemunhas.

Os atiradores viriam atrás da gente, surgiriam do nada, eu sabia. O sequestro tinha se transformado em assassinato. Eles simplesmente não poderiam nos deixar viver. Tinham de nos calar.

— Vai ficar tudo bem — Brendan sussurrou. — Prometo. — Ele passou os braços em volta de mim e o rifle bateu nas minhas costas. Ele me puxou para mais perto, e pressionei o rosto contra o seu.

— Eu... nunca fiquei com tanto medo — confessei.

Ele me abraçou mais forte.

— Fique perto de mim, Rachel. Conheço esta floresta melhor do que ninguém. Passei minha infância inteira brincando aqui. Eles nunca chegarão à margem mais rápido do que a gente.

Nós dois demos um pulo quando ouvimos as vozes.

Vozes de homens acompanhadas pelo ruído de pés amassando a folhagem do solo.

— Nós temos mesmo que matá-los? — disse um deles.

Congelei.

Não ouvi a resposta murmurada.

Os olhos de Brendan se arregalaram. Ele também tinha ouvido e levou um dedo aos lábios. Depois

apontou para uma fileira de arbustos densos, para um caminho estreito que cortava por entre eles. Ele gesticulou para que eu o seguisse.

Nós dois avançamos, de cabeça baixa. Tentamos correr em silêncio. Mas era impossível com aquele tapete grosso de folhas e gravetos estalando.

Sinalizei para que Brendan esperasse.

— Talvez a gente deva parar e se esconder, e deixá-los passar — cochichei.

Ele sacudiu a cabeça.

— Nossa única esperança é chegar ao cais. — Ele acenou à sua frente com o rifle e começamos a correr de novo.

O caminho era sinuoso e quase impossível de enxergar no breu total. De vez em quando um feixe prateado de luar iluminava nosso caminho.

Eu podia ouvir os homens atrás de nós, mesmo com o som alto da minha respiração ofegante. Eles murmuravam entre si, os passos eram rápidos. E estavam mais próximos.

Um galho baixo arranhou meu rosto. Prendi o ar e me forcei a não chorar. Meu rosto estava cortado. Eu podia sentir um filete de sangue quente escorrendo em minha pele.

Brendan pegou meu braço e me guiou por um caminho estreito de terra. Passando por cima de plantas e galhos caídos, nós adentramos cegamente na mata. Brendan sinalizou com o rifle e nos viramos de novo. E eu pisei numa poça funda de água lamacenta.

Perdi o fôlego quando senti uma pontada de dor na costela. Apertei o local com força. A dor aguda dificultava a respiração. Parei de correr e me curvei. Esperei... esperei que a dor diminuísse.

Finalmente, comecei a me sentir melhor e ergui o corpo. Havia dois troncos grossos de árvore à minha frente. Dois troncos negros, contrastando com o céu roxo-escuro. Eu quase não conseguia enxergar porque as árvores estavam bloqueando meu caminho. Algo passou pelo meu pé e fugiu pelas folhas mortas.

Olhei em volta, forçando os olhos a se focarem.

— Brendan? Ei... Brendan? — chamei, num sussurro rouco.

Nada de resposta.

Estreitei os olhos na escuridão. Eu não conseguia vê-lo.

— Brendan? Onde está você?

Fiquei atenta ao possível som de passos, mas eu só ouvia os estalos dos galhos das árvores acima da minha cabeça e a minha respiração ofegante.

— Brendan? Ei... Brendan?

Por que ele não respondia?

## capítulo 34

# Perdida e sozinha

Gelei e prendi a respiração. Esperei por qualquer som, qualquer sinal dele. Um pássaro noturno chiou bem alto numa árvore atrás de mim. Parecia uma gargalhada; uma gargalhada humana.

Olhei ao redor, mas não tinha ninguém ali.

Um calafrio me percorreu. Cruzei os braços, tentando enxergar além dos troncos grossos das duas árvores à minha frente. Procurei afastar meu pânico para decidir para que lado seguir. Se ao menos tivesse continuado no caminho, eu poderia ter seguido para um lado ou para o outro. Talvez tivesse saído no cais e encontrado a canoa de Mac. Talvez pudesse ter remado de volta até Shadyside para procurar ajuda.

Mas as árvores altas me circundavam como se quisessem me manter presa numa cela. Eu não conseguia mais ver a lua no céu, então, não podia nem começar a imaginar para que direção eu estava voltada.

O canto estranho do pássaro soou novamente, me assustando. Um riso cantado bem acima de mim. Respirei fundo, tremendo, e comecei a caminhar.

*Se eu conseguir continuar numa reta, vou sair na casa ou na água.*

Não cheguei longe. Tropecei numa pedra e caí numa moita de vinhas espinhosas. Parecia que estavam se prendendo em torno do meu tornozelo, com os espinhos cravando minha pele. Tentei arrancá-los com cuidado, mas arranhavam minhas mãos.

Quando finalmente me soltei, me levantei com os dedos latejando de dor. Ouvi vozes adiante. Não conseguia ver ninguém, mesmo estreitando os olhos, mas pude ouvir um grito rouco e depois um grito agudo.

Os tiros me fizeram perder o fôlego e cair de joelhos. Senti a terra fria e molhada penetrar meu jeans. Os estalos agudos ecoaram pela floresta; primeiro, à minha frente, depois atrás, por entre as árvores.

Quando o som parou, fiquei de joelhos. Passei os braços em volta do corpo e esperei, com medo de respirar. Meu primeiro pensamento foi: *Será que eles mataram o Brendan?* E depois: *Será que virão à minha caça? Será que realmente vou morrer nesta floresta? Perseguida e morta como um animal?*

Eu me obriguei a ficar em silêncio, pois sabia que eles estavam por perto. Talvez somente a alguns metros de distância.

*Eles mataram o Brendan. Eles mataram o Brendan.*

*Por favor... por favor, tomara que não seja verdade.*

Escutei o ruído de passos à minha esquerda; o som de um galho se quebrando, sob um sapato. Respirei fundo e prendi o ar, quase sufocando com a garganta apertada.

Foi quando ouvi uma voz de homem. E a reconheci: era a voz do atirador alto.

— Pegamos o garoto — disse ele. — Agora, vamos pegar a garota.



## capítulo 35

# O buraco da morte

As árvores negras pareciam girar à minha volta como um carrossel veloz. O terreno parecia subir e descer com o movimento imaginário da floresta. Subitamente tonta, fechei os olhos e tentei pensar.

*Eles mataram o Brendan. Estão esquecendo os planos de sequestro. Eles mataram o Mac. Agora, só querem matar a gente, as únicas testemunhas.*

Uma imagem do meu pai e do meu tio, com suas roupas de caça, surgiu em minha mente. Eu os vi limpando seus rifles, se preparando para sair no dia de caça a veados que sempre aproveitavam juntos, uma vez por ano.

Atrás de suas presas.

Agora, a presa era *eu*. Esses dois homens mascarados com seus rifles de caça em punho e sapatos que esmagavam as folhas estavam tão perto que eu podia ouvir cada estalo. Pelo menos, em meu estado de terror, tão tensa e alerta, eu *achava* que ouvia cada folha estalar.

Tão perto. Perto o suficiente para esticar o braço e tocar?

Por algum motivo, minha amiga Amy surgiu em meus pensamentos de pânico. *Amy, por que não ouvi você? Você me implorou pra não vir a esta festa. Você me alertou pra não me envolver com Brendan e a família Fear.*

Por que não dei ouvidos a ela?

Por causa da minha queda pelo Brendan?

Eu não ouvi a Amy. E não ouvi o Mac.

E agora... agora... lá estava eu... mais amedrontada do que nunca. Temendo pela minha vida.

Abri os olhos. As árvores tinham parado de girar à minha volta e o solo estava fixo sob meus joelhos. Lenta e silenciosamente, levantei.

Ouvi os homens xingando baixinho. Eu não ouvia a voz de Brendan. Os passos eram velozes e ruidosos. Eles seguiam na direção oposta, se distanciando de mim.

*Sim.*

Esperei. Olhando na direção deles, eu me levantei tremendo e esperei. Esperei até não conseguir mais ouvi-los. Então fiquei ali mais alguns minutos. Só por garantia.

E quando estava certa de que eles não estavam armando algum truque, quando soube que não estavam esperando, armando uma cilada, arranquei na outra direção. Obriguei minhas pernas a correr, chutando as folhas e os galhos e os arbustos do caminho, e usando os braços para abrir caminho por entre as moitas e a folhagem alta.

Eu não sabia onde ia sair, só queria correr para o mais longe possível daqueles dois homens armados. Eu não tinha um plano; não conseguia pensar direito. Eu estava correndo dentro de um pesadelo, um pesadelo de sombras negras. E tudo o que me vinha à mente era o Mac encolhido no chão daquele quarto... o corpo de Brendan esparramado, rijo, no chão. O corpo de Brendan, e meu pai e meu tio, com suas jaquetas de caça e botas de cano alto L.L. Bean apontando seus rifles, e os veados

correndo... a toda velocidade por entre as árvores... os veados correndo tão amedrontados... amedrontados como eu.

Então... mais terror: o chão cedeu. Simplesmente sumiu. Eu caí num buraco, minhas mãos voando acima da minha cabeça, meus pés chutando loucamente.

Paredes negras se ergueram por todos os lados e eu caí rapidamente, com força. Aterrissei de pé, mas minhas pernas desmoronaram e me encolhi no fundo. Eu esperava terra ou lama. Mas algo duro se partiu e cedeu sob mim.

Foi difícil respirar. Olhei para o céu e vi um retângulo de luz cinza lá no alto, sobre mim. Um buraco. Um buraco fundo, com as paredes de terra altas, muito acima da minha cabeça.

Meus joelhos latejavam de dor pela queda e uma onda de pânico percorreu meu corpo. Será que tinha quebrado as pernas? Será que eu conseguia ficar de pé?

Lentamente, eu me ergui. Não. Não. Meus joelhos pulsavam de dor.

*Não posso andar. Nunca vou sair daqui.*

Respirei fundo e tentei ficar ereta. Flexionei os joelhos até que a dor começasse a passar. Joguei meu peso sobre uma das pernas, depois sobre a outra. Tudo doía e eu tinha alguns arranhões, mas parecia estar bem.

Meu sapato chutou alguma coisa dura no chão do buraco. Será que eu tinha caído em cima de pedras?

Eu me abaixei para ver mais de perto. Peguei a pedra de formato estranho que eu tinha acabado de chutar.

Ergui até meu rosto para enxergá-la na escuridão. Não. Ah, não. Eu não estava segurando uma pedra. Eu segurava... um crânio humano.

Eu o arremessei no chão. Ele bateu em algo duro e rolou até a parede. Eu me abaixei. O luar fraco subitamente lançou uma luz esverdeada sobre o buraco e os ossos ficaram claros. Ossos longos. Ossos curtos. Um conjunto de costelas. Não. Dois. Outro crânio sorrindo para mim, com os buracos negros dos olhos e todos os dentes.

Ossos. Um monte de crânios e ossos.

Eu estava em pé em algum tipo de cova humana.

Tentei me conter... mas, como poderia?

Abri a boca e soltei um grito rouco de terror.

# capítulo 36

## Sem saída

O grito terminou num gemido trêmulo. O feixe pálido de luar fazia com que os ossos reluzissem num tom amarelo-esverdeado. Tentei desviar dos crânios inclinados sorrindo pra mim, como se me dessem as boas-vindas, sorrindo ao ver uma vítima do buraco, uma nova residente. *Junte-se a nós... junte-se a nós, para sempre...*

— Aaaai — gemi, à medida que o cheiro pútrido subia para o meu nariz. Comecei a sentir náuseas. O cheiro era forte e azedo e... e... prendi a respiração e fiquei esperando que meu estômago parasse de revirar.

Quem eram aquelas pobres pessoas que tinham acabado juntas, no fundo daquele buraco, numa pilha de ossos fedorentos? Seriam os empregados da família Fear que tinham sido mortos na bizarra festa de caça? Será que aquela história podia ser verdade? Será que alguém poderia ser tão cruel a ponto de matar seus empregados por esporte e jogar seus corpos num buraco na floresta?

Eu tremia de pavor e tentava não pensar nas pessoas em cujos restos eu pisava. Tentei manter o foco no pequeno retângulo de luar acima de mim.

*Brendan. Onde está você, Brendan? Você está bem?*

Brendan era um Fear. Ele sabia daquela cova? Sabia que as histórias terríveis sobre seus antepassados eram *verdade*?

Eu não queria pensar naquilo. Só queria saber se Brendan estava seguro e vivo. Só queria que ele estivesse vivo.

Eu tinha ouvido os tiros de rifle e as palavras dos atiradores: “Nós pegamos o garoto. Agora, vamos pegar a garota”.

Recostei-me na parede do buraco e tentei escutar algo. Será que os dois atiradores tinham ouvido meu grito quando descobri os ossos? Eu só ouvia o barulho do vento acima de mim. Até agora, eles não tinham me encontrado. Mas só podiam estar por perto.

Dei alguns passos. Os ossos estalavam sob meus sapatos. Um crânio rolou em direção à parede de terra do buraco. O luar se apagou por alguns segundos, depois voltou.

Eu sabia que tinha de encontrar um meio de sair dali. As paredes eram altas, quase um metro acima da minha cabeça.

Cravei as mãos na terra macia. Será que eu conseguiria escalar a lateral?

Do nada, a parede de escalada no shopping de Shadyside me veio à cabeça. A Beth era a tímida da família, menos quando se tratava daquela parede de escalada. Ela adorava. Era tão forte e tinha tanta firmeza que eu nunca conseguia acompanhá-la.

Mas será que eu conseguiria? Será que poderia fingir que estava na parede de escalada e me impulsionar para cima?

Eu tinha de tentar.

Dei uma olhada para a terra macia.

Sem chance. Sem chance. Sem chance de aquela lama mole aguentar o meu peso. A lama ia despencar e eu ia escorregar de volta para o chão de ossos.

Ossos.

Sim. Ossos.

De repente, entendi que não tinha escolha. Só havia um meio de sair daquele buraco nojento e fedorento.

Eu me inclinei à frente, peguei um osso de perna e coloquei junto à parede de terra. Peguei mais três ou quatro ossos nos braços e os empilhei em cima do primeiro

Os ossos estavam rachados e cobertos de lama. Muitos dos crânios estavam cheios de insetos, de pequenos vermes brancos que entravam e saíam dos buracos do nariz.

Meu estômago começou a revirar de novo. Tentei prender a respiração para evitar que o cheiro me enjoasse, mas eu *tinha que* respirar. Sabia que o cheiro ia ficar comigo, impregnado em minha roupa e na minha pele.

Tentei não pensar naquilo. Eu tinha uma missão. Um plano. Um plano de empilhar os ossos junto à lateral do buraco e usá-los para subir e fugir.

Ergui duas caixas torácicas e empurrei para cima da pilha. Joguei um crânio de lado e peguei mais alguns ossos de perna. Eu precisava empilhá-los numa altura de cerca de um metro. Isso seria o suficiente para que eu subisse e alcançasse a borda do buraco. Chegando lá, eu tinha certeza de que conseguiria me erguer para sair.

Decidi que minha pilha de ossos estava alta o suficiente. Subi nos ossos no pé da pilha, estendi os braços, segurei os ossos que estavam acima dos meus ombros com as duas mãos... me inclinei à frente e tomei impulso para cima.

— Ei! Nããão! — Os ossos fizeram um som forte ao deslizarem sob meus pés. Caí de novo aterrissando de cara no chão, no meio de dois crânios. Fiquei ali deitada, esparramada de bruços por alguns segundos, ofegante. Ossos pontiagudos estavam espetando minha barriga.

*Você consegue, Rachel.*

*Se aqueles homens me encontrarem aqui embaixo... eles vão me matar e me deixar neste buraco.*

*Meu esqueleto se juntará aos outros.*

Essa perspectiva roubou todo o ar dos meus pulmões.

Forcei a respiração e comecei a empurrar os ossos contra a parede. Eu os juntei e os empilhei de novo. Trabalhando fervorosamente, enfiei os ossos das costelas por cima dos ossos da perna, prendendo bem, tentando fazer uma escada de ossos mais resistente.

Depois de organizar os ossos em uma pilha de quase um metro, comecei a escavar a terra com as duas mãos, espalhando lama por cima dos ossos como cimento. Eu dava umas batidinhas na lama para prender bem os ossos e escavava mais terra, torcendo para que aquilo pudesse segurar a pilha embaixo de mim.

Então, respirei fundo, um pouco trêmula, e novamente comecei a escalada repulsiva.

*Você consegue, Rachel.*

Insetos pretos e gordos passavam sobre minhas mãos. Eu os afastava enquanto subia, cravando os sapatos nos ossos abaixo de mim.

Os ossos tremiam sob o meu peso e ouvi alguns estalos. A escada de ossos começou a se desmanchar. Com a cabeça pressionada contra a parede de terra, estendi a mão e agarrei a borda do buraco. Minhas mãos escorregavam e comecei a cair.

Cravei os dedos na terra.

— Isso! — Dei um impulso para cima, com as pernas pedalando loucamente contra a parede do buraco. Fui me erguendo... empurrando... e me lançando, como um animal feroz saindo do buraco asqueroso rumo à terra firme.

Fiquei atracada ao chão, com a respiração tão irregular que achei que meu peito fosse explodir. Eu sabia que não podia ficar ali, sabia que não tinha muito tempo. Os sequestradores deviam estar por perto.

Fiz força para ficar de joelhos, tirando os insetos pretos gordos dos meus braços e da minha roupa. Então, me levantei com as pernas trêmulas, cheia de nacos de lama colados nos sapatos.

Tudo em silêncio. Até o vento tinha parado. Onde estava Brendan? Onde estavam os dois atiradores que me caçavam?

Eu tinha perdido o senso de direção, e a lua havia sumido novamente por trás das nuvens. Não conseguia identificar que lado levava até a casa e qual levava à água. Mas, mesmo com a cabeça girando e a garganta doendo, comecei a andar.

Fui me afastando do buraco, ansiosa para deixá-lo para trás. Adentrei a floresta esbarrando nas folhagens conforme passava. Minhas pernas pareciam trêmulas demais para correr, mas eu mantinha um ritmo constante. Caminhei até encontrar uma trilha de terra que serpenteava por entre as árvores altas e negras, diante do céu ainda mais negro.

Eu andava com todos os sentidos em alerta, procurando os sons dos meus perseguidores, meus olhos vasculhando a escuridão em busca de mais movimento. Meus sapatos esmagavam a terra. Apesar do ar frio, eu limpava o suor da testa com as costas da mão.

Meu coração começou a disparar quando uma larga extensão cinzenta se abriu à minha frente, pois percebi que eu tinha chegado ao fim das árvores. Estreitando os olhos, pude ver um pedaço de mato alto que balançava de um lado para o outro sob o vento.

As rajadas de vento foram ficando mais fortes. O ar subitamente parecia pesado e úmido.

Eu me afastei da floresta fechada e adentrei um gramado vasto. Quase chorei de alegria quando vi a água. Sim. O lago. Ondas pequenas e arroxeadas batiam na margem, com um som suave e tranquilizante.

O lago. Eu tinha chegado ao lago. A canoa de Mac e o barco em que os atiradores chegaram tinham de estar no cais.

*Eu posso fugir. Posso voltar à cidade e conseguir ajuda para o Brendan... e para o resto do pessoal.*

Protegi meus olhos com uma das mãos para tentar enxergar a margem abaixo e avistei o ancoradouro se projetando no lago. Sim, eu tinha chegado ao cais que se estendia sobre a água como um inseto escuro e gigante. O vento frio queimava meu rosto, e estreitei os olhos para observar o cenário.

Então, soltei um gemido.

Sem canoa.

Sem barco.

Sem saída.

## capítulo 37

# Molhada

Fiquei olhando para o ancoradouro, como se fosse fazer um barco surgir. O capim alto, ao meu redor, balançava com o sopro constante do vento. O único som era a batida suave das ondas escuras contra as estacas do cais.

Achei que tinha ouvido algo, então preendi a respiração e me afastei para longe da água. Estreitei os olhos para as árvores. Não. Não tinha ninguém ali.

*Você está sozinha aqui, Rachel. O que vai fazer agora?*

Uma estranha sensação de calma recaiu sobre mim. Percebi que havia um limite para sentir medo e pânico. Assim, soltei um longo suspiro, me sentindo anestesiada pela exaustão.

Voltei a respirar normalmente. Enfiei as mãos nos bolsos, parei de tremer e me virei de volta para o cais.

Então, era isto: eu não poderia fugir de barco da ilha. Um novo plano certamente seria necessário.

*O que você vai fazer, Rachel?*

Meu cérebro estava girando, quase dava para ouvir as engrenagens trabalhando. Eu sabia que não tinha muitas escolhas.

Eu poderia esperar perto do ancoradouro, para o caso de o barco dos empregados realmente voltar, como Brendan disse que seria.

Aí eu poderia voltar para casa, e talvez pudesse libertar o pessoal do porão. Então, nós estaríamos em número maior que os atiradores e...

Não. Aquilo era uma estupidez. E era perigoso.

Que outras opções eu tinha? Eu poderia me esconder na floresta...

A calma estranha que eu sentia começou a se dissipar. Pensei em Brendan. Será que estava morto? Será que realmente pretendiam me matar?

O barulho de passos no mato surgiu tão depressa que eu nem tive tempo de pensar.

Eles estavam vindo e não havia onde se esconder. O capim alto não me esconderia. Não tinha como alcançar as sombras do cais.

Os passos apressados foram ficando mais ruidosos.

Eu tinha de me esconder... ou estaria morta.

Avancei e entrei na água. Eu estava olhando para as vigas de madeira que sustentavam o ancoradouro. Se eu conseguisse entrar atrás delas...

Que frio! Nossa, frio demais. O choque da temperatura da água dificultava a locomoção.

*Não vou conseguir fazer isso. Meus dentes já estão batendo.*

Meus sapatos pareciam muito pesados no fundo arenoso do lago. Inclinei o corpo, encarando o frio, e me forcei a me mexer. Em segundos, a água congelada estava batendo nos meus joelhos. Meu corpo inteiro tremia.

— Ai. Ai. Ai. — A água gélida me fez gemer alto.

Cheguei às estacas e passei os braços em volta de uma das toras altas. Fui para atrás dela.

As ondas baixas batiam, levando água até meus ombros. Eu me segurei na tora e pressionei meu corpo contra ela.

*Aqui eu fico fora de vista. Mas vou morrer congelada em um ou dois minutos. Ou me afogar.*

Prendi a respiração, tentando fazer meu corpo parar de tremer. A água enchia meus sapatos, encharcava minha roupa e me mantinha ali. Uma onda alta trouxe a água até meu queixo.

Eu engoli um pouco de água. Densa e gélida.

Comecei a tossir, então me agarrei à tora molhada e escorregadia. Engasguei tentando respirar, depois cuspi a água e fechei os olhos para a próxima onda.

Será que os dois homens estavam na margem? Será que tinham me visto ali?

Eu não conseguia ouvir nada além do barulho das ondas batendo nas estacas.

Segurando firme no toco de madeira, me virei para dar uma espiada na margem.

A água escorria em meus olhos, e tentei piscar para ver melhor.

*Eu vou morrer aqui. Vou morrer congelada.*

— Rachel... — uma voz rouca chamou.

*Hã?*

*Eles me acharam. Eles me pegaram.*

Eu me virei. Inclinei a cabeça e olhei por trás das vigas. E fiquei sem ar com a surpresa.

— Mac? Você está vivo? Mac? É você mesmo?

# capítulo 38

## Socorro

Seus cabelos estavam despenteados pelo vento. Seus olhos estavam arregalados, intensos.

Ele assentiu.

— Estou vivo.

Ele foi até a beirada da água e eu estendi as mãos para que ele me puxasse do lago.

Minha roupa estava ensopada, a água escorria pelo meu rosto e eu não conseguia parar de tremer.

Mas eu o observava, incrédula.

— E-eu achei... — gaguejei.

— Achou que eu tivesse morrido? — Ele sacudiu a cabeça. — Não. Eu não fui atingido. — Ele tentou afastar o cabelo para trás, com as duas mãos.

— Eu... vi você cair.

— Não fui atingido. Eu fingi — explicou ele.

— Eu queria dar a você e ao Brendan uma chance de fugir. A bala pegou na parede, nem passou perto de mim.

Eu não sabia o que dizer. Ver Mac era como ver um espírito, era como ver Patti, Kerry e Eric vivos outra vez. Só que o Mac não estava num jogo. E o rifle que o cara alto tinha disparado era real.

Ele tirou a jaqueta de couro e colocou nos meus ombros trêmulos.

— Mac... Como você fugiu? Como me encontrou?

— Os dois saíram correndo — disse ele, com os olhos ainda fixos nos meus. — Foram atrás de você e do Brendan. Eu esperei até que eles tivessem ido embora, depois saí. Imaginei... — A voz dele foi sumindo.

— Você foi muito corajoso lá dentro — eu disse. — Partiu pra cima deles. Eu achei... Achei que você estivesse maluco. Mas...

Mac finalmente ergueu os olhos. Ele se virou e olhou para trás.

— Temos que nos apressar, Rachel. Me segue.

— Seguir você? Pra onde?

Ele apontou para a margem. Acima de nós, a lua tinha ressurgido. Os olhos de Mac cintilavam como prata sob a luz súbita.

— Vem — ele sussurrou. — Não há tempo. Eu tenho uma canoa, Rachel.

Ele saiu correndo pelo capim alto, seguindo a margem.

— Escondi do outro lado. Longe do cais. Vamos, depressa.

Hesitei. Será que devia segui-lo? E quanto ao Brendan?

Se eu voltasse à cidade, poderia chamar a polícia de Shadyside. Poderia resgatar Brendan e o pessoal do porão.

Mac gesticulava para mim, impaciente.

— Vem. Anda logo. Vamos. Vou tirar você desta ilha.



— Está bem. Obrigada. — As palavras saíram num sussurro trêmulo. *Será que eu realmente estava saindo viva daquele pesadelo?*

Inclinada contra o vento, segui Mac pelo mato. Nossas sombras eram longas sob o luar, como dedos estendidos à nossa frente. Percorremos o desenho da borda da ilha. Árvores finas perfilavam a margem, inclinadas, como se também tentassem fugir da ilha.

Outra curva acentuada e estávamos de volta à floresta. O luar prateado aparecia e sumia, fazendo tudo parecer irreal, fazendo as árvores desaparecerem e ressurgirem como mágica.

— Mac... aonde estamos indo?! — exclamei. — Eu levei tanto tempo pra sair da floresta, e agora...

— Minha canoa está depois da próxima curva, Rachel — ele respondeu, e esperou que eu o alcançasse. Depois, passou a mão em volta da minha cintura e me guiou pelo labirinto de árvores e vegetação.

Eu mal podia esperar. Queria ver aquela canoa. Queria ir para a água, atravessar o lago agitado e chegar a um lugar seguro.

— Por aqui — apontou ele, apertando o braço em volta de mim. Ele me guiou por cima de um tronco caído e por uma abertura estreita, em meio a uma vegetação cerrada.

— Mas nós estamos nos distanciando da água. Não estamos...

Parei quando vi os homens numa pequena clareira, depois dos arbustos. Os dois homens mascarados. E Brendan. Sim. Brendan estava com eles. Um dos atiradores segurava Brendan com os braços para trás. O outro estava em pé, esperando por mim e Mac, com o rifle ao lado.

— Bem-vinda de volta — disse ele.

Uma armadilha. Mac me levou para uma armadilha.

Eu me virei e o encarei, transbordando de raiva.

— Como você *pôde*? Por quê? Por quê, Mac? Por que fez isso comigo?

## capítulo 39

# Traída

Mac ainda estava com o braço em volta da minha cintura. Eu me virei, me afastando dele e encarando-o furiosa.

Ele deu um passo para trás.

— Desculpe — ele disse baixinho. — Eu tive que trazê-la até eles. Não tive escolha. Tive que trazer.

— Teve? — gritei. — Por quê?

— É o meu pai, Rachel. Eu sabia que você o havia reconhecido. Eu não tive escolha. Não podia deixá-la fugir.

— Seu pai?

*É claro. Por isso o atirador de olhos azuis parecia tão familiar.*

Em pânico, meu cérebro não estava funcionando. *Claro que era o pai de Mac.*

*Dwight Garland.*

Garland tirou a máscara de esqui e a jogou no chão. Sua cabeça raspada brilhava de suor. Seus duros olhos azuis se estreitaram para mim. Ele nunca tinha sido muito amistoso. Sempre achei que ele não gostava de mim, mas, agora, eu via mais do que raiva em seu rosto. Via uma dureza, uma expressão que era mais do que frieza.

— Obrigado, Mac — disse ele, numa voz inexpressiva. — Nós não podíamos deixar Rachel fugir... podíamos?

Desviei o olhar de Mac para seu pai.

*Não é de admirar que Mac soubesse tanto sobre o que ia acontecer ali. Nem que ele tenha tentado me impedir de ir à festa. Ele sabia o que o pai tinha planejado.*

— Eu realmente tentei impedi-lo — Mac me disse. — Realmente tentei pegar o rifle. Mas... depois que notei que você o havia reconhecido, eu precisava protegê-lo. Tive que trazer você de volta pra ele.

— Cala a boca, Mac! — Garland rosnou para o filho. — Só fica calado. Estou falando sério.

Mac estava enganado, eu não tinha reconhecido seu pai. Mas, agora, o que importava?

Ainda mascarado, o outro atirador continuava segurando Brendan, que estava de cabeça baixa e tinha os ombros caídos. Então, ele ergueu os olhos para mim. Mesmo à distância, eu podia ver o pavor em seu rosto.

— Estamos encrocados, Rachel — disse Brendan. — Estamos num grande problema.

— Cala a boca! — rugiu o homem mascarado. — O que vamos fazer com esses dois? Eles sabem quem você é. Temos que matá-los. Não está vendo? Não podemos deixar que...

— Ainda não resolvi — Garland interrompeu.

— Talvez possamos fazer com que pareça que tenham se matado — sugeriu o parceiro.

— Você não pode matá-los, pai — disse Mac. — De jeito nenhum. Já é ruim o bastante que você tenha sequestrado os dois. Mas você... você não é um assassino. Você não pode...

— Eu disse pra calar a boca! — vociferou Garland. — Eu nunca quis você envolvido nisso. Se ao

menos tivesse me ouvido, uma vez na vida...

— Deixe a gente ir — pediu Brendan. — Deixe a gente ir e eu prometo... não falaremos com ninguém sobre isso. Vamos fingir que nunca aconteceu. De verdade. — Brendan estava ofegante. — E eu direi a meu pai pra te pagar. Vou te arranjar o dinheiro. Eu prometo.

Garland deu uma gargalhada.

— Você parece estar num filme ruim.

— Isso não tem graça — disse o parceiro. — Ainda podemos pegar o resgate, Dwight. Mas se não os matarmos, certamente seremos pegos.

Garland não respondeu; ele estava observando Mac. Mac estava com os punhos fechados nas laterais do corpo e ofegava. Seu peito subia e descia.

— Mac, eu quero que você vá pra casa agora — ele finalmente disse, e gesticulou com a cabeça. — Pegue sua canoa e dê o fora daqui.

— Mas, pai...

Garland ergueu a mão para silenciá-lo.

— Sem discussão. Quero você em casa. Não quero você aqui, se... se acontecerem coisas ruins. — Ele deu um passo na direção de seu parceiro. — Vá, Mac. Agora.

Mac estava com o maxilar contraído, e abria e fechava os punhos. Deu uma olhada para mim, com o rosto retorcido de raiva. Ou medo. Não consegui identificar o que ele estava pensando.

Não me importava com o que ele estava pensando ou sentindo, porque eu sentia minha própria raiva borbulhando por dentro.

Não pensei em nada nem hesitei, pois eu sabia que aquela seria minha última chance de agir.

Com um grito furioso, avancei e agarrei Mac. Apertei as mãos em seus ombros e... o lancei para longe. Eu o empurrei com toda minha raiva, toda minha força.

Fiquei admirada por ele parecer tão leve e por ter mostrado tão pouca resistência. Ele saiu voando, cambaleando pra trás, caindo por cima do pai e do outro sequestrador.

Xingando alto, os dois homens caíram, trombando um no outro. O rifle caiu da mão de Garland e deslizou na terra.

— Brendan... *corre!* — gritei. Eu sabia que nós só tínhamos alguns segundos até que eles se levantassem.

Dei meia-volta e saí correndo rumo às árvores. Ouvi os gritos zangados atrás de mim. Ouvi Mac gritar “Abaixa a arma!”, ouvi os palavrões e, depois, o barulho dos passos na terra.

Será que Brendan estava atrás de mim? Será que ele tinha fugido?

Sem desacelerar, eu me virei para trás.

— Brendan? — Não. Não, ele não estava ali. Não tinha conseguido fugir deles. — Vou conseguir ajuda, Brendan — murmurei comigo mesma, fazendo uma promessa que esperava poder cumprir.

Passei sob um galho baixo, coberto de limo escuro, e senti um raspão de espinhos nos meus tornozelos, mas não desacelerei. Chutei o emaranhado de plantas espinhosas enquanto corria. Uma luz amarelo-esverdeada lançava sombras sinistras por todo lado. Tentei ignorá-las, mas cada sombra me fazia achar que os dois atiradores estavam ao meu lado.

*Estou correndo pela minha vida. Se eles me pegarem, vão me matar.*

Uma voz atrás de mim — *bem atrás* de mim — chamou meu nome.

— Rachel. Rachel... pare.

O pai de Mac. Será que ele tinha me visto? Seus passos pareciam vir da minha direita. Eu meu virei, mas não conseguia vê-lo. Ele estava vindo me pegar sozinho. Seu parceiro deve ter ficado pra trás, na clareira, segurando Brendan.

Parei de correr e me abaixei atrás de um arbusto alto e fino. Tentei conter minha respiração acelerada e fiquei ouvindo Garland.

— Rachel... você não pode fugir. — A voz dele parecia mais distante em meio às árvores. — Ouça. Eu não vou matá-la. Eu juro. Não sou um assassino, Rachel. Você acredita em mim?

Ele parou de correr e eu entendi que ele estava me procurando nas árvores, atento a qualquer ruído que eu fizesse.

Prendi a respiração. Tentei me espremer para ficar menor e me esconder atrás do arbusto estreito.

— Rachel? Você está aqui? — gritou Garland, mais tenso, com a voz retraída e aguda ecoando pelas árvores nuas. — Não vou machucá-la, Rachel. Só vamos ficar com você e o garoto Fear aqui até a chegada do dinheiro do pai dele. Então, vocês nunca mais nos verão.

Um longo silêncio. Meu nariz coçava e eu o apertei com força. Eu sabia que um espirro seria minha maldição.

— Está me ouvindo? — gritou Garland. — Pode ouvir o que estou dizendo?

*Que bom. Ele não está me vendo. E não sabe a que distância estou.*

— Você acredita em mim? Apareça, Rachel. Não vou machucar você.

Ouvi um som de água atrás de mim, um barulho suave. Silenciosamente, virei a cabeça. Por entre um punhado de árvores finas, avistei o contorno escuro da água. O lago. Eu não tinha percebido que estava tão perto da margem.

Prendi a respiração e não me mexi. Escutei Garland murmurando algo consigo mesmo. Mais alguns palavrões. Então, ouvi folhas esmagadas e a batida de seus pés no chão. Meus ouvidos estavam zunindo com o esforço de perceber esses mínimos sons.

Ele estava se afastando de mim.

— Eu vou encontrá-la — ele gritou. — Você não pode fugir.

Esperei, ouvindo o barulho de seus passos, que diminuía cada vez mais.

Esperei. Esperei um tempo que pareceu muito longo. Uma eternidade.

Então, quando tive certeza de que ele não estava por perto, me levantei. Minhas costas doíam de ficar curvada tanto tempo. Tentei me alongar para fazer passar a dor. Depois disso, recomecei a caminhar, cuidadosamente e com o coração disparado, me apressando na direção da água.

Parei no gramado macio perto da margem. A água batia em meus sapatos já molhados e o luar lançava tons dourados nas ondas baixas.

Quase chorei de felicidade quando vi a canoa. Ela estava virada de cabeça para baixo, na margem gramada, com os remos inclinados nas laterais. Um feixe de luz amarela recaía sobre ela, com um abajur.

A canoa. A canoa de Mac.

Dei alguns passos cautelosos em direção a ela. Eu nunca tinha remado uma canoa, mas sabia que não seria difícil. Beth e eu tínhamos andado de caiaque com nossa prima num lago, no verão. Aquilo tinha

sido fácil e divertido. Uma canoa não podia ser muito mais difícil.

Respirei fundo e fui correndo até ela. O solo foi ficando macio e meus sapatos afundavam na lama enquanto eu corria e planejava minhas ações. *Empurre a canoa até a água. Entre e pegue um remo.* Eu estava a alguns palmos da canoa quando uma voz gritou diretamente atrás de mim.

— Pare agora mesmo, Rachel.

Eu me virei e vi Dwight Garland empunhando o rifle na altura do ombro, sua cabeça careca reluzindo sob o luar.

— N-não... — gaguejei.

— Pode parar aí mesmo. Afaste-se da canoa. — Ele gesticulou com o rifle. — Não fique aí em pé — ele rosnou. — Afaste-se!

— Não — repeti. Minha garganta parecia tão apertada que minha voz quase não saía. — Não. Eu vou embora. Você não vai atirar em mim.

— Afaste-se — Garland insistiu, dando um passo em minha direção. Ele passou o rifle para o outro ombro com o cano apontado para mim. — Não adianta me testar, Rachel. Não quero machucar você. Afaste-se.

— Não! — A palavra explodiu novamente da minha boca. Corri até a traseira da canoa e me abaixei para empurrá-la da grama para dentro da água.

— Afaste-se! — gritou Garland. — Eu avisei! — E ele disparou o rifle. Um tiro. Ensurdecedor.

Gritei e minhas mãos sacudiram no ar.

Outro tiro.

Ele abaixou o cano e deu outro tiro. E outro.

Perdi o fôlego e meu corpo desmoronou no chão enlameado.

## capítulo 40

# “Ninguém vai me culpar.”

De joelhos na lama, fechei os olhos e fiquei esperando a dor esmagadora.

Agora, silêncio. O silêncio da morte.

A dor não veio. Será que eu já estava inconsciente?

Não. Abri os olhos e vi Garland em pé diante de mim, com o rifle abaixado ao lado do corpo.

— Hã? — Eu me virei, confusa. Levei alguns segundos para ver o que ele tinha feito. Ele tinha dado um monte de tiros para furar a canoa, para ter certeza de que ela jamais flutuaria.

Dei um longo suspiro. Meus ombros caíram. Eu não estava morta, mas talvez logo estivesse. Os olhos de Garland estavam enlouquecidos, me encarando com muita intensidade, como raios laser que ele quisesse usar para me queimar.

— Eu pedi educadamente — ele murmurou, passando a mão na cabeça careca. — Por que não me ouviu?

— Por que deveria? — devolvi. — Você estava dizendo a verdade? Eu acho que não.

Ele me agarrou pelo rabo de cavalo e me puxou para que eu ficasse de pé. As pernas do meu jeans estavam encharcadas e sujas de terra, mas eu nem me dei ao trabalho de tentar limpar.

— Você estava dizendo a verdade? — repeti. — O Brendan está bem? Está? Você vai matar o Brendan? Vai me matar?

Ele cuspiu no chão.

— O Brendan está bem. Mas ficou complicado, não? Muito complicado. — Ele me deu um safanão. Eu podia sentir sua raiva. — Vamos. Está frio aqui.

Nós caminhamos pela floresta em silêncio, seguindo até a casa. Ele se mantinha dois ou três passos atrás de mim. Para o caso de eu sair correndo, eu acho.

Se eu realmente tentasse fugir, será que ele atiraria em mim?

Eu escutava seus murmúrios, e percebi que a tensão estava pesando sobre ele. Seus olhos estavam ensandecidos. Agora ele estava xingando, obviamente agitado.

*Está perdendo a cabeça, perdendo totalmente o controle. Se ele ficar completamente maluco pode não ser bom para mim e para o Brendan...*

Senti um nó na garganta diante dessa ideia. Era como se eu não pudesse respirar.

O caminho de terra fazia uma curva, depois começava a inclinação da colina até a casa dos Fear. As nuvens de chuva tinham passado e o céu noturno se iluminou com um pontilhado de estrelas brancas. Três galhos nus reluziam no alto e lançavam sombras longas pelo caminho.

Avistei outra curva adiante, por entre duas árvores de troncos grossos. Meu coração começou a bater forte enquanto eu decidia se valia a pena tentar fugir. Talvez eu pudesse contornar aquelas árvores e sumir na floresta antes que Garland conseguisse erguer o seu rifle.

Talvez ele não atirasse.

Talvez.

Não pensei no que eu faria *depois* de me livrar dele. Só sabia que minha vida dependia da fuga. Ao chegarmos a uma curva acentuada, minha pele começou a pinicar. Meu corpo inteiro começou a tremer. Respirei fundo e prendi o ar.

Contraí minhas pernas e me preparei para correr. Os troncos largos, forrados de musgo, eram como vultos sobre a minha cabeça.

*Vou contar até três e correr. Vou girar o corpo, me impulsionar e avançar na escuridão atrás de um tronco.*

Até que parecia um plano.

*Um... dois...*

Mas, epa. Não segui o plano. Meu corpo não fez o que o meu cérebro tinha decidido.

Com um grito rouco que pareceu mais animal, eu me virei. Meu grito assustou Garland e ele parou, boquiaberto.

Gritei de novo e dei um salto à frente. Sem pensar, estendi as duas mãos e agarrei o cano do rifle. Sacudi para a esquerda, depois para a direita. Ele lutava para não perder a pegada no cabo.

Mas eu arranquei o rifle dele facilmente.

A arma caiu das minhas mãos e bateu na terra. Nós dois voamos no chão para pegá-la.

Eu peguei primeiro. Passei a mão em volta do cabo e o ergui à minha frente.

Uma expressão de medo tomou o rosto de Garland. Seus olhos azuis se arregalaram quando ele se levantou e deu alguns passos para trás.

Ergui o rifle, apoiei-o no meu ombro e mirei o cano para Garland. Eu nunca tinha atirado com um rifle na minha vida, mas ele não sabia disso.

Ele ergueu as duas mãos, como em rendição. Mas ainda disse:

— Devolva isso, Rachel. Dê pra mim.

Não respondi. Gesticulei com o rifle para que ele mantivesse distância.

Lentamente, ele estendeu as mãos para pegar a arma.

— Você não vai usar isso. Sabe que não vai. Devolva pra mim, Rachel. Não me faça brigar por isso.

Fiquei olhando para ele, tentando não deixar que ele visse minhas mãos trêmulas.

— Não me faça lutar com você. Você vai se arrepender.

— Eu... eu sei usar isto — falei. — Pra trás. Estou avisando.

Ele hesitou, por um momento, de olho no rifle. Então, pulou em cima de mim.

Apertei o gatilho e a arma explodiu contra o meu corpo, dando um tranco forte que me fez cambalear para trás.

Garland fez um som engasgado e levou a mão ao pescoço. Sangue vivo escorria em sua mão.

Atirei de novo e vi a mancha escura se espalhar rapidamente pela camisa dele.

O homem gemeu e caiu de joelhos. O sangue esguichava como uma fonte de seu pescoço e de seu peito. Seu corpo deu espasmos violentos, depois ficou imóvel. Ele caiu de costas e ficou deitado na poça de sangue. Seus olhos azuis permaneceram vidrados, olhando o céu que clareava. Ele não se mexia.

— Isso! — Dei um soco no ar. — Isso! Um já caiu. Falta mais um. Agora vou matar seu companheiro. Por que não? Ninguém vai me culpar.

## capítulo 41

# “Seu mimado nojento.”

Dois troncos largos pareciam guardiões numa curva do caminho de terra. Depois das árvores, a trilha se inclinava para cima, levando até a casa.

— Você está muito quieta — disse Garland. — No que está pensando?

Fiquei tentada a contar que eu tinha acabado de me imaginar dando dois tiros para matá-lo. No que daria aquilo?

*Bem, sr. Garland. Acabei de me imaginar empunhando o rifle e estourando buracos em seu pescoço e peito e vendo o senhor sangrar até morrer.*

Ele provavelmente não gostaria daquilo. E já que já estava murmurando sozinho, falando maluquices, com a careca toda suada apesar da noite fria, decidi guardar meus pensamentos pra mim.

— Nada de mais — respondi.

A casa imensa surgiu, além do gramado da frente, com o capim balançando sob o luar.

— Mac estragou tudo — resmungou Garland. — Ele não deveria estar aqui. Ele não deveria ter se envolvido. Aquele babaca. Babaca imbecil.

Nós continuamos caminhando. Eu não disse nada, pois sabia que ele estava falando sozinho.

— Mac nos disse que haveria uma festa aqui — ele continuou. — Foi quando percebemos como seria fácil pegar o idiota Fear nesta ilha. — Ele sacudiu a cabeça. — Fácil. Deveria ser fácil. Mas, então, Mac me disse que você tinha me reconhecido. Ele disse que você me identificaria. Estragaria tudo.

— Mac tentou me avisar, semana passada — eu disse. As palavras simplesmente saíram.

Garland explodiu, num rugido de ódio.

— Ele o *quê*? Mac lhe contou sobre isso? Ele disse o que estávamos planejando?

— Não — respondi logo. — Não. Ele não me disse nada. Ele...

— Por que ele simplesmente não postou no Facebook? — Garland gritou. — Pra contar para o mundo inteiro? Ele *contou* a você que nós vínhamos aqui?

— Não. De jeito nenhum. — Eu me virei para falar com ele. — Mac não me disse nada. Ele só falou que não queria que eu viesse a essa festa. Ele...

— Cala a boca! — rugiu Garland. Ele virou o cano do rifle para mim. — Cala a boca! Cala a boca! Preciso pensar. — Ele esfregou a careca. — Tenho que entender isso. Meu filho... meu filho idiota... o que ele estava *pensando*?

Caminhei em silêncio. O pai de Mac estava agindo de um jeito cada vez mais perturbado. Falou sozinho o caminho inteiro de volta para a casa. Eu não ouvia o que ele estava dizendo, mas parecia que estava tendo uma grande discussão consigo mesmo.

Nós encontramos Brendan e o outro atirador no salão de festas. Brendan, melancólico, estava sentado numa cadeira perto da lareira com as mãos amarradas atrás das costas.

O atirador rechonchudo estava a alguns palmos de distância, ainda mascarado. Seu rifle estava recostado no canto da parede dos fundos. O fogo tinha apagado e a sala cheirava a fumaça de lenha. O ar



frio bateu nas minhas bochechas.

Vasculhei o lugar e avistei Mac curvado numa cadeira, num canto. Ele estava todo encolhido, com se estivesse tentando desaparecer, e levantou o olhar quando seu pai e eu entramos. Depois baixou os olhos de novo.

— Isso mesmo. Não olha pra mim — Garland gritou para o filho. — Não olha pra mim. Estou avisando.

— Mas, pai. Me dá um tempo. Eu a trouxe pra você, não trouxe? *Não trouxe?* Eu não queria, mas te ajudei.

— Não olha pra mim. Este é o último aviso.

Mac suspirou e se virou para o lado.

Garland me empurrou numa cadeira ao lado de Brendan e seu parceiro amarrou minhas mãos atrás das minhas costas. Eu sussurrei para Brendan:

— Você está bem?

Ele sacudiu os ombros, evitando meus olhos:

— Você está bem?

— Não — respondi. — Como eu poderia estar bem?

— Calem a boca! Calem a boca! — gritou Garland.

Seu parceiro arregalou os olhos de susto.

— Ei, o que vamos fazer? Qual é a ordem, chefe?

Garland estava com o rosto vermelho, suando.

— Eu não queria o Mac envolvido. Mas o idiota avisou a garota. Ele provavelmente também chamou a polícia.

— Eu, não! — Mac exclamou, zangado.

O cara mascarado se aproximou de Garland, encarando-o frente a frente.

— Você disse que isso seria fácil. Dinheiro fácil, você disse. Os garotos trancados no porão. Oliver Fear paga e nós damos o fora. Você me prometeu, Dwight. Não disse nada sobre... sobre... — Ele gesticulou para mim e Brendan.

— Cala a boca. Estou falando sério, cala a boca. Me deixe pensar. — Garland limpava o suor da cabeça.

— Não há no que pensar — insistiu o parceiro, cuspidando as palavras no rosto de Garland. — Eles sabem quem você é. Já fomos pegos. Temos que desistir e dar o fora daqui. Ou então...

Ele tirou uma faca do bolso, sacou-a da bainha e a balançou na frente dele.

Um arrepio de pavor percorreu meu corpo.

— Não diremos a ninguém — avisou Brendan. — Eu disse a vocês. Eu prometo. Não diremos nada a ninguém. Apenas nos deixem ir. Não diremos uma palavra. Meu pai vai pagar e ele vai ajudá-lo a ir pra um lugar bem longe. O dinheiro não significa nada pra ele.

— Seu mimado nojento — Garland murmurou, de cara feia.

— Vamos simplesmente matá-lo — sugeriu o mascarado. A lâmina da faca reluzia em sua mão enquanto ele se aproximava de Brendan. — Eu realmente quero matá-lo, Dwight.

— Não... por favor! — gritei.

Brendan não pediu. Em vez disso, ele só encarava o homem.

— Você não tem coragem — ele disse, entre dentes. — Não pode me matar se quer o dinheiro. Até alguém imbecil como você sabe disso.

O atirador rugiu e levou a faca ao pescoço de Brendan.

— Se eu sou tão imbecil, por que você é que vai morrer?

— Não... espere, Sal — Garland interrompeu. — O idiota está certo. Nós precisamos dele vivo.

— Valeu, Dwight. Você disse o meu nome a ele. Boa. — E arrancou a máscara da cabeça e a jogou no chão. Seu cabelo era ruivo e encaracolado, tinha olhos verdes e um nariz adunco torto. Seu rosto estava encharcado de suor por causa da máscara.

— Precisamos dele vivo, Sal — insistiu Garland.

— Mas não precisamos da namorada choramingando — retrucou Sal.

Um gemido de pavor escapou da minha garganta. Lutei com a corda, mas não adiantava. Eu não conseguia me mexer.

— Espera... — disse Garland.

Mas Sal não esperou. Ele veio em minha direção, com os olhos verdes arregalados e enlouquecidos.

— Espera! — Garland gritou. — Me escuta, Sal. Não faz isso!

Sal ignorou-o e pressionou a lâmina da faca em minha garganta.

Fechei os olhos.

*Ah, por favor. Ah, por favor, não.*

Ouvi o barulho do ar sendo cortado quando a faca desceu.

— Pare! Não! — Brendan gritou.

— Tarde demais — Sal rosnou. — Tarde demais.

## capítulo 42

# Corte

Senti uma pontada de dor atrás da minha cabeça, um puxão forte. Tentei gritar, mas não saiu nada.

Fazendo força para respirar, abri os olhos.

Sal tinha se virado para Garland e agora segurava a faca na mão direita. Na mão esquerda ele segurava o meu rabo de cavalo.

*Meu rabo de cavalo. Meu rabo de cavalo. Eu não acredito. Ele cortou meu rabo de cavalo.*

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada ruidosa. Depois atirou meu rabo de cavalo no meu colo.

— Vocês dois ainda se sentem tão corajosos?

Olhei meu cabelo e estremeci.

Aqueles homens eram malucos, os dois. Será que Brendan e eu sairíamos vivos dali?

— Você já fez sua piada, Sal — disse Garland. — Agora guarda a faca e me deixa pensar.

— Cansei de ver você pensar — Sal gritou para Garland. — Seus pensamentos não deram exatamente certo, cara. Talvez *eu* deva pensar daqui para a frente.

Ele deu dois passos em direção a Garland, segurando a faca diante de si.

Garland ergueu seu rifle.

— Pra trás, Sal. Estou falando sério.

Sal gesticulou com a faca e deu mais um passo em direção a Garland.

— Você ferrou tudo, cara. Você está acabado. E graças ao seu plano brilhante, eu vou cair com você.

— Abaixa a faca, Sal. Pra trás. Não preciso de você. Vou pegar o dinheiro. Com ou sem você.

Sal se retesou.

— Temos que matar esses dois. Se quisermos escapar...

— *Eu* é que vou decidir o que fazer com eles. Não você. Não você, Sal. Pra trás. Vou contar até três.

Sal manteve a faca erguida e não recuou.

Garland contou.

— Um... dois... — Ele estava com o rifle apontado para o peito de Sal.

— Pai... não!

De repente, Mac despertou do torpor. Ele pulou de sua cadeira e veio correndo até o pai.

Sal jogou a faca no chão para avançar e agarrar o rifle de Garland com as duas mãos. Garland girou o corpo, puxando com força, tentando arrancá-lo do parceiro.

Todos os meus músculos estavam tensos. Será que a arma ia disparar como antes? Será que alguém estava prestes a morrer?

— Pai! Para! Para! — Mac estava ali, impotente, vendo os dois homens brigando pela arma.

Brendan e eu também não podíamos fazer nada com as mãos amarradas atrás da cadeira.

Garland xingava e gritava enquanto Sal continuava a brigar pela arma.

— Eu vou te matar! Vou matar vocês todos! — Garland gritou.

Prendi a respiração quando a porta foi escancarada. Brendan e eu gritamos ao ver dois policiais de uniformes escuros correndo em nossa direção, de pistolas em punho.

— Larguem as armas! — um deles gritou. — Vocês estão presos!

Com um puxão forte, Garland arrancou o rifle das mãos de Sal. Ele o girou no ombro e apontou para os policiais.

— Largue a arma! — os dois policiais gritaram juntos.

Garland hesitou. Um bom tempo. Então, jogou o rifle no chão furiosamente, e a arma deslizou até os pés dos policiais. Garland ergueu as mãos devagar acima da cabeça. Sal ficou paralisado ao seu lado, com o rosto vermelho, boquiaberto de choque.

Mac se aproximou de nós e me desamarrou e a Brendan também. Eu me levantei e meu rabo de cavalo caiu no chão, aos meus pés.

Estremeci. *Foi por pouco.*

Eu me apoiei no encosto da cadeira e esperei que minhas pernas parassem de tremer e meu coração parasse de pular. Mas Brendan parecia totalmente calmo. Ele deu um passo na direção dos dois policiais, sacudindo a cabeça.

— Bem na hora — ele murmurou. — Vocês chegaram bem na hora.

Os dois policiais trocaram olhares. Eles continuaram com as armas apontadas. Ambos eram jovens, altos e magros. Um deles tinha um rosto fino e bronzeado e tinha bigode. O outro tinha cara de menino. Ele poderia passar por um adolescente.

O policial de bigode se aproximou de Brendan.

— O que está havendo aqui?

— É um sequestro — respondeu Brendan, apontando para Dwight e Sal. — De verdade. Eles vieram aqui para me sequestrar. Leve-os em seu barco.

— Eles iam nos matar! — gritei. — Se vocês tivessem chegado alguns minutos depois...

Os olhos dos policiais se arregalaram de surpresa.

— Eles não estavam falando sério — disse Mac. — Não era de verdade. Meu pai não tinha essa intenção. Sério. Eles...

— Cala a boca, Mac — Garland vociferou. — Você não está ajudando ninguém. Eu disse pra você ficar em casa.

O policial com jeito de menino olhou pro Mac.

— Você o conhece? Ele é seu pai?

Mac assentiu, mas não respondeu.

— Seu pai entrou aqui para sequestrar essas duas pessoas?

Mac estava com uma expressão amarga.

— Só o Brendan.

— Cala a boca! — Garland gritou para Mac. — Cala a boca! Cala a boca! Você vai ficar aí confessando, antes que eles sequer prendam a gente?

— Vocês estão presos — disse o policial jovem.

— Meus outros convidados estão trancados no porão — avisou Brendan. — Eu vou soltá-los. Vocês precisam levar estes três pra delegacia.

— Certo — respondeu o Bigode. Ele apontou a pistola para Dwight e Sal.

— Entrem em contato com meu pai — disse Brendan. — Oliver Fear. Digam a ele que mande o barco buscar todo mundo. Rachel e eu vamos contar a história toda depois que todos forem resgatados.

Os dois policiais assentiram.

— Vamos indo — o policial jovem disse a Dwight, Sal e Mac. — Vamos dizer quais são seus direitos a caminho de Shadyside. — Eles tiraram as algemas do cinto e algemaram Dwight e Sal.

Minhas mãos ainda estavam agarradas ao encosto da cadeira. Meu peito parecia flutuar conforme eu olhava os dois policiais recolhendo os rifles de caça e levando os dois homens e Mac para fora do salão de festas. Fiquei imaginando se algum dia eu voltaria a me sentir normal.

Será que eu veria aquele rifle apontado para mim toda vez que fechasse os olhos? Seria possível superar o pavor de ter alguém apontando uma arma para você e ameaçando matá-lo?

A porta se fechou atrás deles. Brendan e eu ficamos sozinhos no imenso salão.

Ele ficou encarando a porta, como se esperasse que eles voltassem. Quando finalmente se virou para mim, estava com uma expressão estranha no rosto. Não consegui identificar qual. Será que ele estava mesmo *sorrindo*?

Ele veio até mim, delicadamente me afastou da cadeira e me enlaçou num abraço. Seu rosto queimava junto ao meu. Eu não conseguia parar de tremer, mesmo em seu abraço apertado.

Por fim, ele recuou.

— Brendan — comecei, com seu calor ainda em meu rosto —, aqueles policiais... como eles souberam que tinham de vir aqui?

— Eles não sabiam — respondeu ele. Seus olhos enrugaram, quando ele sorriu.

— Hã? Você os chamou?

— Não. Os telefones não funcionam aqui, lembra?

— Mas, então... Como eles souberam que estávamos com problemas?

— Eles não sabiam, Rachel. — Um grande sorriso se abriu em seu rosto. — Isso era parte do jogo.

— O quê? — gritei. — O negócio todo do sequestro...?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, isso foi real. Dwight e Sal realmente estavam aqui pra me sequestrar. E eles talvez tivessem nos matado. Isso não foi de mentira.

— Mas, e os dois policiais?

— Eles faziam parte do meu jogo do Pânico. Deveriam ter chegado e prendido todos os convidados. Mas se atrasaram, acho que por conta da tempestade...

Minha cabeça estava girando e parecia prestes a explodir.

— Brendan, por favor. Estou totalmente confusa. Aqueles dois policiais...?

— Eles não são policiais de verdade — disse Brendan, ainda sorrindo. — São atores que eu contratei. — Ele riu. — Eles pareciam mais surpresos do que os sequestradores. Eu os vi tremendo. Você não?

— Não — respondi. — Não vi. Eu acreditei neles. Acreditei que fossem policiais de verdade. Achei que talvez fossem apenas novos.

Brendan sacudiu a cabeça.

— Suas armas nem eram verdadeiras. Nós as compramos numa loja de objetos cênicos. Mas acho que foram reais o suficiente para Garland e seu parceiro.

— Isso é insano! — gritei. — O negócio todo. Simplesmente insano! Você é maluco, Brendan. Realmente é. — Num impulso, joguei meus braços em volta dele e o beijei.

Ele me soltou e foi até a porta.

— Temos que soltar os outros. Eles vão ficar muito confusos.

— Eu espero... que estejam todos bem. — E fui atrás dele pelo corredor.

Ele se virou pra mim.

— Agora eu tenho um grande problema.

Eu estreitei os olhos pra ele.

— Que problema?

— O que vou fazer para o meu aniversário do ano que vem?

## capítulo 43

# Mais terror?

Uma semana mais tarde, eu estava de volta ao trabalho como garçomete no Lefty's depois da escola e tentando fingir que tudo na minha vida tinha voltado ao normal. Digo *fingir* porque isso não era exatamente verdade. Toda noite eu tinha pesadelos, sonhava que estava sendo perseguida por alguém que queria me matar.

E o pequeno percurso a pé para casa após o trabalho agora me deixava muito aflita. Cada folha que soprava em meu tornozelo me assustava. Cada sombra que se movia fazia eu me encolher de medo.

— Vai levar um tempo — disse minha mãe. — Mas acabou, Rachel. É só dizer a você mesma que acabou.

Bem, acho que tinha *mesmo* acabado para mim. E para o Brendan também. Nós passamos horas na delegacia explicando o que havia acontecido — daquela vez, aos policiais *verdadeiros*.

Dwight Garland e seu parceiro Sal foram acusados de sequestro e agressão.

Quanto a Mac... Bem, a situação estava bem enrolada. Ele estava sendo acusado de ser cúmplice do crime do pai, mas ainda não havia sido decidido se o caso de Mac seria julgado numa corte juvenil ou de adulto.

Portanto, as coisas não estavam exatamente normais, embora eu fingisse que estavam. Nem tirei um dia de folga. Voltei para a escola e para o Lefty's na segunda-feira, como se nada tivesse acontecido.

Eu estava limpando uma mesa, depois que dois garotos tinham derrubado o jantar no chão, quando Amy entrou no restaurante. Ela estava com um moletom vermelho de capuz e jeans desbotados. Acenou para mim e se sentou à primeira mesa com sofá.

Amy tinha sido uma amiga maravilhosa, a semana toda. Ela foi muito compreensiva e generosa quando eu descrevi o que acontecera na ilha do Medo. E, em nenhum momento, ela falou coisas como: “Eu te disse. Eu te disse pra não ir”.

Ela até disse que tinha gostado do meu novo cabelo curto.

Foi uma noite e tanto no Lefty's. O restaurante estava quase vazio. A maioria do pessoal da escola estava estudando para as provas semestrais. Eu caminhei até Amy e despenquei no sofá de frente para ela.

— Oi. E aí?

— Você ouviu falar do Mac? — Os olhos dela estavam arregalados de empolgação.

— Notícia boa ou ruim? — perguntei.

— Notícia boa pra ele. A polícia retirou todas as acusações. Eles disseram que Mac não foi cúmplice porque ele tentou impedir o pai.

— Nossa. Que bom — comentei. — Você ouviu algo? Ele vai voltar pra escola?

— Não. Ele e a mãe vão se mudar. De novo.

— Nossa — murmurei. Não sabia mais o que dizer.

Amy afastou o cabelo da testa.

— Você viu o Brendan?

— Nós vamos sair na semana que vem — respondi.

— Então, vocês estão saindo?

— Mais ou menos — expliquei. — Nós passamos por muita coisa. Acho que isso meio que nos aproximou.

Amy assentiu.

— Você quer dizer tipo irmão ou como o quê?

Não respondi.

— Ele é muito estranho — comentei apenas. — Ele me confessou que lamentava ter assustado tanto todo mundo na sua festa de aniversário. Mas sabe o que o Eric me disse? Ele me disse que o Brendan está trabalhando num novo jogo assustador pra sua próxima festa.

Amy revirou os olhos.

— Mais um jogo assustador?! Você está brincando.

— Foi o que o Eric disse.

— Eu te avisei sobre ele, Rachel. Sério. Avisei quanto a se envolver com alguém da família Fear. Eles são totalmente esquisitos. Estou falando sério.

Sacudi a cabeça.

— Você está errada, Amy. Brendan não é *tão* estranho assim. Além disso, nós estamos levando um dia de cada vez.

Isso era mentira porque eu ainda tinha uma queda pelo Brendan. Se ao menos ele desistisse dos jogos... O desastre de sua festa não o ensinara.

— Só passei pra dar um oi — disse Amy, se levantando. — Vou ficar acordada a noite toda estudando para o teste de química. Você me liga depois?

— Claro. — Ouvi a campainha da cozinha. Me levantei e fui andando para o outro lado do restaurante. Ainda virei a cabeça a tempo de ver Amy saindo pela porta — e outra pessoa entrar.

De início, eu não a reconheci. Era alguém inesperado e fora de contexto. Impossível. Mas, depois de um longo momento de confusão, percebi que estava olhando para minha irmã, Beth.

Primeiro, reconheci seu sorriso. Pensei: *Beth não pode estar aqui*. Mas ali estava ela, vestindo um poncho azul-marinho por cima de uma saia preta e usando botas pretas de pele, quase até os joelhos. Seus cabelos escuros estavam diferentes. Tinha mechas loiras na frente.

Lefty tocou novamente a campainha da cozinha, mas eu estava avançando pelo corredor para abraçar minha irmã. Foi um abraço apertado, como se ela estivesse fora havia anos em vez de somente alguns meses. Ela cheirava a canela e seu rosto estava frio por causa do clima lá fora.

— Beth... e-eu não acredito! — gaguejei. — Quando chegou em casa? O que está fazendo aqui?

Ela praticamente teve que me desgrudar dela.

— Eu vim pra ver você — disse ela. — Você parece bem.

— Sim. Eu estou bem. Mas... como...?

— Fiquei sabendo que você passou por maus momentos, Rachel. A mamãe me ligou. Ela me contou a respeito. Disse que eu não precisava vir, mas eu quis.

— Que bom, estou tão contente. Estou... perplexa. De verdade. Eu... eu senti tanto a sua falta, Beth.



Ela sacudiu a cabeça.

— Desculpe, eu não tenho sido boa pra manter contato. Não sabia que meu primeiro ano seria tão difícil. Quer dizer... é tão diferente.

Ela ficava igualzinha à minha mãe quando franzia a testa daquele jeito.

— Sem problema. — Apertei sua mão. — Quanto tempo você pode ficar?

— Só até domingo à noite. Não posso perder as aulas de segunda-feira. Mas nós vamos ter tempo de sobra pra conversar. Quero saber tudo, Rachel. Quer dizer, você pode me dizer o que quiser sobre o que aconteceu naquela festa.

— Bem... — Eu estava morrendo de vontade de falar com ela a respeito, mas agora estava relutante. Acho que era porque já tinha passado.

— Eu sei — disse Beth, com os olhos brilhando. — Teremos nosso bom e velho fim de semana, faremos o que fazíamos antigamente. Vamos passear no shopping, no sábado à tarde, e rir do pessoal esquisito, experimentar um milhão de coisas que não vamos comprar e encontrar todo mundo que a gente conhece. Depois, vamos pedir duas pizzas de pepperoni e ficar plantadas no sofá, assistindo aos *piores* filmes de terror do mundo na televisão, a noite toda.

Meu queixo caiu. Peguei Beth pelos ombros.

— Filmes de terror? Filmes de *terror*? Acho que não.

Beth e eu tivemos um fim de semana incrível. Passamos um bom tempo conversando, rindo, nos divertindo, e eu só desfiz a minha mala depois que ela foi embora. Foi quando descobri que algo tinha sumido.

Em todo aquele pavor e empolgação e na minha avidez para fugir da ilha do Medo, eu tinha deixado a minha jaqueta tangerina para trás. A jaqueta que eu adorava, porque minha tia de Nova York tinha mandado de presente. Eu me lembrei de onde a tinha deixado: no salão de festas, quando chegamos após a chuva. Liguei para o Brendan.

— Alguém encontrou uma jaqueta? O pessoal da limpeza? Eles a trouxeram de volta, uma jaqueta laranja?

— Não. Nenhuma jaqueta — respondeu ele. — Provavelmente ainda está onde você deixou, Rachel.

— Podemos ir buscar? — perguntei. — Eu realmente preciso dela. Quer dizer, a casa está aberta?

Brendan providenciou um barco a motor e um piloto para nos levar à ilha, no sábado à tarde. O dia estava escuro e chuvoso, com nuvens pesadas no céu, bem parecido com o dia da festa. Um vento contínuo empurrava as ondas ao nosso redor à medida que nos aproximávamos do cais.

Vê-lo me fez estremecer. *Muitas lembranças ruins naquela ilha.*

Começou a chover bem na hora em que chegamos à casa. Um raio bateu no telhado.

Brendan remexeu nas chaves e finalmente destrancou a porta da frente.

— Vá procurar sua jaqueta — disse ele. — Eu vou esperar bem aqui. Quero ver uma coisa na garagem.

Afastei o capuz do meu impermeável e entrei. O ar estava frio dentro da casa e não havia luz. Dei uma olhada no imenso salão onde tinha sido a festa. O piso de madeira reluzia na luz cinzenta que entrava pelas janelas.

A casa estava em silêncio, exceto pelo som dos meus passos enquanto eu seguia pelo salão. Abri as portas e entrei. Estava tudo vazio: nada de móveis, nada de jaqueta.

*Talvez eu tenha deixado lá em cima, no quarto*, eu disse a mim mesma. O quarto tinha sido limpo e as camas estavam feitas. A cômoda estava vazia. Nem sinal da minha jaqueta.

Olhei o armário e me abaixei no chão para procurar sob a cama.

Não. Alguém deve ter encontrado e... talvez tenham pendurado no armário de casacos, lá embaixo.

Entre no corredor e ouvi um barulho, algo arranhando. E uma batida leve.

— Brendan, é você? — Minha voz ecoou no corredor vazio.

Nada de resposta.

Um retângulo de luz saía da porta de um quarto, no fim do corredor. Ouvi mais barulhos. Será que tinha mais alguém ali? Brendan tinha dito que a casa estava vazia.

Segui depressa pelo corredor, abri a porta do quarto e entrei.

Perdi o fôlego quando vi a mesa comprida na outra ponta do quarto. Estava coberta de pedaços de animais. Pernas de esquilos. Um rabo peludo. Um dorso de gato. Uma coruja empalhada pousada num bloco de madeira.

*Ah, nãããõ.*

Então, vi a mulher na mesa. Ela estava de costas para mim e eu só via seus cabelos brancos ralos e compridos caindo-lhe nas costas. Por cima da... minha jaqueta.

Ela estava vestindo a minha jaqueta tangerina.

— Com licença! — gritei. — Olá?

Primeiro, ela não se mexeu. Então, lentamente... bem devagar, ela se virou.

E minha boca se abriu num grito silencioso.

Ela não tinha rosto. Os cabelos compridos brancos emolduravam uma caveira sorridente. Uma caveira com a minha jaqueta. Seus olhos fundos continuavam fixos em mim, enquanto ela pegava uma faquinha... e enfiava na barriga gorducha de um esquilo.

Finalmente recuperei minha voz e dei um grito agudo.

Ouvi passos apressados no corredor.

Girei nos calcanhares. Brendan irrompeu pela porta.

— Rachel? O que houve?

Eu me virei e apontei.

— E-ela... — gaguejei.

Ele estreitou os olhos para mim.

Fiquei boquiaberta, olhando o quarto. Não tinha ninguém ali. Nada de bicho morto. Nem de pedaços de bichos. A mesa estava completamente vazia... exceto pela minha jaqueta tangerina, embolada num canto.

— Você achou. Lá está sua jaqueta — mostrou Brendan. — Qual é o problema?

Tremendo, agarrei o braço dele.

— Brendan, este quarto. — E-esta casa... — eu gaguejava. — Todas aquelas velhas histórias. A casa... é realmente assombrada... É...

Brendan riu e apertou minha mão.

— Vem, Rachel — chamou ele. — Você não acredita naquelas histórias malucas... *acredita?*



# **Estrada dos livros**

**Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho**